

# REVISTA DO BRASIL

---

---

## SUMMARIO

JOSE DE ALENCAR . . . . .	A neta d'Anhanguera . . . . .	231
OLIVEIRA LIMA . . . . . <small>da Academia Brasileira</small>	A Revolução de 1817 . . . . .	247
BASILIO DE MAGALHÃES . . . . . <small>do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro</small>	Domingos Jorge Velho . . . . .	260
JULIO CESAR DA SILVA . . . . .	Sonetos . . . . .	265
SERGIO ESPINOLA . . . . .	G. C. P. A. . . . .	268
RODOLPHO VON IHERING . . . . .	Os nomes zoologicos em Portuguez . . . . .	282
PADRE HELIODORO PIRES . . . . .	D. Luiz de Britto . . . . .	291
MACHADO DE ASSIS . . . . .	Um prefacio . . . . .	304
AFONSO ARINOS . . . . .	Feiticeira . . . . .	309
COLLABORADORES . . . . .	Resenha do mez . . . . .	320

*(Continúa na pagina seguinte)*

---

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 15 - ANNO II

VOL. IV

MARÇO, 1917

---

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL



5

**RESENHA DO MEZ** — A campanha nacionalista — Pedagogia (*Carlos da Silveira*) — Bibliographia — Alfredo Pujol — Movimento theatral — A defesa nacional (*Olavo Bilac*) — Lafayette (*A. Chateaubriand*) — Oswaldo Cruz (*Arthur Neiva*) — Machado de Assis (*Alfredo Pujol*) — Th. Ribot — Somnos profundos — A mulher de Goethe — Phantasmas celebres — Sosas — As boas maneiras — Don Juan — O caçador de condores — Publicações recebidas.

ILLUSTRAÇÕES: José Luiz de Mendonça — Domingos José Martins — Brigadeiro M. J. Barbosa de Castro — Gervasio Pires Ferreira — C. Pinto de Miranda Montenegro — Muniz Tavares — A bandeira da Republica — Casa do Erario Publico — Alfredo Pujol — Oswaldo Cruz.

As assignaturas começam em qualquer tempo

e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

# Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA  
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA

REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

ALFREDO PUJOL

SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

**Largo da Misericordia, 4**

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se sâques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10.000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.



# Casa Tolle

FABRICA DE BONBONS  
FINOS, CHOCOLATES E  
LICORES

A UNICA FABRICA QUE EX-  
PORTA CHOCOLATE PARA A  
EUROPA.

Rua Piratininga, 27  
Caixa do Correio, 201  
S. PAULO

*Casa fundada em 1895*

PRAZO DEZ MEZES  
JUROS MODICOS



## Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8  
Telephone N. 1195  
End. Telegr.: EMISEL  
SÃO PAULO

PLACAS  
ESMALTADAS  
E DE METAL

*Massucci Peracchi  
Nicolini*

TELEPH. 3641

GRAVURAS  
CARIMBOS  
DE BORACHA  
FORMA PARA SABONETE



ESCRITORIO - Rua Florencio de Abreu 52  
FABRICA - Rua dos Alpes 79 S. PAULO

# REVISTA FEMININA

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assumptos femininos.

Recommenda-se especialmente pelo criterio com que é dirigida, contendo leitura escolhidissima e de moral impecavel, pelo que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas. Chrysanthème, a chronista das segundas-feiras do "Paiz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreveu:

"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENHORAS BRASILEIRAS DEVEM LEL-A E DAL-A A LER A'S SUAS FILHAS"

SECÇÕES de modas, bordados, trabalhos de agulha, artes applicadas, metaloplastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.

SECÇÕES de educação social, de educação privada.

SECÇÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.

SECÇÕES de ornamentações, estylo e decoração.

AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.

RECEITAS originaes de fogão e forno.

SERVICO completo e perfeito de remessa para o Interior e artigos para trabalhos.

A assignatura custa apenas 7\$000

Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correio.

Dirijam suas cartas á Directora  
VIRGILINA DE SOUZA SALLES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

*Vicente Lattuchella*

*Alfiate*

RUA BÔA VISTA, 56

S. PAULO

# Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

## ROBES & MANTEAUX

*Lingerie de Luxe, Blouses, Troussesaux*

# Bertholet

*Corsets, Spécialité de Fournitures pour Modes*

*Rua 15 de Novembro, 30*

*São Paulo - Paris*

# REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os juizes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

## CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

LOUÇAS, VIDROS,  
FERRAGENS DE COSINHA

VENDAS A VAREJO

E POR ATACADO

CASA FRANCEZA

DE

L. GRUMBACH & C.<sup>IA</sup>

RUA S. BENTO, 89-91 S. PAULO

---

---

# A NETA D'ANHANGUERA (\*)

(1873)

I

## A EXPEDIÇÃO

A magestosa floresta secular que outrora cobria o interior do Brasil, recebeu dos primitivos e verdes povoadores o nome de *Matto-Grosso*.

Como a verde arassoia que ornava o talhe robusto do guerreiro indio, a grande mata virgem cingia a ilharga do vasto imperio americano, correndo de norte a sul por centenas de leguas.

Em seu prolongamento encontrava a antiga selva com a serra do Gongo e a submergia nas crostaes profundas da sua espessa folhagem, onde jámais penetravam os raios do sol.

Ahi, pelas faldas da serra, caminhava em Março de 1725 uma expedição sertanista.

Transmotava o sol; deviam de ser quatro horas da tarde. Já escasseava a luz no seio da mata frondosa, que a tropa dos bandeirantes atravessava nesse momento.

---

(\*) Graças a uma gentileza especial do seu eminente collaborador, sr. Mario de Alencar, a **Revista do Brasil** publica hoje estes capitulos ineditos de um romance que José de Alencar deixou iniciado. "São paginas, escreve-nos o delicado artista que herdou e carrega com distincção a gloria literaria de Alencar, são paginas lançadas no desalinho da primeira inspiração, e que ficaram na pasta do escriptor, como trabalho de rascunho, e falho até em algumas palavras. Os defeitos que levam, não lhe diminuem, porém, o interesse; ao contrario, a meu ver, dão ao inedito a graça do inacabado, que tanto satisfaz a curiosidade dos admiradores na obra dos artistas, surprehendidos no acto de trabalho".

Iam-se tornando mais soturnos os ecos da floresta; o crepusculo já começava a derramar-se pelas immensas abobadas de eterna verdura; e nos recessos mais sombrios desferiam os oitibós seus vôos crepitantes.

A ponto abriu-se num regaço da mata, aos olhos dos viajantes, longa planície que espraiava-se pelas terras além como um grande lago de verdura.

Alli, na campina, ainda reinava o dia em toda sua pompa americana.

Os fulgores da luz tropical resplendiam pelo vasto recinto, que percorriam bandos de araras e papagaios aturdindo os ares com a estridula grasinada.

Nas touças de Junça, cobertas de lyrios brancos, rôxo e amarellos, enxameavam os colibris, irisando-se aos raios do sol, como os esguichos de uma cascata de rubis ou diamantes.

Pela areia andavam a mariscar as zabelês que arrancavam o vôo sussurante, ao atito do companheiro; e sobre a grama brincavam os campeiros retouçando entre as moitas.

A expedição, que seguia agora pela ourela da mata, era numerosa, e parecia menos uma bandeira, que a reunião de cinco bandas, a julgar pelas insignias, que á frente de cada troço de gente trazia enrolada na haste do chuço cercado de guizos e preso á cabeçada da besta guieira ou madrinha.

No geral caminhavam a pé os viandantes; mas com os combois da bagagem, que precediam suas respectivas bandeiras, vinham além dos animaes de carga, as cavalgaduras precisas.

Rompia a marcha a *Bandeira do Sapo*, a qual tinha por insignia um guião amarello. O tope da haste d'onde pendia o trapo de sarja, embutia-se em um toro de madeira rajado que arremedava a figura de uma intanha.

Logo após do comboi vinha o sertanista, cabo ou dono dessa bandeira. Era homem de estatura meã e de tal corpulencia, que não cedia em grossura ao que media em altura. Tinha as pernas curtas e arqueadas; e os braços não podiam abranger o vasto abdomen.

Mas em sendo preciso, esses membros velhos desenvolviam uma actividade prodigiosa, de que davam boa mostra o passo agil com que despejava o caminho, e os ademanes que lhe suavizavam a larga marcha.

A obesidade que lhe apagava feições e vulto d'homem,



transformando-o em um acervo de carne, deu origem ao appellido de *Sapo*, por que era geralmente conhecido, e de que elle, Pascoal Bayão, se desvanecia, despedindo nos pulos e movimentos a agilidade daquelle bactriano.

Seguia-se logo *O seminario do Diabo*, nome que tinha a segunda bandeira, cuja divisa era uma batina, agora enrolada, mas de ordinario envergada na cruz de taquara cheia de cascaes, que servia de crear á besta da cabeçada.

O sertanista, alto, secco e mirrado, como o esqueleto de um lagarto, que o sol esmichou, caminhava em frente com o passo tão rijo, que lhe fazia bater a cabeça em constante vibração, á semelhança do reptil de que tomara a figura.

Trajado á maneira dos outros sertanistas, com jubão de pelle, compridas polainas de veado, que lhe subiam até o cox (cintura), e alpergatas de couro d'anta; trazia tambem como elles o mosquete a tiracollo, a catana presa á ilharga, e garrafa á cinta em cruz com o facão de matto.

Mas no meio deste fato e petrecho proprios para romper matto e affrontar com os perigos do sertão; havia no traje do sujeito um traço que o distinguia logo de qualquer outro; e era a estola que cingia-lhe os hombros, e cujas pontas roçavam o cabo da faca, e a coronha da pistola.

Era este sertanista o Padre Manoel Borba Gato, que aborrido com a existencia monotona de vigario da parochia de Taubaté, dera em fazer entradas ao sertão para catechisar os indios. Dessa missão apostolica desempenhava-se elle com o maior zelo, arrancando os selvagens das brenhas onde os ia buscar, e pondo-os ao cuidado de pessoas pias.

Accusavam-no entretanto os aleivosos de captivar os indios e vende-los; quando o reverendo apenas recebia uma modica propina para indemnisação dos gastos que fazia com a sua tropa, á qual elle paternalmente chamava "*meu seminario*."

Logo após do padre, vinha o *Pé de Pau*, alcunha por que era tratado geralmente entre os bandeirantes o sertanista Jeronymo Bueno, um dos mais intrepidos e famigerados capitães de entrada, que então se nomeavam por toda a capitania de São Paulo.

Era de galhardo parecer, bem apessoado. Primaria entre os mais guapos e bizzaros cavalleiros, si não fosse o defeito da



perna direita cortada na altura do joelho e substituída por uma canella postiça, d'onde lhe vinha o appellido.

Essa mutilação de um membro locomotor não embargava a marcha expedita do sertanista, tal era a dextreza que elle havia adquirido no manejo daquella tibia de pau, que lhe servia ao mesmo tempo de pé e de arma, pois costumava embutir-lhe a ponta na argola de um ancinho.

A *Bandeira dos Caborés*, de que era dono o Bueno, distinguia-se pelo vermelho dos galhardetes que ao sopro da brisa se enroscavam pela haste da campainha pregada á cabeçada.

O quarto sertanista, Fernão Arruda, o Montanha, era mancebo ainda. Tinha um porte descommunal que lhe dava proporções de gigante, e força prodigiosa. O rosto, de aspecto ..... não o punha o mais ligeiro buço; tinha lisa e baça a tez, que lhe estava denunciando a raça.

Por isso e pela gente de que a formava, conhecia-se por *Bandeira dos mamelucos*, a que dirigia o Montanha, e era o terror dos indios cayapós, os quaes fugiam espavoridos quando avistavam-lhe o pendão azul.

Vinha por ultimo o cabo da expedição, Antonio de Mendonça cognominado o Barbicas, por causa da pera longa, teza e pontuda que lhe espetava o queixo saliente, e estava sempre a mexer-se com a constante mobilidade da maxilla inferior, a morder o bigode.

Orçava elle pelos cincoenta annos, e era sujeito de marca pequena, franzino de talhe, com braços e pernas que mais pareciam canniços. Diziam porém os companheiros que não era de osso, sinão de ferro, aquella careassa; assim como que em vez de pelle, estava coberto de uma malha d' aço.

Si o vulto não o avantajava entre os outros, o olhar penetrante e astuto que desferia a sua pupilla fulva, e a expressão dura e imperiosa que lhe escarnava a physionomia; em certos momentos, bem denotavam a superioridade moral que só lhe pudera disputar entre os companheiros, Jeronymo Bueno.

A bandeira de Mendonça, vulgarmente chamada *dos Ferradores*, não tinha mais insignia do que um grosso arame representando nas suas voltas as Quinas portuguezas. Com isso marcava elle á maneira de rezes, os indios que ia caçando nas suas correrias, e mettendo em libambos.

Chamava elle a esses homens ferrados, de reúnas.



## II

## A MONTARIA

Na frente da ultima bandeira, entre ella e o comboi, iam tres rêdes de viagem carregadas por escravos pretos e indios.

Em uma das rêdes, que tinha nesse momento a cortina levantada, via-se uma dama já no declinio, mas ainda formosa. Ressumbrava de sua physionomia a serenidade d'alma compassiva, e por ventura um tanto descançada.

D. Branca chamava-se a dama, que era mulher de Antonio de Mendonça, o cabo da expedição.

As outras rêdes, vasia, pertenciam naturalmente ás duas damas, que fatigadas da conducção incommoda, seguiam a pé, pouco adiante, acompanhadas por algumas escravas; espairecendo com brincos de moça e pratica animada a fadiga da jornada.

Uma dessas moças, a mais alta, de talhe esbelto e airoso porte, era D. Beatriz de Siqueira, filha em primeiro matrimonio de D. Branca. A outra, de pequena estatura, porém de mais graciosa compleição, era D. Leonor Peris, irmã de Antonio de Mendonça.

Do rosto não se lhes via mais que os olhos scintillantes, pois traziam um chaile de seda verde, que as rebuçava a modo de manto envolvendo-lhes a cabeça e o busto até a cintura, para resguarda-las dos raios do sol, e dos enxames de mosquitos.

A vasquina curta de belbute azul se esfaldava sobre a pantalona de gorgorão lustrado, que debuxava-lhes a perna bem torneada. Calçavam borzeguins de camurça da terra com o canhão de couro de lontra apertado aos artelhos.

Com meia hora de marcha pela campina, chegou a expedição ás nascentes de um arroio, que brotava dentre os grotaes da serra do Gongo, e correndo para o sul tornava-se por ventura rio caudal.

Ali estavam nas margens do ribeiro, cerca de vinte homens. Separados em cinco turmas, as quaes se escalavam pela campina em forma de xix, trabalhavam á porfia em cercar com um renque dobrado de forquilhas uma quadra de quatro braças por face.

Pertencia essa gente ás bandeiras da expedição, e formava o piquete encarregado não só de explorar os rumos e marcar a derrota, como de escolher para o pouso sitio asado, não só pela boa aguada e pasto, como pela posição estrategica, da maior importancia naquellas entradas por sertões infestados de tribus ferozes.

Designavam os bandeirantes a estas partidas avançadas pelo nome de montaria, talvez pela semelhança que tinham com a batida dos caçadores; o que não impediu que mais tarde se designassem pela mesma forma as canoas empregadas em igual mistér, nas viagens fluviaes.

A montaria costumava preceder de muitas horas a bandeira; e no seu trajecto por varzeas e mattas ia deixando as marcas da rota, ora nas pedras que dispunham de longe em longe pelo descampado, ora pelos entalhes no tronco das arvores, e outros signaes, que formavam uma lingua hieroglyphica entre o guia ou cabo do piquete e o sertanista da bandeira.

Para esse posto tão importante, quanto perigoso, escolhiam-se os homens não só de muito valor e maior esforço, como de grande expediente e aviso. Especialmente no cabo da montaria, de quem dependia a segurança de toda a tropa, eram indispensaveis os dotes de um insigne batedor de matto, avezado ás manhas dos selvagens, e treito nas lidas do sertão.

Momentos antes de chegar a expedição, das brenhas que ensombravam as nascentes do ribeiro e estofavam as grotas do penhasco, rompêra um mancebo que trazia suspenso pelas quatro patas um soberbo galheiro.

Entrando na quadra do centro onde trabalhavam os companheiros, deixou cahir sobre a relva o corpo do animal, que ainda estrebuchava; e volveu em torno rapido olhar, no qual se percebia a investigação do superior.

— Quem mudou a estacada? perguntou o mancebo mostrando uma cerca de pau a pique.

— Fui eu, Giraldo de Toledo; respondeu um dos monteiros.

— E por qual razão, não me dirá, José Ortiz?

— Ora pois! Cá para nós que já temos a pelle curtida, que nem camurça, pouco se nos dá com a friagem d'agua; mas as damas, ora pois, muda de figura; são como os passarinhos, gostam do quente. Ora pois, este cafusa que vê, será tudo



quanto quizerem, menos descortez com as damas, que lhes não prepare o melhor agasalho.

O bandeirante que assim gabava-se de sua cortezia para com o bello sexo, era um pardo, cuja cara grotesca embutia-se na enorme carapinha arripiada, que cingia-lhe os hombros dando-lhe ares de um porco espinho suspenso por dois espeques, pois taes pareciam as pernas zombras.

Riu-se Giraldo dos momos com que ornou o camarada seu requebro namorado.

— Longe de mim offender sua galanteria com as damas, José Ortiz; mas lembre-se que o tempo está abafado, e a noite ha de ser quente.

O pardo envergou o olhar para o horizonte:

— Ora pois! E a chu...

— Assim reponha a estacada na linha que lhe marquei, e avie-se que a gente não tarda ahi.

— E a chuva? repetiu o cafusa.

Fez o mancebo que não ouvia a pergunta e afastou-se para cortar a pratica.

— Ora pois, va lá; disse o teimoso Ortiz; mas é por sua conta e risco.

— Está sabido; retrucou-lhe o moço

— Ora pois!

Resmungando ainda uma vez o seu cacoete, o pardo met-teu mãos á obra, e com pouco a cerca seguindo o traço marcado por Giraldo, fechava um losango com porta, semelhante a uma pequena recamera, cuja face posterior ficava sobre a margem do rio na batente d'agua.

Entretanto o mancebo suspendendo pelos pés o veado a uma forquilha, tirava a faca de matto e esquartejava a caça, atirando as grandes peças em uma cova forrada de folhas de banana, que um dos camaradas acabava de preparar.

Servia Giraldo de Toledo como cabo da montaria, formada das partidas de cada uma bandeira. Pertencia elle á tropa de Antonio de Mendonça, a quem tocava como capitão da entrada, marcar a derrota e dar o guia da sua confiança.

Era um bizarro mancebo de vinte seis annos, tão alto quanto pedia o talhe delgado e flexivel, que, si tinha a elasticidade da lamina de sua fina adaga, tomava quando era preciso, a rijeza e inflexibilidade do cano de seu arcabuz.



Os cabellos negros annellavam em volta de uma fronte alta e direita, onde se lhe estampava o animo resolutivo. O semblante de nobre compostura assombrava-o um como recolhimento indício da concentração de uma alma de tempera, que elle recatava das extranhas, da mesma forma que a folha polida e brilhante da sua espada, elle a guardava na bainha para não expol-a á ferrugem.

O traço peculiar de que usava, muito realce dava á elegante compostura de sua pessoa. Trazia elle um corpo de fina pellica de corsa que o vestia todo, como uma luva, a modo de meia de seda que usavam outrora os pagens em côrte.

Sobre esse pellote vestia um gibão, justo e sem mangas, de dragueite pardo que descia até o meio da côxa, apertado á cintura por uma larga facha feita dos fios do crautá, á qual prendia a espada e o punhal.

Por sombreiro trazia um gorro de pelle de gato montez com, por tope, uma cruz de osso no broche. O calçado eram coturnos inteiriços de cascavel, cerrados no artelho, e sem outro solado mais do que as escamas do reptil.

Quando o monteiro que abrira a cova, de novo a cobriu de terra, e accendeu em cima o fogo para preparar o moquem, a bandeira do Sapo apontava na assomada fronteira.

### III

#### A RIXA

Fez alto a expedição, e cada bandeira foi tratando de arranche-se no sitio que os seus monteiros haviam escolhido.

Tinha o acampamento como se disse, a figura de um xix. O centro onde cortavam-se as duas aspas, foi occupado por Mendonça; as duas pontas voltadas ao nascente, pelo Bueno e Padre Borba; da banda do poente ficaram o Mameluco e o Arruda, e Pascoal Bayão.

Descarregados os combois, começou a labutação do pouso. As cangalhas e macas eram arrumadas entre as estacas da linha exterior, formando uma especie de pallissada. Armavam-se as rêdes de uma a outra forquilha por todas as faces do



quadrado, deixando apenas uma entrada para o interior do arraial.

No centro, que servia de varanda e cozinha, já ardia o fogo; e a rancheiro dispunha as marmitas de barro da terra e outros aprestos da ceia, enquanto assavam na brasa as espetadas de caça e os inhames agrestes.

No rancho do capitão havia de mais um compartimento não só resguardado por uma estacada interiormente de tapesaria, como ainda coberto de couros em cabelo, que o abrigavam dos maiores temporaes.

Era esse o aposento destinado ás damas; ahi deviam pousar a mulher, a irmã e a enteada do capitão.

Outra particularidade se notava no arranchamento do chefe; e era uma como guarita feita com alta e rija estacada, e collocada da parte de fóra do rancho, á distancia de tres ou quatro braças.

Logo que chegou o comboi do Barbicas, o seu capataz conduziu para aquelle ponto um lote especial de mulas, carregadas com broaces, semelhantes ás que ainda hoje usam os tropeiros para conduzir fubá.

Os cinco sertanistas se tinham já acercado do sitio, para assistir á tarefa, que parecia interessal-os ao ultimo ponto; e á medida que os comboieiros sacavam dos ..... uma das broacas, e a atirava dentro da guarita pela abertura deixada com esse fim, o Sapo ia contando em voz alta o volume.

Era de muito peso a carga, pois não só os animaes alagados em suor arquejavam, como os descarregadores ao metter hombros ás broacas, gemiam com o violento esforço. Ao quinto cargueiro, os sujeitos vergaram o lombo e não puderam tirar as alças.

- Então não vae? perguntou o Bueno.
- Que perrengues! exclamou o Barbicas.
- Pesa que nem o diabo! disse o comboieiro esbofando-se.
- Mais do que o Sapo? observou o padre a rir.
- Elle é capaz! tornou o comboieiro.
- Vamos a vêr! disse com a voz arrastada o Mameluco.

Encostando a mula, sem metter o hombro, e só com a cana do braço esquerdo começou o Arruda a sacar as broacas, e a vareja-las por cima da estacada.

Inquietou-se o Barbicas com o baque.



— Safa!... Que me esborrachas as meninas, Arruda!

— Este Mameluco hade ser sempre um brutamontes! resmungou o padre.

Impassivel, continuou o mulato a pinchar as broacas uma após outras para dentro da guarita.

— Doze! contou o Sapo, quando cahiu a ultima.

— Duas para um, e o resto a dividir; observou o Pé de Pau.

— Como é lá isso, compadre? perguntou o Barbicas a rif. Não foi esse o ajuste, si faz favor. As duas que sobram, uma é para os gastos da expedição; quanto á outra, pertence-me, como dono da empresa.

— Os gastos da expedição tambem nós os fizemos, que nenhum sahiu de Taubaté com as mãos abanando; redarguiu o Sapo com um riso de chasco.

— E lá isso de dono, todos nós o somos, cada um de sua parte;olveu o Bueno fincando no chão com assomo de irritação a ponta da perna de pau.

— Deveras, meu mestre? exclamou em tom escarninho o Mendonça, retorcendo a longa pêra, o que era nelle indicio de colera.

— E' o que lhe digo! tornou o Pé de Pau, com insolencia. Eu cá não reconheço primazias de ninguem! Aqui somos todos iguaes; tanto vale um como outro. Não ha cabeças.

— Foi esse o trato! accrescentou o Bayão peremptoriamente.

— Mentas como um descarado que és, compadre!

Lançou o Barbicas estas palavras com um gesto de desprezo ao Bayão e voltou-se para responder ao Bueno. Affrontado com a injuria, o Sapo dera uma guinada no impeto de saltar sobre o capitão. Mas conteve-o a manopla do Arruda, que segurando-o pela nuca o removeu para traz:

— Deixe lá os homens destrinçarem o seu negocio.

— Brutalhão! resmungou o Sapo inchando como uma intanha.

No emtanto Mendonça redarguia ao Jeronymo Bueno nestes termos:

— Pois fique sabendo, sô perneta, que ninguem manda aqui senão eu, que sou o unico dono da descoberta, e o cabo da expedição, por todos acceito e reconhecido. Os serviços das bande-



ras que trouxe commigo, hão de ser pagos conforme a avença que fizemos; mas não soffrerei que se mettam a repartir e dispor do que me pertence.

— Então, barba de bode, eu, Jeronymo Bueno, estou aqui á tua soldada miseravel como teu creado de servir! gritou o Pé de Pau furioso.

— Creado de servir, não, que este prestimo não tens; mas soldado do ganho, sem duvida que o és, pois te pago o soldo, e caro!

— Ah! cão! urrou Bueno sacando da espada.

— E tu o que és sinão um vil sevandija? berrou o Barbicas e cahiu em guarda.

— E' preciso enterrar essa carcassa que fugiu da cova! grasnou o Sapo, brandindo o chanfalho e collocando-se ao lado do Bueno.

O Arruda, que já estava á esquerda do Mendonça, soltou uma risada longa, dizendo:

— Nunca esborrachei um sapo!

Já se cruzavam os ferros, quando o reverendo, que de parte observava esta scena, com uma ironia ..... interveiu separando os adversarios:

— Estão vocês todos os dias, depois que deixamos os campos dos Goyazes, a tirar razões e repetir a mesma scena, vindo ás mãos ao cabo da menor disputa.

— Porque não cessam as affrontas; e estamos cançados de soffrel-as! atalhou o Sapo.

— Mais estou eu de aturar gente .....

— E' melhor acabar logo com isto duma feita! avisou o Bueno fincando no chão a perna postiça.

— Acabemos mesmo! disse o Arruda com a sua habitual pachorra.

— Tudo tem seu tempo; advertiu o Padre Borba sentenciosamente. Ainda não é occasião de acabar, pois nem meio caminho andamos. Ora figuremos o caso de que o Bueno com o Balyão levassem a melhor

— E' o que veremos! atalhou o Barbicas.

— Fallo pelo supposto. Senhores os dois da maquia, não lhes podia vir a cada um a tentação de querer tudo para si?

— Humh! fez o Sapo fungando e envesgou um olhar desconfiado para o Pé de Pau.



— Um Bueno não se mede pela bitola de qualquer vasoelho de sacristia. Veja como falla, sô padreco!... gritou o Pé de Pau.

Revestiu-se o Borba da humildade evangelica:

— E' verdade, filho, que eu, um pobre servo de Deus, um cousa á tôa, não sou para comparar-me com os descendentes daquelle que rejeitou uma corôa, ainda que tambem eu não use da minha, mas por falta de barbeiro que não por soberbia. Todavia a carne é fragil, e todos nós, grandes e pequenos, somos feitos desse mesmo limo, e com um tal pendor para certo pó amarello, que eu tenho cá para mim que Deus fez nosso pai Adão, com lama de cascalho.

— O Padre é dos diabos! disse o Sapo a rir.

— Assim que ninguem está livre dessa tentação, e vem tão forte ás vezes que parece bebedeira, e não deixa de ser, que o tal pó entra pelos olhos a dentro, e a gente não vê mais sinão amarello.

— Visto isso, o Reverendo tambem toma da tal carraspana, observou o Barbicas a rir.

— Eu, filho, sou feito de carne e osso como os outros. Mas então, como dizia, si formos assim nos destruindo uns aos outros, afinal si algum levar a melhor, com certeza irá cahir nas mãos do primeiro aventureiro que o encontrar, a menos que não o tenham antes assado e comido os Cayapás.

— Lá isso é verdade! ponderou o Sapo.

— E não fallo do risco maior de entrar a tentação na gente de cada um, e tomando o bom exemplo dos cabeças, assentarem que não é justo caber a cinco sómente o que todos ajudaram a buscar e defender; devendo o lucro da empresa ser repartido com igualdade por quantos nella trabalharam.

— Esse medo não o tenho eu! disse o Barbicas com segurança.

— Não é bom fiar! tornou o Padre.

— De certo! acudiu o Bueno. Ainda que eu estou descansado acerca da minha bandeira; é gente segura; mas as outras...

— Quanto á minha, não se assuste! atalhou o mameluco.

Tomando o Bueno á parte, conseguiu o Padre Borba arre-



da-lo dos outros sertanistas, desvanecendo assim de todo a rixa que sua intervenção já havia applacado.

## IV

## A CANINANA

Emquanto os sertanistas altercavam acerca da divisão do carregamento que traziam nas broacas de couro, no rancho do Mendonça os monteiros preparavam o aposento especial das damas.

Era uma pequena recamera, formada de sebes ou ramadas, e coberta de couros em cabelo, que podiam abrigal-a dos maiores temporaes. Forravam-lhe por dentro as paredes tapessarias de raz que não só resguardavam das vistas o interior, como agasalhavam melhor nas frias noites do sertão.

Giraldo de Toledo, dirigindo e apressando aquelle serviço, ao qual parecia applicar-se toda sua attenção, não perdia de vista as damas que praticavam a alguma distancia, volvendo os passos pela margem do arroio, enquanto esperavam que se aprestasse o seu aposento.

Conduzindo os comboieiros, para dentro da improvisada alcova, as malas das damas; D. Beatriz de Siqueira aproximou-se para vêr si faltaria alguma cousa, ou para ordenar os arranjos que estavam a seu cargo.

Aproveitando o ensejo, Giraldo tomou por pretexto bater numa escora da cerca, onde nesse instante a moça recostava-se negligentemente fazendo recommendações aos escravos.

— D. Beatriz de Siqueira! disse o moço á esconça, e sem interromper o trabalho, para que nem o ouvissem os outros, nem desconfiasssem.

A dama, de costas como estava, ergueu a cabeça á maneira da pessoa que ouvindo algum rumor, se põe á escuta. Desse gesto induziu o monteiro que a moça lhe prestava attenção.

— Urge que lhe falle, tornou o mancebo com um tom firme e resolutto.

Rapida e subtil inflexão da fronte gentil respondeu a Giraldo, que insistiu ainda mais imperioso:



— E ha de ser hoje, nesta mesma tarde, antes que venha a noite.

Desta vez perpassou na fronte da moça uma oscillação imperceptível, que lhe imprimira o assomo da recusa.

— E' preciso!

D. Beatriz curvou a cabeça; e disfarçando com os aprestos que recommendava ao cuidado das escravas, voltou-se para lançar ao mancebo um olhar de interrogação.

Erigindo o talhe, Giraldo alongou os olhos pela floresta, na direcção da gruta donde borbotava o arroio; e vendo no semblante da moça que ella o havia comprehendido, occupou-se de sua tarefa, como quem tinha agora mais que nunca pressa de acabal-a.

De genio affouto e character decidido, que se havia acrisolado com a vida do sertão, e os perigos que a cercavam no meio de aventureiros sem lei, nem escrupulos; D. Beatriz de Siqueira, tendo consentido no empraçamento que della exigira o mancebo, não hesitou um instante na execução do seu designio uma vez tomado.

Entre as alfaias e trastes, que os escravos já tinham arrumado no aposento, havia uma bésta maneira, feita de rosa com tauxia de jacarandá, obra de primor, que bem mostrava te-la o artista destinado para as mãos assetinadas de uma dama.

Travando da arma, que mais parecia adorno em suas mãos, e atirando á espadua o carcaz das flechas, encaminhou-se Beatriz para a floresta.

— Onde ides, Beatriz?

— A' caça, senhora mãe.

— Não é tarde?

— Torno já; é emquanto atiro áquelle macuco que me está chamando; disse a moça a rir.

— Leva a Rosaura contigo.

— Tambem eu vou; disse D. Leonor de Mendonça

As duas moças entraram na matta acompanhadas de escravas; mas Beatriz, adeantando-se em busca da caça, e mais agil em resvalar por entre a folhagem, que ella sabia afastar com a mesma graça que punha em rocegar suas roupagens de seda; breve desapareceu no mais vasto da floresta.

Apenas achou-se livre das companheiras, a moça orientou-se no meio da máttá, seguiu direita a linha que lhe traçára o



olhar de Giraldo e foi dar em um pequeno claro, onde as copas frondosas formavam uma perfeita arcaria de folhagem sobre os columnates dos troncos seculares.

Ao penetrar nessa galeria selvatica, a moça retrahiu de subito o impulso da corrida, e estacou á borda da matta com um ligeiro arrepio que lhe estremeceu o talhe esbelto, e o olhar fito na ramagem fronteira.

Ali, entre o folhiço via-se uma serpente que enroscava-se toda em aneis cerrados. Pelo dorso negro, malhado de amarello, e pelo desmesurado comprimento do toro delgado, reconheceu a moça uma caninana.

Beatriz sabia da ferocidade dessa cobra, tão audaz que arremette até contra o homem; por isso causou-lhe susto a sua vista inesperada.

Logo porém vibrou-lhe o busto airoso como si o coração dentro se revoltasse contra o rapido desmaio; e promovendo o passo, armou de pronto a bésta com a sobranceria e a confiança de um caçador

Mas luctava ella com um inimigo terrivel, e corria grave perigo naquelle instante.

Desenvolvendo o longo talhe, com a violenta retracção das vertebraes, a serpente se lançou pelos ares e no arremesso cahiu a mais de uma braça de distancia, em pé, fineada sobre a cauda, com o collo em riste, a fauce, hiante.

D. Beatriz com a arma prestes e o olhar fixo, apontava o inimigo, mas no instante de desfechar o tiro, perpassou-lhe outra vez o mesmo calafrio e tremeu-lhe a mão.

No entanto a cobra envolvendo como a roseca de uma mola de aço, para esticar-se logo com a mesma projecção, que pela instantanea rapidez tomava a apparencia do vôo, chofrou-se além, cahindo como da primeira vez hirta e vertical, como o ferro de um dardo.

Ahi estava ella a alguns passos apenas da presa, que ia attingir com o terceiro surto. Ainda mais rapida lançando o bote, silvando como a flecha, atravessou o espaço. A meio porém de chofre, abalara-se de repente, e estrebuchou no chão.

Advertida pela primeira tentativa, Beatriz com o tiro pronto, esperou para desfechal-o, o momento em que a serpente se arrojasse; quando já não podia ella subtrahir-se á pontaria. E' sem duvida mais difficil acertar um objecto que atravessa com



velocidade o espaço do que o alvo fixo; mas a moça tinha confiança na sua destreza, pois muitas vezes se divertira em passar com a seta os araquás que ella propria atirava aos ares.

Não fálhou ainda desta vez a sua boa mira. A seta, despedida a tempo, varou pela boca da caninana cravando-lhe as fauces.

Deixando a cobra a estorcer-se nas vascas da agonia, Beatriz penetrou na galeria de verdura formada pelos dois renques de jequitibás; e estugou a marcha, afim de se desviar das companheiras, cuja garrulice já ella percebia entre os murmúrios da floresta.

Não tinha porém andado tres passos, que um rumor suspeito chamou-lhe a attenção. Voltando-se, lobrigou por entre a basta sebe de trepadeiras que estafava os troncos das grandes arvores, o vulto de um animal, que approximava-se de emboçada.

Tinha o animal com a corpulencia de um cão de fila, a configuração do gato. O pello de amarello vivo era rajado de grandes malhas negras e luzentes. No rosto chato ressumbrava-lhe a ferocidade do carniceiro, nunca domado, que sómente se repasta no sangue.

A essa especie de gato montez davam os indigenas o nome de *maracajá*, que os primeiros sertanistas, praticos na lingua e nos costumes tupys pelo continuo trato com os selvagens traduziram mui exactamente por *gato malhado*.

Com as patas dianteiras espalmadas no galho da arvore, ao qual encostava o peito, e os quadris já retrahidos para desferir o salto; rojava o maracajá resvallando subtilmente entre as folhas.

JOSE' DE ALENCAR.



---

---

# CENTENARIO DA REVOLUÇÃO DE 1817

Discurso pronunciado pelo orador official, Dr.  
Oliveira Lima, na sessão solenne de 6 de Março de  
1917, no Theatro Santa Izabel, Recife.

Exmo. Sr. Governador do Estado,

Minhas Senhoras, Senhores:

Celebrando festivamente o primeiro centenario da revolução de 1817, o Estado de Pernambuco e os Estados vizinhos, em direcção ao norte, por onde ella se propagou, a saber Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, perdendo de intensidade á medida que se afastava do seu centro de impulsão, prestam adequada e merecida justiça aos que luctaram, soffreram e morreram pelo seu ideal politico, que foi um ideal de liberdade. Nem se póde acoimar de tardia essa justiça: os martyres de 1817 foram venerados desde o primeiro dia e os seus vultos crescendo sempre na tradição popular. O recuo de um seculo não é demasiado para dar a essas figuras as devidas proporções historicas, que entretanto as não privam do relevo adquirido.

O Estado de Pernambuco nomeadamente recorda e comemora por esta forma solemne a sua iniciativa pratica no movimento da Independencia Brasileira, cuja data auspiciosa o Brasil inteiro se dispõe a saudar dentro em pouco. Tal iniciativa assentava aliás perfeitamente a gente que no seculo XVII defendera com singular desassombro a soberania portugueza n'este hemispherio e lograra conservar intacta a integridade da nação que se estava formando atravez de variadas peripe-



cias, todas se cifrando na conquista, mediante a penetração pelos exploradores dos sertões, da immensidade territorial á qual já cabia o nome de Imperio antes que a esta denominação se recorresse para mostrar que o nosso paiz não constituia mais um reino pelo puro direito dynastico, mas uma nacionalidade regida por um governo de aclamação popular na sua forma monarchica e hereditaria.

Estaria a capitania que os democratas de 1817 pretendiam subtrahir á autoridade real e ao dominio lusitano, em condições de constituir um Estado independente e uma communi-  
dade republicana? A pergunta impõe-se; impunha-se desde logo, mas entretanto, só agora parece possível responder a ella, ou pelo menos esboçar uma opinião a respeito.

O padre João Ribeiro, a mais notavel e a mais tocante das personagens da revolução, teve a prompta intuição de que era pouco viavel a organização autonoma de tantas pequenas republicas. Ellas deviam formar constellação, ligar-se por laços politicos indissoluveis e consagrar essa união erigindo uma capital geographicamente central.

┌ O historiador da revolução, o monsenhor Muniz Tavares, cujo trabalho o Instituto Archeologico acaba de mui opportunamente reeditar, duvida mesmo, apesar dos seus sentimentos acendradamente democraticos, que a experiencia fosse feliz, julgando-a antes temporã. Elle não só chama a attenção, com agudo senso sociologico, para o perigo de transplantarem-se instituções estrangeiras sem levar em conta o espirito local que poderá achar-se ou não em situação capaz de perfilhal-as, e rende homenagem insuspeita á bondade do monarcha que viera erguer seu throno sob o céu dos tropicos, como declara concordar com o martyr José Luiz de Mendonça em que a mudança instantanea da escravidão á liberdade representa um salto mortal. Seria aliás possível conceber uma democracia associada á institução servil? A democracia americana tentou semelhante consorcio, por uma manifesta contradicção em virtude da qual o Sul conservava toda a gente de côr na escravidão ou no aviltamento, quando a Declaração da



José Luiz de Mendonça

Independencia, bebida por Thomas Jefferson na philosophia franceza do seculo XVIII, proclamára que todos os homens tinham sido creados iguaes.

Um historiador americano escreve porém que os seus patricios d'aquelle tempo nem eram todos iguaes, nem o queriam ser. Os nossos revolucionarios quereriam bem sel-o, mas não ousavam, medindo suas responsabilidades do momento. Elles acreditavam que o governo cabia aos capazes antes do que aos ricos e á gente bem nascida, e no intimo de suas almas tanta repugnancia havia á propriedade do ser humano que o consul de S. M. Britannica escrevia officialmente, a 12 de Março, que estava assente a abolição do trafico negreiro (*it is giventhat the slave trade is to be abolished*).

O conceito expresso por José Luiz de Mendonça sobre o perigo de uma brusca transição politica podia tão pouco ser refutado pelos argumentos da razão, que Domingos José Martins quiz, para combatel-o, recorrer á violencia, recurso de que de ordinario lançam mão precisamente os que não teem razão.



Em todo o movimento politico se de-Domingos José Martins senham estas duas correntes — a dos moderados e a dos exaltados; em toda revolução se contrapõem os audazes aos timoratos. José Luiz de Mendonça era destes. Domingos José Martins pertencia ao numero d'aquelles, que são habitualmente os que levam a melhor. Os jacobinos da Revolução Franceza destruíram os girondinos — Lamartine narrou esta pathetica historia em termos que fizeram o deleite das nossas leituras juvenis; os convencionaes sobrepuzeram-se aos constitucionaes pelo processo radical da eliminação até que, tiveram de dobrar a cérviz sob a ferrea mão de um general, que era ao mesmo tempo um estadista e restituiu á França deliquescente a reorganisação vigorosa de que ella carecia.

Entre nós a violencia não chegou na pratica a substituir a brandura: não tivemos um systema de terror. Eram revolucionarios um tanto originaes esses, que conservaram nos seus postos os funcionarios publicos do regimem colonial; que não se deram ao luxo de fuzilar, nem enforcar adversario algum; que



respeitaram escrupulosamente os cofres do Estado, deixando-os intactos aos inimigos, tendo os membros do governo começado por declarar que abriam mão de todo vencimento. Não ha duvida que tal governo provisorio peccava pela excentricidade!

A insurreição de 6 de Março, que tem sido tratada de imprevista mas que na verdade o não foi, pois que a antecedeu longo preparo no seio de sociedades secretas, viu-se levada de vencida e apagada sua modalidade republicana, não tanto porque faltasse ao povo — como de facto faltava — educação para comprehendel-a e defendel-a conscientemente, como porque provaram ser fracos os recursos proprios com que se afoitaram seus dirigentes e provou ser grande o desamparo que se lhes deparou de fóra. Faltaram-lhe os que, dentro mesmo do paiz, se achavam comprometidos n'uma solidariedade que se esfarelou quando se mallogrou o levante concertado, e faltaram-lhe os que no estrangeiro, melhor dito, no resto da America, andavam pelejando por identicos anhelos ou já os tinham realisado.



Brigadeiro M. J. Barbosa  
de Castro

Se não havia ainda no Brasil um sentimento nacional, que só annos depois aprenderia a formar-se, não admira que não existisse a garantil-o um sentimento continental. Pouco importa, entretanto, para a celebração do grande acontecimento historico — o maior no seu genero dos fastos brasileiros — a circumstancia da republica não ha-

ver então vingado, ou mesmo, que não estivesse em gráo de vingar. O gesto foi bello, e já houve quem dissesse que o gesto é tudo. Nem careceria n'este caso que assim fosse.

O movimento de 1817 continha mais do que um gesto: tinha em si a essencia dos movimentos regeneradores. Paixões de certo as encerrava, visto que a paixão e o interesse são inseparaveis das creações humanas, mas purifica-o d'estas faltas a rajada de idealismo que o sacudiu. Elementos antagonicos chocaram-se n'essa occasião: as forças conservadoras e as forças liberaes pugnaram entre si e naturalmente accusaram-se de sombrios intentos.

Na verdade, nem as listas de proscriptos que o capitão general encheu, ao tocar o seu auge a conspiração a que elle fechára os olhos por longanimidade e de calculo, eram vastas como o quizeram fazer crer as proclamações dos rebeldes, nem estes, ao pegarem em armas, se mostraram movidos pelo odio que se não sacia com pouco sangue, e apenas pelo vivissimo desejo de converterem n'uma realidade o seu sonho de governo autonomo e responsavel exercido em nome da soberania popular.

A mudança que quasi podemos capitular de evolutiva, da capitania dependente para Estado independente, custou muito menos vida e sobretudo muito menos barbaridades do que teem custado em tempos recentes simples substituições de governadores, e com uma transformação total do regimen, de absoluto para democratico, sangrou menos o organismo provincial do que com uma derrubada de oligarchia com raizes á flôr de terra.

E' difficil saber exactamente quantas victimas causou o 6 de Março. Nunca se chega a apurar essas cousas. O calculo orça entre 16 e pouco mais de meio cento. A legação ingleza podia mandar dizer para Londres com justiça, conforme consta da sua correspondencia, que a revolução procedera com a maior moderação e compostura, poderia até ter accrescentado com a maior honestidade e clemencia. Este será aliás o seu titulo maximo e perenne de gloria.

Devemos á equidade ajuntar que tampouco existia deliberada e cruel tyrannia, por mais deshumana que possa depois ter sido a repressão brutal e descaroavel. As faltas, os atrazos, os abusos, as prepotencias mesmo que se notavam, eram o fructo da autoridade exercida sem o contrapeso ou antes o freio da sancção popular. Escusado é portanto procurar odios irreconciliaveis que não lavraram porque não ousou qualificar de taes, antipathias por mais alvoraçadas que chegassem a ser, entre gente da terra e gente de fóra, entre o elemento nacional que se aprestava a reivindicar seus direitos de maioridade, e o elemento europeu, quer dizer portuguez, que pretendia conservar o outro



Gervasio Pires Ferreira

numa dependencia que este julgava prejudicial, sob uma tutela considerada humilhante.

A revolução de 1817 foi, bem examinada, muito mais do que um movimento local: Foi um movimento nacional. Geographicamente circumscripta, amplia-se sociologicamente. Nacional era o seu pessoal: promoveram-na e ampararam-na os factores da intelligencia, da actividade e da riqueza do reino brasileiro — padres, officiaes e agricultores. Combateram-na e venceram-na factores tambem de riquezas, de actividade e de intelligencia — commerciantes, generaes e magistrados — mas todos estes impregnados de um espirito que já era estranho ao corpo que pretendia animar, um espirito de exclusivismo, de predominio e consequentemente de compressão.

As crueldades da reacção, que por longo tempo eivaram de resentimento o coração pernambucano, foram a manifestação do desespero da causa para sempre batida, de cujo fim se suspeitava e que por isso mesmo se apegava á ultima taboa de salvação, que é sempre a do exterminio. Os homens são assim feitos que se persuadem que levam a melhor quando calcam o adversario aos pés; pelo contrario, muito mais proveito derivariam de congraçar-se com elle e de juntos cooperarem para a felicidade humana.

Se a revolução tivesse vingado e houvesse estabelecido um governó permanente, os interesses conservadores ter-se-iam deslocado e passado a celebrar novos accordos: assim os agricultores eram pela manutenção da es-craavidão, que aos idealistas logicamente repugnava. O padre João Ribeiro, como José Bonifacio, achava iniqua e immoral a instituição servil; mas a creença geral era que a exploração do sólo dependia absolutamente do trabalho escravo, e que a abolição seria a ruina economica do Brasil. A revolução contemporizou; nem espanta que assim houvesse procedido, porquanto agir diversamente seria cavar desde logo sua ruina.



C. Pinto de Miranda  
Montenegro

Quanto deveria isso ter custado ao padre João Ribeiro, não

teve elle desgraçadamente tempo de nol-o deixar dito; mas podemos imaginal-o com precisão porque no seu cerebro se aninhára, abriera as azas e voejava uma só idéa — a idéa do progresso humano indefinido, com que sonhava Condorcet. Illuminado, chamou ao nosso patricio o observador francez a quem devemos, por um feliz acaso, que o fez estacionar entre nós no anno de 1817, a chronica vivida do movimento que estamos recordando. Vidente, elle na verdade o foi e o futuro apenas poderá dizer quanto havia de previsão e acerto nos seus devaneios philosophicos, em que a grandeza da patria se combinava com o bem estar individual dos que a compõem.

A' igualdade estava bastante nos habitos, mas não estava ainda nos espiritos ou por outra a igualdade apparecia como o resultado natural da fusão das raças, a que o colonizador portuguez se entregára com tanto amor quanta repugnancia ou hypocrisia nisso punha o colonizador saxão. Que igualdade mais completa do que a de formar descendencia de todas as côres! Completal-a nos codigos; tornal-a civil e politicamente perfeita, seria apenas o seguimento de uma tarefa muito bem iniciada.

A republica de 1817 foi coherente nos seus methodos instituindo o *vós*; não se atreveu porém a ir até o *tu* da Revolução Franceza. As formulas cerimoniosas da linguagem portugueza repelliram transição tão brusca, e as excellencias e senhorias voltaram a prosperar sob este céu ameno, tão favoravel á sua pujança. O genio do nosso idioma ficou sem esse desvio e os classicos podem decididamente dormir em paz, que a republica de 1889 fez todos cidadãos sem os obrigar a intimidades de tratamento.

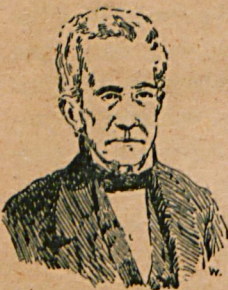
Havia de resto um que de convencional, de artificial n'essas adaptações de formulas estrangeiras que tão mal condiziam com as tradições nacionaes: de formulas e tambem de instituições. E' verdade que se se fosse a respeitar religiosamente as tradições, nunca se alteraria cousa alguma, e a condição do progresso não é por certo a immobibilidade. Os homens de 1817 só não queriam caminhar com demasiada precipitação. Nutriam-se elles pela maior parte de theorias, mas queriam conceder algum tempo á sua applicação, á sua transformação pratica. Por isso sua obra de algumas semanas pouco poudé ultrapassar a phase negativa: o que houve de positivo quasi que não passou da



preocupação primordial da defesa. A organização constitucional mal podia verificar-se em plena agitação militar, a qual teria por termo a innocua dictadura de Domingos Theotonio, após dissolver-se a pentarchia em que Domingos José Martins foi o espirito da acção, a mola real, o padre João Ribeiro o fanal projectando sua concepção democratica sobre a marcha a seguir, e Corrêa de Araujo o elemento resignado, antes passivo, que em todas as revoluções forma a massa fluctuante, prompta sempre a saudar a reacção.

Houve comtudo um esboço de organização politica, baseada na liberdade de cada cidadão: pôde assim dizer-se que houve um ensaio de democracia, a qual presuppõe tal liberdade. Esta doutrinariamente chegou a estender-se ao negro: não se limitou ao branco. Uma das proclamações do governo provisório ousava affirmar que a suspeita de abolicionismo era uma suspeita que honrava esse governo, o qual não queria enganar pessoa alguma e não trepidava em descobrir que o coração se lhe sangrava ao ver tão longinqua uma epocha tão interessante. Não a queria porém prepostera — estou repetindo suas palavras —, e por mais horror que lhe inspirasse o cancro da escravidão — uma locução que o abolicionismo retomou dezenas de annos depois —, como o seu senso politico lhe aconselhava prudencia e habilidade, a junta patriotica de 1817 traçou ao Brasil futuro o programma da emancipação “lenta, regular e legal”.

Foi assim que o Brasil imperial a comprehendeu e a praticou, dando ao mundo um exemplo de tino administrativo. A republica de 1817 foi entretanto quem indicou o caminho, e no dizer do seu chronista Muniz Tavares, bastaria esse seu acto para fazer-lhe perdoar seus erros. Quantos são realmente os governos que como esse, na expressão do referido historiador. “não se valeu de subterfugios no annuncio da verdade?”



Muniz Tavares

Conspirava aliás contra a liberdade dos brancos o status politico existente, já porque o orientava a idéa então commum de autoeracia, já porque uma fracção da comunidade se considerava privilegiada com relação á outra, que era a que, oriunda do Velho Mundo, su-

jeitára o Mundo Novo, e deste fizera campo de exploração, julgando-se com mais direitos, com títulos aos proventos e ás posições superiores aos dos que tinham visto a luz nesse meio assenhoreado.

A rivalidade entre filhos da metropole e filhos da colonia, que é o remate usual desses prolongamentos de nacionalidade, tornava cem vezes mais pezadas as contribuições a satisfazer e leva os motivos economicos a figurarem entre as causas da revolução. Não foram comtudo os decisivos, porque só os motivos moraes são capazes de fornecer pasto ao sacrificio. A fome pôde ser conselheira de levante, mas não é inspiradora de martyrio. O despota venezuelano Castro, com quem tive o prazer de tratar, opinava até que convinha manter o povo indigente, porque os esfomeados não possuem fibra para revoltar-se, ou pelo menos para sustentar uma revolução.

Nós estamos acostumados a pensar litterariamente de modo diverso, que o desespero da fome não conhece obstaculo, mas ha que tomar em consideração opiniões de um especialista e acatar-lhe a theoria.

Se não foram as causas economicas as predominantes, foram-no então as moraes, e de facto o ensaio geral de autonomia que o paiz estava tendo dera-lhe, juntamente com a tendencia geral das idéas politicas e com o exemplo dos Estados Unidos, a consciencia da sua independencia. O governo de Dom João VI apparelhára o Brasil para a vida publica na modalidade nacional: a republica completaria condignamente essa obra — assim pensavam os que conspiravam e tramavam a libertação. O progresso humano é feito de forma que todos cooperam para elle, voluntaria ou instinctivamente, e até contra a vontade.

Este resultado é seguro: a terminologia politica pouco faz ao caso, comtanto que o governo seja representativo no nome. As eleições, sem base popular, se tivessem sido introduzidas em 1817 — o que era fatal, se a revolução houvesse vingado



A bandeira da Republica

— seriam as mesmas que foram posteriormente, com o intervallo

da experiencia honesta da eleição directa, e que continuam pela maior parte a ser, indifferentes ao regimen, seja elle monarchico ou republicano.

A revolução de 1817 foi a obra de uma minoria de certo: todos os movimentos d'essa natureza o são. Mas na minoria em questão figuravam em largas proporções o elemento especulativo e o elemento activo. A revolução que celebramos não se pode talvez dizer que fosse levada a cabo pelo clero e pelo exercito; foi porém uma revolução de padres e de officiaes seduzidos por uma miragem.

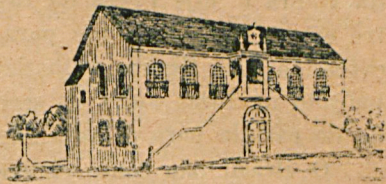
E' sempre possivel encontrar em todo levantamento motivos de interesse pessoal, a serem contados entre as razões do estomago; mas as razões do cerebro ou porventura do coração foram sem duvida ahi mais poderosas e mais efficazes. Questões de patentes e de dizimos poderiam contribuir, mas nunca seriam bastantes para levar tantas pessoas a jogarem suas vidas. Seu influxo foi deveras diminuto, e o contagio que se estabeleceu foi o contagio da liberdade, que é o que torna este movimento altamente suggestivo e o fará sempre relembrar com desvanecimento pela terra que lhe serviu de theatro.

Os que o dirigiram comprehendiam e mediam todo seu alcance, apesar de em parte obedecerem a instinctos menos generosos, taes como os produzidos pelo resentimento. Na verdade mais o impellia a feição idéal do que a feição positiva. Aquelles dirigentes eram sem excepção sonhadores de uma democracia sem jaça: militares, civis e religiosos, algumas dezenas de padres e frades de vida pouco canonica, esquecidos do celibato, afeitos aos conchegos de familia, dividindo entre Maria e a patria o seu ardor espiritual. O encarregado de negocios da França, que era um reaccionario bourbonico, trata n'um dos seus officios o padre Roma de *scelerado*, por ter filhos: a expressão é forte e não a merecem absolutamente sacerdotes que não esqueciam em todo caso os preceitos evangelicos e praticavam a caridade, dando o exemplo da sobriedade, da cordura e da abnegação.

Não é mister ser mui velho para se ter conhecido exemplares d'essa raça de clerigos politicos, cuja fama se extendera mesmo além mar, pois que a proposito de um d'elles, lettrado de reputação, me perguntou um dia, assustado, o grande folheti-



nista portuguez Julio Cesar Machado, se realmente o padre fôra, como lhe tinham contado, bandido. Respondi-lhe que não, a menos que lhe podesse valer tal designação sua participação activa em luctas politicas, no decorrer de uma das quaes corria o rumor que o alludido sacerdote fôra visto abandonando a galope de cavallo uma villa saqueada e carregando na garupa uma moça que raptára. Julio Cesar Machado concordou commigo que furtao moça não constituia requisito bastante para se ser bandido.



Casa do Erario publico

A revolução de 1817 mostrou duas cousas ainda: a vaidade, que pelo tempo adiante se tornaria quasi morbida, dos inexgottaveis recursos brasileiros, para utilizar os quaes é entretanto preciso muito esforço e muito trabalho — os chefes do movimento proclamavam, como os do Risorgimento italiano, que o Brasil *fara da sé* — e certo espirito de organização civil que não teve infelizmente tempo para accentuar-se, mas que afflorou de dentro da insurreição militar com a representação das classes na junta, de um modo promettedor para o futuro da administração autonoma que, sob a Regencia e o Imperio, afastou a preponderancia que o 7 de Abril — não tanto o 7 de Setembro — tinha dado ao elemento militar no governo.

Caracterizou além d'isso o movimento um escrupulo, perfumou-o uma honestidade que nem sempre depois distinguio a gestão dos negocios publicos. Os membros do governo proviso-rio logo de começo declararam, conforme vimos, que não receberiam vencimentos: bastava-lhes a consciencia do dever civico, eumprido por isso mesmo com tanto maior ufania.

A democracia não era para elles uma palavra vã — mesmo porque democracia não quer dizer o governo da plebe (este é demagogia) e sim o governo para o povo e pelo povo, a saber, dos que o representam e o guiam.

Juntamente com essa probidade, os homens de 1817 foram notaveis pela tolerancia, tambem nem sempre posteriormente praticada. Elles proprios foram as victimas interessantes e lastimaveis de crudelissima repressão. Mal mereciam todavia al-



guns d'elles, que neste antigo Campo do Erario, depois Campo da Honra e hoje Praça da Republica — onde se ergue o theatro em que nos reunimos para festejar-lhe a obra immorredora evocando suas figuras patheticas — seus corpos se tivessem balouçado na forea antes de serem mutilados e arrastados a cauda de cavallo para a valla dos suppliciados.

O Brasil não conta caracteres mais elevados nem espiritos mais attrahentes: a humanidade não conta martyres mais dignos de piedade e de veneração. Seu sangue generoso cimentou nossas tradições, ás quaes a lucta contra os hollandezes outorgára fóros de reivindicação patriótica, e deu-lhes uma consistencia e uma vibração que não mais se poderão extinguir.

A reacção immediata foi assignalada por uma dureza, uma selvageria, um delirio de punição, que não mereceriam indulgencia se o tempo se não encargasse de abrandar todos os sentimentos e ainda mais os de odio que os de admiração. Quem hoje verbera as ambições de Cesar quanto as de Napoleão? Quem hoje abomina as crueldades de Nero quanto as de Luiz do Rego, com quem os patriotas costumavam comparal-o? Nero poderia vir passear entre nós que apenas causaria sensação pelo seu monoculo de esmeralda, ao passo que Luiz do Rego não andaria muito seguro de não encontrar um novo João Souto Mayor.

A indulgencia ha de porém vir para os algozes de 1817, d'essa revolução quasi unica na historia que, no dizer do mais philosopho dos nossos historiadores da actualidade, o sr. João Ribeiro, não concedeu lugar conspicuo a nenhum desacreditado, não tendo contado um só dirigente que mentisse ás suas convicções por baixo interesse ou que infamasse o seu nome por sordida conveniencia — revolução em que as ambições foram quasi nenhuma e o amor da patria foi quasi tudo.

Responsabilisar-se-á então a epocha e suas ruins paixões para desculpar um tanto aquelles que n'um dado momento encarnaram as peores d'entre estas. Se seus crimes não sahirem justificados da prova, ficarão pelo menos attenuados. O que ha de entretanto ir sempre crescendo é a nossa veneração pelos martyres de ha um seculo, o culto d'esses apostolos do amor da patria, cuja memoria viverá para sempre em Pernambuco e em todo o Brasil pela elevação moral de que elles deram mostra



na adversidade. Suas phrases lapidares na occasião do supplicio — sejam taes phrases rigorosamente authenticas ou tivessem sido sujeitas a um arranjo posthumo que lhes não altera a substancia — constituirão versiculos de um evangelho de liberdade e de paz — evangelho ensopado no seu sangue, sangue derramado, não n'uma lueta ingloria por primazias de poder, mas n'uma lueta fecunda pelo triumpho da dignidade humana, por tudo quanto enobrece o cidadão e o torna, apto para a vida n'uma democracia.

Familia e terra natal eram as duas grandes preoccupações d'aquelles espiritos de poucos refolhos e muita sinceridade. O mais calculista d'elles, Domingos José Martins, horas antes de marchar para a execução, compunha no carcere estes versos, que dão toda a psychologia da geração heroica de 1817:

— Meus ternos pensamentos, que sagrados  
Me fostes quasi a par da liberdade!  
Em vós não tem poder a iniquidade:  
A' esposa voai, narraí meus fados!

Dizei-lhe que nos transes apertados,  
Ao passar d'esta vida á eternidade,  
Ella n'alma reinava na metade  
E com a Patria partia-lhe os cuidados.

A Patria foi o meu numem primeiro,  
A esposa depois o mais querido  
Objecto de desvelo verdadeiro;

E na morte, entre ambas repartido,  
Será de uma o suspiro derradeiro,  
Será de outra o ultimo gemido.

Pernambuco.

OLIVEIRA LIMA.



---

---

## DOMINGOS JORGE VELHO

Excepto o contracto entre Domingos Jorge Velho e João da Cunha Souto-Maior, governador da capitania de Pernambuco, celebrado a 3 de março de 1687, ratificado pelo marquez de Montebello a 3 de setembro de 1691 e confirmado por alvará regio de 7 de abril de 1692 (*in* "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", LXVII, p. 1.<sup>a</sup>, 19-24), para o exterminio da Troya Negra levantada nos Palmares e que só veio a cair em 14 de maio de 1695, — não ha documentos authenticos que certifiquem e permitam avaliar os serviços prestados por aquelle celebre paulista na conquista e povoamento das terras septentrionaes do Brasil, especialmente dos sertões do Piauhy e da Parahyba.

Quantos mourejam nesta vasta seara das nossas tradições nada mais têm feito, até agora, que repetir, no tocante ao famoso caudilho de mamelucos, as asserções vagas, de todo desajudadas de provas e por vezes incongruentes, dos chronistas e linhagistas de antanho.

Em meu trabalho apresentado ao 1.<sup>o</sup> Congresso de Historia Nacional, "Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII" (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1915), aventurei a hypothese de que tenha tido papel proeminente, no assenhoreamento do sector septentrional da zona da pecuaria, um filho homonymo do companheiro de Calabar e Glimmer na entrada de 1628 ou 1629 a Itabaiana, Francisco Dias d'Avila, herdeiro opulentó da casa da Torre, posseira do maior latifundio que houve em todo o Brasil, ás duas margens do mais extenso curso de agua exclusivamente nosso. Abalancei-me a crêr que o rico proprietario houvesse convidado a Domingos Jorge Velho (provavelmente quando este, á frente do seu bando, andava em montaria aos selvicolas do *hinterland* bahiense) para, de parce-



ria com Domingos Affonso, rendeiro da casa da Torre, expurgar de índios bravios as uberes pastagens de além-S. Francisco, onde propositava montar, com Bernardo Pereira Gago, Julião Affonso Serra e aquelle seu predito aggregado, varias estancias de creação.

Mas, ante a absoluta escassez de elementos probantes, taes supposições não se convertiam em factos indiscutíveis, em realidades incontrovertidas.

Dentre escriptores modernos, dedicados a estes assumptos historicos, houve quem contestasse a Domingos Jorge Velho qualquer participacão na tomada do Piauhy aos gentios (vide J. M. Pereira de Alencastro "Memoria Chronologica, Historica e Chorographica da Provincia do Piauhy" in "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", XX, 5), e nada se tem assentado de positivo quanto ás incursões contra os autochtones por parte daquelle audaz bandeirante na ourela occidental da Parahyba.

Ora, continuando as minhas pesquisas no Archivo Nacional, — em desempenho do arduo, mas honroso encargo que me foi commettido pelo governo do Estado de S. Paulo, — tive a fortuna de descobrir um curioso e importantissimo documento, á luz do qual se descortina, emfim, uma parte da assombrosa actividade de Domingos Jorge Velho na conquista da região norte-central do Brasil.

Tal peça historica escapou até hoje a outros investigadores, certamente porque estes, em geral, não ligam a devida consideracão ás patentes e provisões relativas a postos militares e a cargos administrativos ou serventias judiciaes, buscando de preferencia as cartas régias, as leis, os decretos.

O documento que tive a felicidade de encontrar é uma patente pela qual d. Catharina (viuva de Carlos II de Inglaterra, e, conforme Julio Dantas, quem introduziu alli o uso do chá), regente de Portugal no impedimento de seu irmão d. Pedro II, concedeu a Manuel Gonçalves Ferreira, em 28 de março de 1705, o posto de capitão da capitania de N. S. da Conceição de Itanhaem.

O original donde o extrahi (t. XV da collecção "Governadores do Rio de Janeiro", fls. 173) apresentava lacunas deploraveis. Mas, graças á gentileza do meu preclaro amigo e mestre Capistrano de Abreu, — que, attribuindo grande valor á mencio-



nada peça historica, obteve do sr. J. Lucio de Azevedo uma cópia da mesma patente, registada nos códices da Torre do Tombo, — acha-se o precioso documento agora completo e capaz de proporcionar aos cultores do nosso glorioso passado a mais proveitosa lição.

Deduz-se d'elle, com effeito, que o mestre-de-campo Domingos Jorge Velho (de quem o sobredito Manuel Gonçalves Ferreira foi auxiliar em tal expedição), tendo estado primeiramente na região do rio das Piranhas, andou pelo menos durante tres annos e meio, e isto presumivelmente antes de 1684, fazendo guerra ao gentio barbaro que hostilizava os moradores do sertão parahybano, e que, em tal campanha, derrotou as tribus dos *icós* e *sucurús*, além de outras.

A referida patente vem assim confirmar em grande parte a hypothese aventada pelo padre Heliodoro Pires, no seu recentissimo opusculo "Padre-mestre Ignacio Rolim" (tão exaggeradamente amavel nos encomios com que me gratificou), onde attribue a Domingos Jorge Velho, a partir de 1675, uma linha de penetração Piauhy — rio do Peixe—Formiga—Piancó, que póde agora ser modificada, substituindo-se o nome do affluente pelo do curso de agua tronco, restando, todavia, a demonstrar que o intrepido bandeirante houvesse terminado a sua longa arrancada em Piancó, isto é, no mesmo ponto para que tinham convergido Theodosio de Oliveira Ledo e Manuel de Araujo, o benemerito pacificador da "Confederação dos Carirys", mediante o chamado tratado da "Pluma" ou do "Bastão".

E' bem provavel que o afamado sertanista de S. Paulo tivesse sido o primeiro officialmente encarregado de bater os incolos bravios daquella zona septentrional do Brasil, onde teve por successores a Mathias Cardoso de Almeida e Manuel Alvares de Moraes Navarro (sobre este ultimo acaba de ser publicado, na "Revista do Instituto Historico do Ceará", um substancioso estudo, fartamente documentado, devido ao meu venerando amigo sr. barão de Studart, um dos mais competentes e infatigaveis obreiros da Historia Patria, estudo onde é com excessiva benevolencia citado o meu obscuro nome e que confirma algumas presumpções por mim exaradas, na "Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII", a proposito da actividade dos paulistas na região da pecuaria colonial).



Para não retardar por mais tempo a publicação do valiosissimo documento, — que consta de uma das collectaneas já por mim entregues ao governo do Estado de S. Paulo, — offerço-o ás paginas da brilhante “Revista do Brasil”, tal qual o colhi do Archivo Nacional, mas com as lacunas prehenchidas mercê da inestimavel contribuição que devo e agradeço ao egregio e doutissimo Capistrano de Abreu.

Em-o:

“D. Catherina por graça de D.<sup>s</sup> Raynha de Inglaterra Escocia França e Irlanda Infanta de Portugal como Regente destes Reynos no impedim<sup>to</sup> de meu Irmão S.<sup>r</sup> Rey D. P.<sup>o</sup> por graça de D.<sup>s</sup> Rey de Portugal e dos Al.<sup>es</sup> daquem e dalem mar em Africa S.<sup>r</sup> de Guiné, e da conq<sup>ta</sup> navegação e commercio de Ethiopia Arabia Percia e da India &<sup>a</sup> Faço saber aos que esta minha carta patente virem que por o Conde da Ilha do Principe como Donatario da Capitania de N. S.<sup>a</sup> da Conceição de Tinhaem me haver proposto para Cap.<sup>m</sup> dela tres sogeitos tendo eu consideração aos serviços de M.<sup>el</sup> Gonçalves Ferreira obrados por tres annos emeyo acompanhando ao M.<sup>e</sup> de campo D.<sup>os</sup> Jorge Velho quando veyo das Piranhas a fazer guerra ao gentio barbaro pelas grandes hostilidades que faziaõ aos moradores em q’ se derrotaraõ as nações dos hycos (*icós*) e sacurus (*sucurús*) e outras mais occupando posto de ajudante do Capm. M.<sup>el</sup> Alvs. Carneiro sem dispendio algum de minha fazenda penetrando aquelles sertões nas ocações que se lhe ordenaraõ, e paçando ao Maranhão em comp.<sup>a</sup> de hua escolta de soldados e indios que vieraõ ao descobrim<sup>to</sup> do caminho do Brazil, ser provido pelo Gov.<sup>or</sup> do d.<sup>o</sup> Estado do Maranhão no posto de Cap.<sup>m</sup> da tropa que tornou a mandar ao mesmo descobrim<sup>to</sup> no anno de 684 em que se gastaraõ quatro mezes padecendo as inclemencias do tempo com grande risco de vida fazendo grande falta as suas fazendas, em 695 tornar por ordem do Gov.<sup>or</sup> G.<sup>al</sup> D. Joaõ de Lancastro ao mesmo efeito para explorar outro caminho mais breve, o que fez abrindo outro caminho e rompendo matos fazendo asento de toda a jornada, e o roteiro necessario, gastando nella quinze mezes por ser mais de 300 legoas com gr.<sup>de</sup> risco em rezaõ dos Rios que se paçavaõ e gentio barbaro que habitava aquelles certões, e por esperar delle que da mesma maneira se hauerã daqui em diante em tudo o de que for encarregado do



meu seruiço conforme a confiança que faço da sua peço. Hey por bem e me praz de o nomear e prover (como pela prez<sup>te</sup> o pro-vo e nomeyo) por Cap.<sup>m</sup> da dita Capitania de N. S.<sup>a</sup> da Conceição de Tinhaem para que sirva o dito cargo por tempo de tres annos, asim e da mesma maneira que o fizeraõ seus antecessores, com o que hauerã o ordenado que lhe tocar e gozara de todas as honras privilegios liberdades izenções e franquezas que em rezaõ do dito posto lhe pertencerem. Pelo que mando ao meu Gov<sup>or</sup> e Cap.<sup>m</sup> G<sup>al</sup> do Estado do Brazil lhe faça dar poço do dito posto, e lho deiche servir e exercitar pelo dito tempo de tres annos na forma das doações do dito Donatario, e o dito M<sup>el</sup> Glz' Ferreira jurarã na minha Chancelaria na forma costumada de que se farã asento nas costas desta carta patente, q' por firmeza de tudo lhe mandei paçar por mim assignada e selada com o selo gr<sup>de</sup> de minhas Armas, e pagou de novo direito vinte mil reis que se carregaraõ ao Thezr.<sup>o</sup> Fran<sup>co</sup> Sarm<sup>to</sup> Pita a f. 28. cujo conheçim<sup>to</sup> em forma se registou no registo g<sup>al</sup> a f. 225, e antes que o dito M<sup>el</sup> Gonçalves Ferreira entre na dita Capitania me farã por ella preito e omenagem nas mãos do dito meu Gov<sup>or</sup> G<sup>al</sup> do Estado do Brazil segundo uzo e costume destes Reynos de que apresentará certidaõ do Secretario daquelle Estado. Dada na Cid.<sup>a</sup> de Lix.<sup>a</sup> aos 28 dias do mez de Março. Manoel Gomes da Silva a fez. Anno do nascimento de Nosso S.<sup>r</sup> Jezus Christo de 1705 O Secretr.<sup>o</sup> Andre Lopes de Laure a fez escreuer. — RAYNHA — Cumpraçe como SMag<sup>de</sup> q' D.<sup>s</sup> Guarde manda, e registeçe nos l<sup>os</sup> (*livros*) a que tocar. Rio 7 de Janeiro de 1706. — *D. Fern<sup>do</sup> Miz' M<sup>as</sup> de Lancastró*''.

Rio de Janeiro.

BASILIO DE MAGALHAES



---

---

# POESIA

---

## PRIMEIRA RECUSA

*Foi um gesto, não mais que um gesto, e fiz-te  
Córar, e como já te não bastasse  
A onda de sangue que te veio á face,  
De uma fórma brutal me repelliste.*

*Genio impulsivo, nem sequer previste  
Qual seria depois o desenlace,  
Pois pouco se te dava que eu ficasse  
Por tão justa razão maguado ou triste.*

*Fiquei. Mas já passou. Não resta nada.  
Não te ralho sequer nem te magôo,  
Para que me não fujas, assustada;*

*Antes me ponho a rir e te perdôo,  
Ave gentil, apenas emplumada,  
Que em vão receias o primeiro vôo ...*

## ATRAVÉS DA SAUDADE

*Qual antes fôra, é o mesmo em cada traço,  
Guarda a mesma feição o logarejo:  
Olha lá baixo a varzea e o sertanejo  
Arrastando uma rez atada ao laço.*

*Soffremos por aqui nosso desejo,  
Gosando-lhe o tormento a cada passo;  
Deste-me aqui o teu primeiro abraço,  
E mais tarde, a chorar, o ultimo beijo.*

*A viella, a fonte, o céu, tudo o que existe  
Como antes, tudo o que, com tal cuidado,  
Canto por canto examinaste e viste,*

*Se achas que está de maguas saturado  
E o cuidas triste, é porque tudo é triste  
Pelo prisma das lagrimas olhado.*

## RESUMOS

*Amo a noite sem astros e sem lumes,  
Pois nella envolto e só, penso e medito;  
Do alto da vaga a debruçar-se, afflicto,  
Amo o mar com seus éstos e queixumes.*

*Num gesto só das tuas mãos resumes  
De um, o immenso clamor, de outra, o infinito:  
Um, com seus vagalhões sempre em conflicto,  
Outra, com a vastidão dos seus negrumes.*

*Do mar resumes o rumor das sévas  
Ondas roncando em concavos escolhos  
Nas mãos que em concha ao meu ouvido levas;*

*Mostras-me a noite quieta e sem reçoelhos,  
Toda cheia de sombras e de trevas,  
Se vens com tuas mãos tapar-me os olhos.*



## CORAÇÃO CALMO

*Disse-me ella que lera (não sabia  
Onde nem quando) que, por mais cuidado  
Que se tenha em trazer o amor guardado,  
Batendo, o coração logo o annuncia.*

*Disse, e, attenta, auscultando o esquerdo lado  
Do meu peito, observou, naquelle dia,  
Que, regular, o coração batia,  
Nem mais forte, nem menos apressado.*

*A tudo alheio, indifferente ás penas,  
Na arca funda do peito, onde o domino,  
Suas pancadas lentas e serenas,*

*Sem precipitações nem desatino,  
Calmo batia o coração, apenas  
Por dever de bater, que é seu destino.*

## LOUCURA DOS SENTIDOS

*Em tudo aqui — tal é meu desvario!  
No leito, nos lençóes, no cortinado,  
Inda sinto o perfume evaporado  
E o calor do teu corpo alvo e macio.*

*Vejo-te sempre em meu torpor doentio,  
E julgo — tanto amor tenho ao peccado! —  
Que o logar que occupavas ao meu lado  
Desde então nunca mais ficou vasio.*

*E inda hoje, desse amado corpo ausente  
Busco, á noite, ao deitar-me, o doce abrigo,  
O conforto sem par, gostoso e quente;*

*E nesse esforço de visão consigo  
Ver-te, alva e bella, como antigamente,  
Olhos fechados, a sonhar commigo ...  
São Paulo.*

JULIO CESAR DA SILVA.



---

---

# G. C. P. A.

---

Science, sans conscience, est la ruine de l'ame.

**Rabelais.**

A gente não se cura, mas fica bem informada de que morreu.

**Afranlo Peixoto.**

A's terças e sextas o Professor deixava a cabeceira dos doentes, e apageado por um alvo sequito de assistentes e internos, vinha para um pequeno amphitheatro fazer lições mais cuidadas sobre os casos interessantes occorridos no Serviço. O Mestre reservava para essas prelecções os individuos portadores de molestias raras ou mal definidas, sobre os quaes lhe fosse facil basofiar erudição, calcando diagnosticos rebuscados á symptomatologia falha e controversa. Hypotheses mirabolantes e ousadas desferravam-n'o das ignorancias da sciencia, eternamente emperrada ante os caprichos da natureza sempre mysteriosa...

Attentos, alguns de lapis em punho, nos bancos dispostos em semicirculo se acotovellavam os discipulos, frementes por ouvir a palavra autorisada do Mestre sobre a causa do implacavel mal que acorrilhara no leito, ia para mais de um mez, a figura tão popular entre elles do Paulino, o proprio enfermeiro da Clinica.

De olhos guichos e miudos a rebrilharem irrequietos sob os oculos de largos vidros fumarentos, o Professor Rodrigues, empavonado no seu luzente avental de linho branco, atinha-se junto ao carro leito, anediando preguiçosamente a barba em ponta, já prestes a branquear, enquanto um dos internos, alvo



de todos os olhares — typo franzino e cuspinhento de cabellos empastados sobre a testa — lia com voz aspera e nasalada a observação minuciosa do caso. Immoavel entre as almofadas que lhe chumaçavam o corpo ossoso, uma baetilha enrodilhada ás pernas, Paulino, de sua maca, igualmente não o desfitava, enleado na descripção das varias phases do mal que tão traiçoeiramente o acomettera. E diante do seu rosto baço e escadeado, em que os olhos garços e suaves entravam a desluzir orlados de roxo, bem poucos reconheceriam o Paulino de outros tempos, de face sempre aberta, o olhar fulgente, um riso á flôr dos labios.

Afeito ao trabalho, diligente nos seus multiplos encargos, o doente que ali estava illustrando a lição, era o mesmo enfermeiro que ainda pouco tempo antes, quando por manhãzinha chegavam ao Hospital os primeiros internos, já se achava de tarefa concluida, disposto a auxiliá-los, cheio de deleite e ufania, nas mais delicadas pesquisas de laboratorio. E tal o garbo de seu porte e maneira irreprehensivel de trazer o avental, que, se não fôra a emblematica cruz bordada a um dos cantos do peito, bem poucos o separariam dentre os estudantes, quando em commum passavam a manipular reactivos e corantes. De igual modo, doente que lhe fosse confiado teria a mais abnegada e vigilante das assistencias, recebendo á hora exacta a sua colher de medicamento, e as marchas do pulso e da temperatura ficando consignadas na papeleta. E assim, quer porque a sua intelligencia em tudo encontrasse campo á distração, quer porque os seus predicados lhe grangeassem junto dos estudantes uma atmospherã de intimidade e sympathia — elle a pouco e pouco se foi avezando ás agruras daquella profissão, já não experimentando mais a repugnancia da vida entre os doentes, que tão mal o impressionára em começo..

Sentindo-se agora motivo de tanta curiosidade, o seu corpo tambem transformado em material de estudo, como o de muitos outros que elle mesmo, indifferentemente, para ali conduzira, Paulino tinha o peito oppresso, num temôr vago e agoiral; e o arrependimento de não haver obedecido ao seu primeiro impeto, abandonando o hospital logo no inicio da doença voltava a pruir-lhe no cerebro. A illimitada confiança na bondade dos Mestres, de que elle só então começava a duvidar, e o receio de



novamente agravar a vida difficultosa e attribulada de um cunhado, que já tão generoso gazalhado lhe déra desde a sua chegada da roça até o instante em que se vira collocado — fizeram Paulino sopitar o primeiro impulso, convencendo-o do quanto seria insensato deixar o hospital no momento em que delle mais carecia, e quando os estranhos e necessitados lhe vinham bater ás portas.

Tambem o mal fôra tão proditorio, tão de manso e sorrateiramente se installára... Ao começo, e durante muitos dias, uma simples sensação de fadiga, mal estar indefinivel, acompanhado de dôres vagas e erraticas pelo dorso e membros. Qualquer coisa demulcia-lhe os musculos, outr'ora rijos, quebrantando-lhe as forças. Dir-se-iam a molleza e o entorpecimento que se sentem em seguida a uma longa calcurriada. Mas ainda assim, tudo isso era muito vago, só se accentuando para a tarde, o que fazia crêr num natural cansaço após as suas laboriosas matinas junto dos doentes, embora até então, por muita robustez e juventude, jámais experimentasse provas de esmorecimento. Por fim, já em vesperas de acamar, suppliciava-o uma somnolencia irrefreavel; a cabeça ôca e torvelinhante exigia-lhe socego a cada passo e, se acaso repousava nalgum canto, era para logo cahir acarrado em profunda modorra. Elle mesmo chegara a se espantar das manifestações estranhas e, por vezes palestrando com companheiros, em ar de troça, zombeteara da lombeira que agora o perseguia, derregando-o ao menor esforço.

Como, porém, longe de esmaecer, mais e mais se exacerbasse o mal, dôres agudas e frequentes acutilando-lhe as ilhargas, maior ainda a debilitação, e elle já amanhecesse esfadigado, sem animo para nada, as pernas tropegas e bambeantes como se lhes pesassem algemas — Paulino resolveu falar a um dos assistentes, vexado ainda por confessar fraquezas que fundo iam ferir o seu animo forte e valoroso.

—Que não ligasse áquillo e fosse usando de um tonico ás refeições — dissera-lhe o assistente, de vistas já voltadas para um novo entrado que gemicava arfando numa cama proxima, e pelos modos parecia ser um caso interessante e digno de estudo.



Terminada a leitura da observação o Professor Rodrigues, seguido de dois discipulos, passou a um rapido exame do doente, percutindo e auscultando-lhe o thorax. Paulino, já desembaraçado da camisa e soffrendo a respiração, submettia-se impassivel a mais aquellas provas, os braços encruzados sobre o peito magro e avellado, em que as claviculas espipavam ameaçando perfurar a pelle.

Quasi nada nos revelára este exame — disse o Professor Rodrigues descolando-lhe o ouvido do thorax, e dirigindo-se para a assistencia que o acompanhava das archibancadas — a nossa attenção já tendo sido solicitada para a região renal, ponto em que o doente localisa, com muita precisão, as terebrantes crises que tanto o martyrisam. Não bastassem essas dôres e já um outro symptoma — essencial no quadro morbido — nos forçaria o interesse para a mesma região. Quero referir-me á profunda asthenia de que se queixa o paciente, e que, installando-se gradativamente, veio do cansaço inicial e quasi imperceptivel — tão bem descripto pelo interno Castro na observação que vos acaba de ser lida — até o estado de fadiga extrema e lassidão profunda em que o encontramos hoje. Como sabeis, este symptoma é pathognomonic da insuficiencia das capsulas supra-renaes e faz parte, ao lado de outros que passaremos a assinalar, existentes tambem no nosso caso, de um conjuncto clinico tão admiravelmente descripto por um autor inglez, que até hoje lhe conserva o nome: a syndrome de Addison.

Esmiudando o quadro clinico o Professor Rodrigues, depois de apontar outros symptomas de menor relevancia, salientou, com minucias descriptivas, as manchas que matizavam, sob tonalidades varias, certos pontos do tegumento do doente, encontrandó ahi ensanchas para muitas considerações sobre as desordens da pigmentação cutanea. Em seguida, ordenando a Paulino que abrisse a bocca, e repuxando-lhe fortemente os labios, elle fez vêr que a dyschromia se estendia tambem ás mucosas em pequenas máculas de côr fuliginosa, perfeitamente iguaes ás que se encontram na cavidade buccal dos cães heraldicos e lhes servem de garantia á filiação.

Depois de se referir com brevidade a algumas perturbações para o lado dos aparelhos circulatorio e nervoso, e sobre as quaes elle se não deteria, pois que o interno Castro já as havia



escudrinhado convenientemente ao relatar a observação que lhe iria enriquecer a these — o Professor passou á tarefa mais curiosa e delicada de senhorear a causa da affecção, mal encontrando sobre o brilho flammejante do olhar e os repetidos ticos que agitavam a sua face esquerda, a grande satisfação que lhe traziam as difficuldades daquelle caso tão propicio ás suas exhibições de preparo e cultura .

Enumerando então as affecções que, pelo accommetimento das supra-renaes, podem originar a syndrome de Addison, elle passou a contrastear cautelosamente as symptomatologias, buscando entre todas a que melhor se accommodasse ás perturbações apresentadas pelo doente. E porque durante a illucidação do diagnostico o instante lhe fosse favoravel, o Mestre, com gatinhos alambicados, o braço constantemente erguido, a mão em concha rasgando o ar num gesto convulsivo e muito seu, passou a divagar pela pathologia, embrechando as mais simples citações com arvezados nomes de autores estrangeiros.

Paulino, o olhar consultivo e ancioso, entanguido entre as cobertas do carro leito, não perdia uma só d'aquellas palavras asperas e sentenciosas que, em meio á linguagem abstrusa e inescrutavel, lhe ditavam condemnação. E' que o Mestre se esquecia, nos surtos do seu entusiasmo, de que o tirocinio hospitalar déra azo ao pobre enfermo para se familiarisar com a terminologia medica.

Voltando a discutir a violencia das crises dolorosas e o estado de cachexia rapida em que cahia o doente — rapaz até então forte e nada achacadiço, o que não era para desprezar — o Professor Rodrigues afastou as hypotheses da syphilis e da tuberculose, para assentar suas preferencias sobre uma neoplasia.

De facto, a concomitancia e marcha daquelles symptommas impelliam-n'o para a supposição muito convinavel de um tumor das supra-renaes, embora a percussão da região, como muitas vezes succedia nesses casos, nada revelasse até então. E se quizesse levar mais adeante o seu diagnostico, investigando a natureza do tumor, elle estava quasi certo de não errar se pendesse as suas sympathias para um sarcoma, esse terrivel neoplasma que se locupleta sobre os organismos moços. A fallencia da therapeutica, já que medicamento algum se mostrava



capaz de tonisar os musculos do enfermo, era ainda um outro factor, de alta estima, em auxilio das suas ultimas asserções.

Desejoso de dar maior realce á lição, o Professor Rodrigues passou a exhibir diante dos alumnos, algumas peças do seu laboratorio anatomo pathologico. Para tal fim, bem proximo d'elle, sobre uma pequena mesa de tampo esmaltado, quatro ou cinco frascos de vidro grosso conservavam, mergulhados num liquido turvo e sanioso, órgãos e visceras de outros doentes que por ali já haviam passado, deixando bocados de si em pabulo á sciencia. Intromettendo o punho arremangado por um desses largos bocaes, o Professor expoz ao olhar perspicuo dos presentes, uma das peças mais curiosas da sua collecção. Era a mão de um desgraçado que se finara por uma sarcomatose generalizada, e que tinha a sua palma esburgada até os ossos pelo mal roaz e proliferante. Cortada cerce pelo punho, a pobre mão parecia ainda reter, entre os dedos grossos e nodosos a se engripharem ameaçadoramente, todo o exaspero e dôr do ultimo estorceção que a immobilisára.

Fugindo á horrída visualidade Paulino, já mal contendo o explosir das lagrimas que lhe vidravam os olhos, ladeou a face para uma janella aberta sobre a area ajardinada, e foi nectarizar a vista no azul do céu longinquo, tecido naquella manhã numa musselina translucida e inconsutíl, prenunciativa do dia de gloria e belleza que andava a cantar lá por fóra. Embebidas de sol, as ramas de um manacá em flôr vaporavam na sala um perfume mórno e elanguescente; e, a despeito do ar letho, rosas rubras e vellutineas desabotoavam nos canteiros, ao oscillar das hastes, as corollas humidas e tenras como boccas de creanças.

Ao deparar aquella amostra de paysagem, Paulino entrelembrou-se, numa rapida e saudosa visão interior, de alguns quadros da sua vida de outr'ora, quando despreoccupado e feliz gastava os dias na labuta da terra, em uma distante fazenda de Minas. Era tambem por um céu assim, quando o sol claro e dourado começava a esgarçar a nevoa que se condensara sobre as varzeas adormecidas — que elle partia todas as manhãs, enxada ao hombro e balaio ás costas, para o trabalho da lavoura, onde os seus dias decorriam celeres na capina das roças, replanta do café ou colheita do milho enlourecido. A' sua



passagem por trilhos ermos e estreitos, mal rasgados no verde das pastagens ainda rociadas de orvalho, bandos assustadiços de anús, num vôo lento e descompassado, partiam das toijas proximas para pousar no arvoredado mais distante; ou então, de sobre a pedra em que se aquietara, fugia celere para a sua lóca, por entre um reboliço de folhas seccas, o lagarto que se aquecia á luz. E nas horas do meio dia soalheiro, quando sob a atmosphera rutilante o calôr ia mais forte, e os seus musculos já se enrijavam ao esforço da labutação exhaustiva, compensando-lhe o monotono resoar da enxada sobre a terra dura e aspera, a copa vermelhaça dos mulungús em flôr entrava a gorgear revestida de guaches em algaravia infrene; e da matta distante lhe vinham os echos da orchestração de jaós e inhambús, que no seu recesso humido e umbróso se revezavam num concerto ininterrupto. E tudo o que lhe era então motivo de tedio e insoffrido desejo de conhecer os multiplos encantamentos de uma grande cidade, desenhava-se agora no fundo da sua retina com contornos avivados pelas côres da saudade e do arrependimento...

Tiraram-n'ô dessa intuspecção beatifica e dolorosa as ultimas palavras do Professor, fazendo o prognostico da sua molestia e advertindo os discipulos de que seria muito breve, pois que já estava a passar da hora.

A molestia de Addison tinha geralmente uma marcha lenta e progressiva, durando de um a tres annos, e sendo a sua cura excepcionalissima. Embora sem grande frequencia, já se haviam observado alguns casos de desfechos subitos e rapidos, sem symptoma algum apparente, por um envenenamento super agudo do organismo. O seu já longo tirocinio clinico, com um bom acervo de observações, permittia-lhe dizer jámais ter visto caso algum de cura.

Á morte quasi sempre se verifica pelo progressivo evoluir da cachexia addisoniana. Este prognostico, já de si tão sombrio, mais se adensava ainda, por maior brevidade na molestia, nos casos em que a syndrome corria por conta de uma neoplasia das suprarenaes, como naquelle sobre o qual elle versava a lieção.

— Como vêdes, meus caros discipulos — disse o Professor Rodrigues para terminar — o caso mais bello e completo da



molestia de Addison, difficilmente se teria encontrado como este que apresenta o nosso doente; e eu estou bem certo de que, se cada um de vós o examinar demorada e pacientemente, guardareis uma indelevel lembrança do que seja essa curiosissima syndrome.

Uma clangorosa salva de palmas estrondeou nas archibancadas, apagando as ultimas palavras do Mestre, enquanto começava entre os estudantes um fallario de enthusiasticos commentarios á magistral lição que acabavam de ouvir.

De volta á enfermaria, dois padioleiros, com gestos rapidos e precisos, de quem os executa muitas vezes, baldearam o corpo leve de Paulino para a cama, a mesma cama que já lhe começava a desgastar os quadris, abrindo-os em feridas. Paulino vinha ainda mais derreado e succumbido, depois daquella aula em que nem uma só palavra acariciativa e abstergente lhe fôra dirigida, o Professor, ao contrario, não escondendo as mais brutas verdades sobre o seu estado. E na relembração de tudo o que ouvira, presentindo o golpe certo que o iria nuquear, uma sensação de vacuidade e estonteamento aturdiu-lhe o cerebro, e no seu coração pequeno e descompassado, esfervilhava a inquietação presagiosa.

Alheios da sua dôr, ainda no rosto a alegria que lhes déra a bella lição, assistentes e discipulos regressavam tambem ao serviço, repartindo-se por entre os leitos numa ultima olhadela aos doentes, seguida de recommendações ao enfermeiro novato: Não se esquecesse de guardar os escarros do n. 7; tomasse de 4 em 4 horas a temperatura do 18...

Obedecendo aos conselhos do Mestre, uma alcatéa de futuros morticolas mais ciosos de sciencia, veio abeirar-se do leito de Paulino, no desejo de perquirir signaes e symptomas apontados durante a prelecção. Num torpôr espasmico, já incapaz de reacção, Paulino deixou que mais uma vez escudrinhassem as suas miserias; e sob os dedos ageis que percutiam e apalpavam o seu corpo, elle tinha o sangue regelado, numa prematura sensação de guzanos que lhe mordiscassem sequiosamente as carnes. Satisfeita a curiosidade, entre risos e commentarios ao caso em estudo, o bando jovial não tardou em partir, hospital a fóra, para novas aulas e trabalhos praticos.



Foi então que o interno Castro, sempre um dos retardatários no serviço, se aproximou também do seu leito. Já ali a enfermaria estava quasi deserta. Apenas a uma das portas da ante-sala, esperava-o o Professor Rodrigues, que pouco antes lhe bichanára qualquer coisa ao ouvido.

O chefe da clinica, embora desembaraçado do gorro e do avental, conservava sob o frak de sarja azul ferrete a solemnidade costumeira, um dos seus predicados de grande exito junto á crendice da vasta clientela. Paulino muito se affeiçãoara a esse interno que, desde o inicio da sua molestia, o acompanhava com a maxima sollicitude, examinando-o repetidas vezes e interpellando-o todos os dias sobre a marcha do mal, desejoso de que o minimo pormenor lhe não escapasse. Depois de assignalar rapidamente qualquer coisa no boletim clinico appenso á cabeceira do doente, o interno Castro perguntou-lhe se a ida ao amphitheatro não o havia fatigado em demasia, e advertiu-o de que talvez, no dia-seguinte, o tivesse ainda de submetter a novos exames. Em seguida elle partiu ao encontro do Mestre, que já o esperava no corredor, de livros em punho e chapéu á cabeça, apressurado em attender a numerosos doentes.

Relançando de esconso a vista pela pepeleta pouco antes annotada, Paulino sentou-se dum impeto, as mãos travadas nos cabellos que se arrepellavam, um albor electrizante coando-se-lhe pela nuca abaixo. E' que a lapis vermelho, em um dos cantos da papeleta, lá estava a abreviatura sinistra, a almenara de morte: G. C. P. A.

O laconismo destas quatro iniciaes, que por tanto tempo lhe aguçaram a curiosidade, e de cuja significação só após um longo noviciado na enfermaria elle tivera finalmente a chave, condensava sobre o seu destino a mais terrivel das ameaças: elle tambem seria espotejado sobre a mesa de autopsias.

No receio de que a piedade e o carinho de parentes e amigos viessem reclamar os despojos dos seus pobres mortos, antes que a vaidade dos Mestres e a voracidade da sciencia tivessem tempo de cevar os seus appetites, a mão zelosa de um assistente ou interno se apressava em advertir a administração do Hospital, de que este ou aquelle cadaver não deveria sahir sem a conveniente autopsia. E assim, prevenindo possiveis enganos e deceções inconsolaveis, mal um doente engra-



vecia, desde que o seu caso fosse raro ou de diagnostico obscuro, logo se affixava na papeleta — synthetisada nas quatro letras — a ordem fatidica e decretoria: — Guarde o cadaver para autopsia.

Mais de revolta pela sua muita ingenuidade do que mesmo de pavor, foi o gesto de Paulino ao deparar o aviso deshumano. Quanta decepção se lhe reservára para aquelle dia! E' que nunca lhe bacorejara no peito tão desgraçado fim, e só agora a venda impenetravel cahia definitivamente dos seus olhos, convencendo-o de que a molestia o nivelara aos outros enfermos do Hospital. Tudo o que se lhe afigurara até então carinhos e atenções especiaes dedicados á sua pessoa — quando assistentes e internos o examinavam repetidamente, preocupando-se com a sua saúde — não passava de um zelo pharizaico de morticolas, acafelando curiosidades scientificas diante de um caso raro e concuspicivel. Não fosse digna de estudo a sua molestia e, certamente, num corvejar agoureiro, elles não se revezariam com tanta presteza junto do seu leito. Até o interno Castro, a quem tão confiantemente elle se entregara, não fugia tambem ao banco atroz, e se o acompanhava com desvêlo e abnegação especiaes era porque — conforme o Professor dissera em aula aos discipulos — a sua observação lhe iria enriquecer a these, versando sobre a molestia de Addison. A prova — se ainda alguma fosse necessaria, ahi estava na presteza com que o doutorando vinha salvaguardar os interesses da sciencia, premeditando-lhe a carneada.

Ah! mas elle não levaria a termo o seu cruciatio. Os seus restos não iriam ter ao esfoladouro! O Mestre dera-o como perdido, futurando-lhe d'ali por diante peioras rapidas até a morte que já não andava longe. Pois perdido por perdido, elle mesmo atermaria as suas desgraças, contanto que os seus despojos se vissem poupados á sanha dos bisturis perscrutadores.

E na escuridade da sua desesperação, como uma scentelha salvadora, veloz atravessou-lhe o cerebro a idéia de uma fuga desnorteada, fosse para onde fosse, desde que se visse fóra do hospital. Como, porém, levar avante o insoffrido desejo se os seus membros desnervados e bambos já mal se moviam? Sobrar-lhe-iam as forças para alcançar a rua, palmilhando a enfiada interminavel de corredores?



Apoleado por essas e outras duvidas, cada qual mais ansiosa e angustiante, assim passou Paulino as horas do meio-dia, em que a enfermaria, após o almoço, adormece numa relativa calma, só entrecortada aqui e ali pelo palavreado desconnexo de algum delirante, ou pelos gemidos e estertóres dos que sofrem sem treguas.

Era preciso partir ao lusco fusco, antes que aldrabassem o grande portão, e a irmã de guarda, com o mólho de chaves a tinintar na cintura, entrasse a percorrer maciamente os corredores, as mãos enclavinadas sobre o peito, a luz brunindo-lhe o perfil num recorte amarfinado.

Por vezes, durante o lento desfiar das horas, o seu cerebro já esfalfado pelo continuo esmoer dos mesmos planos e cogitações, forçava-o a breves instantes de modorra, de que elle despertava rapido e ainda mais sobresalteado, no receio de perder o momento propicio á sua libertação. Mas para que o seu desgnio não tergiversasse diante das difficuldades a vencer, prefigurando o fim tragico que o esperaria se permanecesse no hospital, acudiam-lhe á memoria, com uma precisão terrificante de detalhes, algumas das autopsias a que elle assistira e mesmo auxiliara.

Uma das mais recentes, e que tanto o impressionára, fôra a de um rapaz de compleição leonina, peito largo e polpudo, que já entrára para o serviço de olhos vidrados, o corpo teticamente convulsionado nas crises de uma meningite superaguda, morrendo ao fim de tres dias. A sua autopsia tinha sido das mais longas e minuciosas. Para a retirada do systema nervoso abriram-lhe o craneo ao meio e esnocaram vertebra por vertebra. Ao cabo de duas horas de porfiante tarefa, em que serras e escopros se succediam nas mãos de dois internos, a medulla surgiu numa tripa languinhenta e acinzentada, cheia de ramificações lateraes, á semelhança de um myriapode de proporções desmesuradas. Durante todas essas manobras o morto, deboreado sobre o marmore, tinha a cabeça baloiçante de um cepo, e a mandibula dependia-lhe, deixando escorrer uma baba esverdongada, ludrosa e pestilencial. De outra feita fôra um impaludado, cuja infecção, contrahida no Amazonas, aqui de novo se accendera, para esmechal-o em poucos dias. Como se tratasse de uma malaria de fórma mixta e rara, com o parasitá



ainda mal conhecido, o seu martyrio foi delongado, retardando-se-lhe a medicação necessaria e urgente, até que bôas e copiosas laminas do seu sangue fossem retiradas e se lhe estudassem as curvas do accesso febril, de typo extremamente bizarro. Ao mesmo tempo a noticia do caso raro espalhava-se pelo hospital, e das outras clinicas, numa romaria incessante, chegavam novos estudantes para moreegar-lhe o sangue. E assim o misero, sem tratamento algum e já marasmado entre os accessos, escabujava todas as tardes desangrado pelo febrão, até que um dia, a um golpe mais forte, se findou na bafagem ardente. Esse fôra tambem escarpellizado com cuidado; e o seu baço enorme e congesto, a esvurmar sangue por todos os lados, mettido num largo bocal, até hoje se conservava no laboratorio, para deleite e admiração dos necrophilos. Paulino lembrava-se ainda do doente do leito 16 — uma das ultimas autopsias a que elle assistira, antes de se acamar definitivamente. Era um brightico. O seu corpo, anasarcado da cabeça aos pés, tinha uma côr cardea e transparente. A' medida que lhe calavam o ventre e a barrigada ia sendo avidamente escardichada entre os dedos ageis do operador, da pelle grossa e infiltrada escorria uma serosidade visguenta, e postas de um sangue negro se agrumelavam sobre a meza.

E Paulino sentia ainda maior a sua desesperação, o remorso afistulando-lhe a alma, quando se recordava de que, conchavado com o pessoal da Enfermaria, tambem cumpliciára em todas aquellas ignominias. Era elle quem limpava e afiava o instrumental destinado ás carnificinas, e os doentes escolhidos para taes scenas de barbaria ficavam sob a sua immediata fiscalisação, de maneira que não fosse possivel o extravio de seus cadaveres — virtualha opima para o banquete dos morticolas.

A' luz hesitante do crepusculo, quando se infiltravam na enfermaria as primeiras sombras da noite e, no altar, a chamma vacillante de uma lamparina convulsivava sobre o madeiro, em transes de dôr, o corpo exangue de um Christo, Paulino saltou trepidamente do leito, esgueirando-se pela primeira porta que se abria para o corredor. A sua blusa de enfermeiro facilitar-lhe-ia a passagem, no caso de um possivel encontro com alguma freira ou servente do Hospital.



Guinando de uma parede para outra, as pernas infirmes e pesadas genuflectindo a cada instante, ora acachado no desvão de uma janella, com o coração aos pulos, mal presentia qualquer ruido, ora já mais resolutivo avançando mais alguns passos, Paulino chegou ao fim do interminavel e lugubre primeiro corredor, que apenas o olho baço de uma pequena lampada electrica alumiaava. A ancia de liberdade e a superexcitação cerebral enseivavam-lhe os musculos. Ainda um esforço igual, entre sustos e recuansos, e elle vencia o silencio do segundo corredor. Já no adro, quando o seu coração ia mais desafogado e a partida poderia considerar-se ganha, um vulto, só presentido a breve distancia, fel-o coser-se sumidamente á parede, empedrado e quedo, sentindo-se alluir pelos joelhos. Era uma irmã de caridade que se encaminhava para a capella, desfiando as contas de um rosario. Toda absorta na prece, os olhos demissos e a reverem doçura, ella não se apercebeu do fugitivo.

Chegado á porta e sorvendo a largos e insatisfeitos haustos o bafejo da viração maritima que fazia sussurrar a ramaria alta das figueiras, Paulino sentiu um renovado alento. Estava finalmente livre! Os morticolas já se não banqueteariam mais sobre as suas carnes. A these do interno Castro ficaria sem o seu melhor capitulo.

E saboreando os effeitos da vingança que elle mesmo não gozaria, Paulino dirigiu-se resolutamente para o mar, emboscando-se na aléa de oitys. O vôo ruflante de alguns pombos, em busca de um beiral proximo, trouxe-lhe uma derradeira reminiscencia do lar distante e querido, por onde todos os dias, já ao escurecer, os trocazes passavam aos pares, procurando uma sóca de bambús farfalheiros.

No cães, recostado á amurada, Paulino quedou-se algum tempo, os olhos errantes pela belleza da tarde que se finava. Havia no ar uma infinita doçura, e a paysagem parecia toda feita numa pellucia macia. No poente cambiante e afogueado, entre o recorte verde-negro das montanhas, o sol esmorecia, ainda franjando de ouro um bando de nuvens altas e floconosas, que se aquietavam sobre o anilado terno do céu. Gaivotas retardatarias, num gyro leveiro, librando cadenciadamente as azas, esvoaçavam sobre a superficie immota e espelhante das aguas. Uma nevoa lilaz e transparente envolvia a serrania lon-

ginqua, engrinaldando-a de roxo e esbatendo-lhe a projecção no roseo pallido do horizonte. Sobre o debrum negro de Niethe-roy phosphoreavam as primeiras luzes, que o mar debuxava numa esteira em tremulina de ouro.

Uma dôr incomportavel e dilacerante, como se garra adunra e invisivel lhe estorcegasse os rins, despertou Paulino da-quella contemplação inebriante, que o chamava á vida. Era preciso não hesitar mais. Se elle estava irremediavelmente perdido...

E o seu corpo resvalou na escorrência algosa e verdoenga das pedras do quebradouro, sumindo-se no crespo das ondas.

Mas tres dias depois, já de calcanhares poidos, o ventre bojante e marbreado, as orbitas vazias, com a mesma indifferença com que o havia tragado, o mar revessou-o á praia; e o futuro morticola, feliz na inconsciencia do seu crime, farejando a prêa com volupias de carnifice, lá foi desvisceral-a sobre a mesa de autopsias, na freima de encontrar a absconsa lesão que lhe désse á these o cunho de interesse e originalidade.

Rio de Janeiro.

SERGIO ESPINOLA.



---

---

## OS NOMES ZOOLOGICOS EM PORTUGUEZ

No texto explicativo do nosso *Atlas da Fauna do Brasil* á pag. XIV, dissemos o seguinte com relação á graphia dos nomes zoológicos em portuguez:

“Em rigor, a nomenclatura scientifica é sempre latina; os nomes genericos e especificos são universalmente enunciados em latim, na mesma forma em que foram propostos pelos scientists que primeiro descreveram os animaes ou as plantas em questão. Assim em qualquer lingua se dirá sempre: **Apis mellifica**, **Felis catus**, **Crotalus horridus**. Mas os nomes de familias, ordens, classes, etc., no decorrer da exposição, geralmente soffrem uma ligeira adaptação á linguagem commum, pela modificação do suffixo, de accordo com a indole da lingua e segundo regras estabelecidas; a familia **Apidae**, em francez, diz-se “les Apidés”, em allemão “die Apiden”, em italiano “gli apidi”. Como diremôs em portuguez? Não houve ainda, nem em Portugal nem no Brasil, quem estabelecesse as regras a observar em todos os casos, e dahi a lamentavel falta de uniformidade na graphia desses nomes quando usados pelos nossos autores.

Assim, referindo-se á mesma familia **Colubridae**, os nossos patricios escrevem, indifferentemente: **Colubrincos**, **Colubrinos**, **Colubridas**, **Colubrideas**, **Colubrideos**. As duas primeiras formas são positivamente erradas, porque o suffixo **inae**, na boa nomenclatura, designa as subfamilias. Resta-nos optar por “idas”, “ideas” “idos”, “ideos”. Preferimos esta ultima forma, **ideos**, para os nomes zoológicos, reservando **ideas** para os nomes botanicos. Tambem as regras italianas adoptaram esta distincção, com optimo proveito, porque assim se reconhece desde logo se o nome se refere a plantas (no feminino) ou a animaes (no masculino).

Diremos pois, os **Colubrideos**, os **Apideos**, os **Arachnideos**. A estricta observação desta regra traz mais esta vantagem: sabe-se,



pela simples desinencia, que os nomes *Arachnoides*, *Protozoarios*, *Rhizopodos*, *Flagellados*, não designam famílias, mas sim categorias superiores, ordens, classes, etc.”

Essas poucas linhas tinham por fim, unicamente, esclarecer a norma adoptada, nesse trabalho, para a graphia dos nomes zoologicos. Como a generalidade dos autores de estudos sobre biologia, escriptos em portuguez, haviamos peccado, até aqui, empregando ora este ora aquelle suffixo dos muitos em uso para dar apparencia vernacula aos termos técnicos zoologicos.

Rebuscámos as melhores revistas scientificas, nacionaes e portuguezas, e em todas ellas encontravamos, quasi de seguida, nomes de familias zoologicas aportuguezados em todas as modalidades acima assignaladas. Os dictionarios, escriptos per leigos na materia, muito menos nos podiam valer. Estudamos, pois, a questão e fixamos uma norma para nosso uso.

Objecta-nos agora um amigo que Ramiz Galvão, no seu excellente “*Vocabulario de palavras portuguezas derivadas da lingua-grega*” (1909), resolvera a questão, fixando as desinencias a empregar. De facto, se tão conspicuo lexicographo tivesse não só firmado boa doutrina como dado radical applicação á mesma, seria contraproducente contrariarmos o que já estivesse estabelecido e que nos levaria á necessaria uniformidade da graphia dos nomes em questão. Examináramos, porém, em tempo, o trabalho do erudito mestre e, justamente por que não encontrámos nelle a desejada norma unica, julgamo-nos no direito de proceder como fizemos.

Antes de analysarmos este e outros bons trabalhos congeneres, modernos, vamos expôr rapidamente as normas universalmente observadas na terminologia latina dos zoologos. Por serem muito praticas, convém acompanhar de perto taes normas ao se adaptar o vocabulo tecnico á linguagem commum.

Os nomes das especies e dos generos geralmente não se traduzem; é uso generalisado dar o nome vulgar, seguido, entre parenthesis, dos nomes scientificos. Assim, querendo mencionar com toda exactidão qual a especie de mosquito que se encontra em certa região, diz-se por exemplo: “o mosquito rajado” (*Stegomyia fasciata*) — o nome generico sempre com ini-



cial maiuscula. E' ocioso adaptar ao vernaculo os nomes genericos, porque, de duas uma: ou a especie é commum ou torna-se muito falada e assim obtem rapidamente denominação vulgar (como ainda ha pouco se deu com o "barbeiro") ou então ella só interessa aos cientistas, e estes se contentam com o bom nome latino; ao vulgo tão pouco adianta que se lhe diga *Thesitilus glasiouvi* ou "Testilo de Glasiouv", *Harpiprion* ou "Harpiprião", *Rhynchops niger* ou "Rhynchopo negro".

Para as categorias de subfamilias e familias, a nomenclatura latina fixou as desinencias *inae* e *idae*. Por exemplo: "A familia *Tyrannidae* abrange 4 subfamilias: *Tyranninae* á qual, além de outros generos, pertence o gen. *Tyrannus*; *Taeniopterinae* á qual pertencem os generos *Taenioptera*, *Centrites*, etc., etc." Estes nomes de familias e subfamilias, de accordo com o uso adoptado em todas as linguas, soffrem adaptação, e para tanto basta fixar qual o equivalente para os suffixos *idae* e *inae* em portuguez, a fim de podermos vulgarizar uniformemente todos os nomes zoologicos de igual categoria.

Para os nomes que designam classes e ordens, a nomenclatura scientifica não presereve desinencias fixas e assim o respectivo vocabulo, ao ser traduzido, (ou, como diremos com mais propriedade, ao ser adaptado ao portuguez), pôde receber o suffixo que melhor se coadunar com a indole da lingua e que menos destoar da forma original. Com relação a estes vocabulos, uns 300 no maximo, seguimos, com poucas excepções, os ensinamentos de Ramiz Galvão; e se não adoptamos todos como os registra o seu Vocabulario, é porque preferimos, em muitos casos, o criterio de nos submettermos á *vox populi* que, em linguística, nos parece ser o melhor mentor; estes casos controversos são, porém, poucos, e só serão resolvidos definitivamente quando soubermos se em portuguez devemos escrever *craneo* ou *cranio*, *antipode* ou — *poda*, *pachyderme* ou *derma* ou *dermo* — e então ficará tambem resolvido qual a *graphia* que substituirá a que adoptamos para *Acraneos*, *Arthropodos*, *Echinodermas*, etc.

---

Ramiz Galvão deixára assente (sob *Acanthidas*) que o suffixo "*idas*" deve ser a terminação correspondente, em portu-



guez, ao *idae* dos nomes de familias zoologicas do latim scientifico. Mas um rapido exame das primeiras letras do Vocabulario deu-nos ensejo para verificarmos que:

A) aos seguintes nomes de familias zoologica (e que portanto, segundo as normas estabelecidas pelo autor, deveriam terminar em "idas") foram dados outros suffixos:

- Aclidios — familia de Mammaes
- Atractosomos — familia de Peixes
- Auchenopteros — familia de Peixes
- Branchiopodes — familia de Crustaceos
- Cantharideos — (como derivado de Cantharide)
- Catarhinos — familia de macacos
- Cochlorhynchos — familia de Passaros
- Conorhamphos — familia de Passaros
- Coprophagos — familia de Insectos
- Crotaloideos — (menciona tambem Crotalidas)
- Cyclometopos — familia de Crustaceos
- Dactylados — familia de Peixes
- Diplopteros — familia de Insectos
- Esparoides — familia de Peixes
- Esteganopodes — familia de Aves
- Estenelytros — familia de Insectos

B) ha nomes de tribus, ordens e classes com a desinencia "idas" (a qual no emtanto deveria ser reservada unicamente para os nomes de categoria de familias):

- Adelostomidas — tribu de Insectos da fam. dos Collapt.
- Amphipyridas — tribu de Lepidopteros
- Anoplognathidas — divisao dos Insectos Coleopteros.
- Anchomenidas — subtribu de Coleopteros
- Calycophoridas — subordem de Celenterados
- Cystidas — classe de Echinodermos.

Talvez estes desvios da norma preconizada pelo proprio autor devam ser considerados simples lapsos — e tão facilmente occorrem elles em trabalhos fastidiosos como estes! — mas ainda assim é certo que o autor as vezes quasi põe em duvida a necessidade de se observar tão á risca essas regras de nomenclatura. Sob "ASTACIDAS" (familia de Crustaceos) diz a nota: E' preferivel esta forma a "astacites"; sob "MACTRI-



DAS" (família de Molluscos) observa: "C. Fig.º dá *mactraceos* com terminação menos boa", quando deveria dizer categoricamente: "os nomes que designam famílias zoológicas exigem o suffixo *idas*". Sob "PERCOIDEOS" — família de Peixes" chega mesmo a dizer: "Tambem é aceitavel *percidas*", mostrando assim que não faz questão absoluta de uma terminação unica para todos os vocabulos dessa categoria.

Não encontramos no Vocabulario de Ramiz Galvão referencia especial ao suffixo escolhido para designar as subfamilias zoológicas ou botánicas; trata-se aliás de uma categoria de vocabulos que o não-especialista raramente emprega e assim são poucos os nomes de subfamilias registrados no Vocabulario. Citamos os que encontramos de prompto: *Anophelineos*, *Anthomyineos*, *Bombycineos*, *Dermanyssineos*, *Estrigopineos*, *Sarcophagineos*, com evidente predilecção pelo suffixo *ineos* para designar a categoria de subfamilia, correspondente, portanto ao suff. *inae* do latim scientifico. O mesmo suffixo, quando usado para nomes botánicos, figura no feminino, *ineas*.

Em nota ao vocabulo "Actinocrinites", Ramiz Galvão dá a entender que o suffixo *ites* é característico dos nomes de fosseis. E' preciso salientar, no emtanto, que o proprio autor reconhece não poder esta regra prevalecer em face das outras, estabelecidas para a nomenclatura zoológica geral (como se verifica sob "Belemnitidas" etc.) O que ha de facto é o seguinte: Muitos nomes genericos de Cephalopodos fosseis foram formados pelos paleontologos com o suffixo *ites*, da mesma forma como em grande parte os nomes especificos de Tineídeos (traças) terminam em *ella* ("pellionella", "ephestiella", "cimotoella", etc.) — aliás a titulo de simples lembretes mnemotechnicos, que não lograram constituir preceito. No caso dos nomes de fosseis nem seria possivel estabelecer uma regra neste sentido, em vista dos innumerados generos de seres que devemos enumerar tanto na lista dos fosseis como da fauna ou da flora hodierna.

O "*Lexico de Termos technicos e scientificos ainda não apontados nos dictionarios da lingua portugueza*", organizado por Aff. d'E. Taunay e publicado no Anuario da Escola Polytechnica de S. Paulo, 1909, pags. I a 154 registra apenas os vocabulos zoológicos recém-formados, de sorte que quasi todos



são desconhecidos ao leigo. Muito folgamos em constatar que o autor adopta, como nós, as desinencias *ideos* e *ineos* como equivalentes a *idae* e *inae* do latim, quando applicados a vocabulos de zoologia; os mesmos suffixos, no feminino, foram reservados para os nomes botanicos. Em boa parte as incongruencias que notamos podem ser attribuidas a simples lapsos typographicos; contudo é quasi constante o emprego do suffixo no masculino para familias de cogumellos e do suffixo *ideas* para familias de Celenterados, quando a regra tacitamente adoptada requer o contrario. O autor abusa da desinencia "ideos", empregando-a em palavras de categoria superior á de familia. Vae nisto grave inconveniente, como o mostra o seguinte exemplo, entre os muitos que poderiamos citar: "ANADIASTOTELE — genero de arachnideos araneideos da familia dos liphistiideos", quando deveria ser: "genero de Arachnoides Araneidas da fam. dos Liphistiideos". No ultimo vocabulo do exemplo citado vê-se que o autor observa a regra por nos formulada sob II) a.

Em Pinheiro Chagas lemos: "mandrii'ce" e da mesma forma este vocabulo vem registrado nos Diccionarios de Aulete, Candido Figueiredo, Gaspar A. Marques. E' portanto bom portuguez e a formação do vocabulo corresponde perfeitamente á do nome de familia acima citado.

O Lexico de Taunay tambem registra e aportugueza toda sorte de generos. Mais de uma vez já tivemos occasião de externar nosso modo de vêr a respeito. Antes de tudo, pelo lado technico ou pratico, é incoveniente aportuguezar taes vocabulos. No caso dos nomes genericos quasi homographos, a adaptação ao portuguez pôde tirar-lhes a pequena differença existente, dando assim lugar á confusão. Exemplo: "Sphaenopus" e "Esphenops", aportuguezados, dão ambos "Esphepo". E ainda, encarando a questão só pelo lado material, é impossivel fazer trabalho que seja ao menos approximadamente completo. Basta lembrar que o "Nomenclator Zoologicus" de Scudder, editado em 1880 ou 82 assáz incompleto, e que registra, com toda sorte de abreviaturas os nomes de generos e de categorias superiores, é um volume de suas 500 paginas; e para mantel-o/em dia, o Zoological Record consagra annualmente 20 a 30 paginas á simples enumeração dos nomes recém-formados. Isto só com relação



á zoologia; outros tantos nomes, isto é dezenas ou centenas de milhares ha a registrar para a botanica e a paleontologia — onde iriamos parar? E a quem aproveitaria tanto trabalho?

---

Percorremos toda a serie da “*Revista da Academia de Letras*”, em busca da orientação seguida neste particular pelos nossos academicos. Como é natural, poucos autores ahi tiveram ensejo do empregar a terminologia scientifica. No Diccionario dos Brasileirismos não encontramos criterio zoologico que nos satisfizesse... Comtudo verificamos que Arthur Orlando e Euclydes da Cunha citam na forma original, latina, os nomes dos seres aos quaes se referem com o proposito de definil-os: *anguis*, *anacardium humile* (Vol. 4) “oiranas” (*salix humboldtiana*), Vol. 12.

José Verissimo, na sua classica “*Pesca na Amazonia*” procede de egual forma, porém mais correctamente, dando inicial maiuscula aos nomes genericos e minuscula aos especificos (*Manatus inunguis*, *Cichla brasiliensis*); em *Brycon Lundii* no entanto não resistiu á tentação de graphar o nome especifico com inicial maiuscula, em homenagem ao nome proprio. Devemos, porém, lembrar que o nome especifico, signifique elle pela etymologia o que quizer, passou a ter uma só função — distinguir a especie em questão das outras congeneres — e assim submette-se á regra geral, da mesma forma como se a convenção adoptada mandasse numerar os generos com algarismos romanos e as especies com algarismos arabes.

Os autores supra-citados aportuguezam só os nomes genericos que por assim dizer já passaram para o dominio publico (megalosauro, brotosauro, Rev. cit., Vol. 4). Assim diremos tambem: o Pithecanthropo, o Estreptococco, os Estegomyias e talvez mesmo os Papilios (já que essas borboletas se tornaram tão populares como o naturalista Mayer da Innocencia); mas ninguem irá usar em linguagem vulgar, aportuguezados, nomes genericos como estes: *Homo*, *Coffea*, *Apis*, ou *Pediculus*, *Cebus*, *Mantis*, etc. Bem sabemos que nunca será possivel traçar os limites que devam separar estes dois extremos (já não nos referimos, está claro, aos lexicons de termos technicos, mas



sim aos dictionarios da linguagem commum). Ao nosso vêr não se póde censurar o dictionarista que, propositadamente, deixar de incluir no seu vocabulario os termos usados unicamente pelos technicos em sua linguagem especial.

Nesta mesma revista (n. de fevereiro) o autor do artigo sobre "Cães e Veados" viu-se na contingencia de dar nomes scientificos ás especies indigenas de Cervideos. Para esta ultima palavra o A. escolheu desinencia franceza (les cervidés) com graphia portugueza, isto é sem o accento agudo. Seria esta mais uma variante a registrar como equivalente, em portuguez, ao *idae* da nomenclatura scientifica... Levaram inicial minuscula tanto os nomes genericos como os especificos; e esses nomes scientificos foram gryphados no mesmo typo como os nomes vulgares que o A. quiz pôr em evidencia.

Graphariamos, pois, da seguinte forma a phrase final da pag. 148: — Os vocabulos... "veado" e "cervo" designam os nossos Cervideos — *Cervus paludosus*, *C. campestris*, *C. rufus*, etc.)

---

Vamos emfim resumir novamente, formulando as seguintes regras, que sujeitamos á apreciação dos doutos em materia de lexicographia portugueza:

I) *Os nomes patronymicos da terminologia zoologica, referentes a categorias superiores á de familia, não obedecem a regras fixas quanto á escolha da desinencia que os adapta ao lexicon portuguez.* Porém os vocabulos em questão:

- a) indicarão sempre o plural;
- b) nunca poderão ter as desinencias *ideos* ou *ineos*, privativas da categoria de familia e subfamilia;
- c) devem, o quanto possivel, indicar, pela desinencia, o genero masculino.

A lista mais completa, de taes nomes da nossa fauna, organizada de accordo com estas regras, encontra-se no indice scientifico do nosso *Atlas da Fauna do Brasil* e com relação ás palavras de origem grega, no *Vocabulario de Ramiz Galvão*. As divergencias existentes cabe ás Academias resolver, impondo a graphia definitiva.



II) *Os nomes de famílias zoológicas, em portuguez, levarão invariavelmente o suffixo "ideos".*

a) Acrescenta-se o suffixo ao radical, sem omissão de nenhuma letra deste, nem interpolação de estranhas.

Quanto mais inflexível a regra, mais fácil sua aplicação em todos os casos; além disto torna-se fácil, por esta forma, reconhecer de prompto o radical que deu origem ao vocabulo. Assim diremos "a família dos Acanthideos" (radical *Acanthi*, do genero *Acanthia*; segundo a graphia adoptada por Ramiz Galvão, Acanthideos, o nome generico deveria ser *Acantha*. )

III) *Os nomes de subfamílias zoológicas serão formados com o suffixo "ineos", respeitadas as mesmas normas indicadas sob II), a.*

IV) *Aos nomes genericos e especificos, por via de regra, não se dará desinencia portugueza; serão citados entre parenthesis e em grypho, na forma original, em seguida ao nome vulgar, o nome generico sempre com inicial maiuscula, o nome especifico sempre com inicial minuscula (ainda que o vocabulo que lhe deu origem seja nome proprio).*

a) Podem ser aporuguezados os nomes genericos de seres bastante conhecidos ou citados, mas que ainda assim não lograram denominação equivalente em linguagem commum. Observam-se neste caso as mesmas normas etymologicas que regem a derivação dos substantivos do latim classico.

S. Paulo.

RODOLPHO VON IHERING.



---

---

## UMA FIGURA NACIONAL

# D. LUIZ DE BRITTO

O patriotismo e o apostolado. — A imagem da intelligencia e a imagem da bondade.

Dizendo, ha pouco ainda, de uma das maiores figuras do Brasil contemporaneo, com aquella suave delicadeza, aquella eurythmia e aquelles matizes calidos de que alcançou os mysterios mais esquivos, Graça Aranha estudou e contemplou a imagem da belleza, a imagem da bondade e a imagem da intelligencia confluindo e irradiando na acção flammejante e gloriosa daquelle typo que teria de assignalar e crystallisar grandioso marco milliario na belleza de nossa raça e na grandeza de nossa historia.

Para dizer da saudade infinita que me fica de D. Luiz de Britto, a alma carinhosa que encheu quatorze annos de minha vida e nella o periodo de mais flamma e de emoção maior, o grande espirito que por mais de cincoenta annos se dispargiu em claridades vibrantissimas através dos fastos religiosos do Paiz, eu desejaria, a exemplo do escriptor, estudar no 1.º Arcebispo de Olinda a imagem da bondade e a imagem da intelligencia.

A fusão mysteriosa destas duas representações distinctas “em uma só irreductivel imagem” faz tambem daquelle Prelado uma das felizes expressões não só de nossa raça como principalmente do sacerdocio catholico na Igreja de nossos dias. De nossa raça, pela sensibilidade, pelo nacionalismo sadio e masculino de que se fez paladino até a morte; do sacerdocio, pela fé e pela acti-



vidade apostolar que attingiram a bem altas culminancias naquelle formoso espirito.

Expressão da raça pela sensibilidade, porque na alma de D. Luiz de Britto nós sentimos a essencia de nossa sensibilidade meridional, viva, prodigiosa, rica, fecundissima. Expressão do sacerdocio pela fé e pela actividade, porque sua acção social e religiosa, os trabalhos e emprehendimentos de seu episcopado longo, os moldes de sua eloquencia saturada de unção tocante, tudo enfim onde elle deixou impresso o cunho distinctissimo, a feição intima de seu espirito, delata a evidencia em Mons. Britto um dos expoentes mais bellos e mais completos do apostolado da Igreja do Christo.

E assim, feliz expressão da raça, filho dos campos e dos sertões deste nordeste brasileiro onde mais fortemente se affirmam as nossas possibilidades ethnicas e onde, no pensar de Euclides, profundamente se elaboram as camadas de nossa futura sub-raça, o primeiro arcebispo de Pernambuco é tambem, para orgulho nosso e resplendor deste throno em que estiveram as encantadoras figuras apostolicas de Azeredo Coitinho, Cardoso Ayres e Vital de Oliveira, um modelo e um typo admiravel do sacerdocio e do apostolado neste évo tão sedento de civilisação e de cultura e do mesmo passo tão illogicamente divorciado do Evangelho e da Igreja.

*O NACIONALISMO DE D. LUIZ DE BRITTO.* Ah! O culto do nacionalismo na alma de Mons. Britto! Entre os reflexos mais encantadores, mais pulchros e mais tocantes da sensibilidade prodigiosa do illustre prelado estavam certamente os de seu patriotismo e os de seus sentimentos civicos.

E este patriotismo serenamente irradiava na perenne affirmação do nacionalismo que não é mais do que a exaltação das energias da raça e a confiança inabalavel nos altos destinos gloriosos da patria-mãe no seio da civilisação humana.

D. Luiz propuzera que o Instituto Historico de Pernambuco erguesse um monumento ás tres raças congraçadas na lueta contra o dominio hollandez, raças representadas em Fernandes Vieira, branco réinol, Henrique Dias, o negro, e Felipe Camarão, o indigena.

Esta proposta e este projecto dão bem a idéa do sentir e do pensar do Prelado venerando. Não era simples gosto de ver

erguidas tres estatuas na praça publica. Evidencia-se por esse gesto que o olhar do arcebispo patriota alcançava muito mais ainda.

E' que D. Luiz queria com este monumento dar a medida exacta da fé ardente que elle nutria no valor das raças que concorreram para a formação da sociedade brasileira e a convicção, arraigada e profunda, de que a guerra hollandeza "patenteára que o nosso meio cosmico e o cruzamento dos varios factores ethnicos não produziram uma nacionalidade de somenos energia" para dizer com a phrase de eminente escriptor nacional.

D. Luiz não partilhava da opinião dos que reputavam enfraquecida a elaboração do nosso cruzamento.

Fortemente convicto da elaboração de nosso cruzamento, D. Luiz de Britto não deixava, entretanto, de comprehender, como Euclides da Cunha, que a qualidade de Brasileiro "não é uma coisa que se recebe, senão uma posição que se conquista e acarreta deveres serios", como Euclides, não desconhecia o illustre prelado as grandes fatalidades que perturbam e demoraram a nossa evolução, fatalidades dentre as quaes foi *magnapars* a contingencia dura, ineluctavel, em que nos achámos de effectuar simultaneamente a nossa formação ethnica e a nossa formação politica, dando traçados parallelos a phenomenos naturalmente successivos.

D. Luiz comprehendia estas verdades e esta comprehensão valorisava a sua visão, robustecia o seu optimismo e cada vez mais o radicava na convicção e no amor aos artigos de seu credo civico. O seu patriotismo era um patriotismo consciente.

Oh! As nossas obrigações sagradas, a nossa tarefa urgente, a nossa missão altissima, a missão de todos nós, filhos desta immensa e formosa terra em que, no dizer de Euclides, os diversos aspectos da natureza distribuiram de modo diverso as nossas camadas ethnicas, originando uma mestiçagem dissimil e onde não temos ainda um typo anthropologico. D. Luiz comprehendia e sentia vivamente, e pregava, de cotio, as nossas tremendas responsabilidades diante das aspirações e dos idéaes da raça. Elle alcançava e sentia profundamente a verdade destes conceitos que o genio de Alberto Torres acaba de emoldurar com a belleza peregrina e cantante destes periodos avelludados



e lapidares, no apontar e precisar os deveres e a finalidade de nosso nacionalismo:

“Nós temos uma obra a completar e uma reparação a fazer.

Essa obra é a do restabelecimento das aspirações e dos idéas da nossa raça—de uma forte raça humana, tão vigorosa no surto de uma curtíssima glória histórica, como nas dores, nos sacrifícios e nas labutas de longos séculos de abatimento e de opressão, e a que estão associados os indígenas — donos desta terra, os pretos, que fizeram a sua riqueza, e os estrangeiros que para aqui vieram e que aqui se estabeleceram, com o culto de uma nova Patria... Cabe-nos perpetuar e fazer produzir, na História do Futuro, o genio de Luiz de Camões, os bríos do navegante lusitano, a lealdade e o esforço do labrego de Portugal, a bondade e a paciencia sofredora do negro; temos de revelar e desenvolver as virtudes que estão ainda em germen na alma virgem de nossos indígenas...

Do que valem todos estes e mais as suas vergontees quasi sempre mescladas, já nos dá testemunho bastante a nossa obra do passado, nas letras, no trabalho e nas batalhas.

“Nós temos de realisar uma civilização “que não pôde ser grandiosa” porque os nossos recursos são limitados, mas que pôde ser prospera, e que pôde ser, sobretudo digna para nós — e util para o nosso semelhante.

A nossa posição, no proseguimento deste dever é ameaçada... pela nossa anarchia”.

(V. Alberto Torres, art. no “Estado de S. Paulo”.)

Tambem assim pensava D. Luiz de Britto!

Sábem todos a admiração e as homenagens que o venerando arcebispo votava ao reinado de D. Pedro II. E’ que elle presava e estimava naquelle periodo o florescimento de nossas instituições politicas de par com as liberdades publicas e privadas e a authenticação de nossa capacidade demonstrada admiravelmente num governo que foi, sem duvida, “um exemplar de moralidade administrativa”, no dizer de Pedro Lessa.

Não sentiram jámais o travo do pessimismo a visão e o sentimento civico daquelle brasileiro notavel. Na formação histórica de nossa nacionalidade, aprazia-lhe apontar sempre, apontar com valor de um vidente as nossas potencialidades ethnicas.

Quantas vezes aquella vóz magestosa e inflammada não deblaterou o pessimismo, o desanimo e a inercia que nos caracterizam e avassalam!



A Patria! E como D. Luiz sentiu e traduziu, toda inteira aquella paixão grandissima!

Um dia cahiram dos labios de Mons. Britto estas palavras formosas e luminosas nas quaes se revelam toda grandeza, toda força admiravel com que sua alma era trabalhada pela sagrada paixão da patria: "*na minha vida os dois titulos de que sinto maior ufania são: de ser Arcebispo de Olinda e de ser Presidente de um Instituto em que se cultua o sentimento da Patria*".

Eu estava presente e jámais esquecerei aquella tarde que a nós outros do Instituto teria de ficar lembrando um dos momentos mais felizes daquella eloquencia repassada de sereno encanto, sempre nova, sempre fertil, sempre sulcada de sonoridades imprevistas e clarões deslumbradores, de coloridos novos, de riquezas exquisitas quando dizia da Patria, de suas glorias, de seu passado ou de seu futuro.

E quantas vezes era no proprio recinto do santuario, nos momentos mais felizes e nos arrouboos mais altos daquella eloquencia robusta que se verificavam as sagradas effusões, tocantes, enternecedoras, daquelle patriotismo nobre!

E elle nos dizia então quanto sentia, com alegria divina a patria-mãe "tão grande e tão sagrada", o torrão bemdito onde estão sepultados os mortos que minha mãe chora e meu pae venera, no dizer de Edmundo.

E este sentir, este conhecer, este comprehender, este venerar, este amar, este estremecer a patria, mãe carinhosa e bôa, era em D. Luiz de Britto um anhelar com todas as forças da alma pela consolidação da unidade nacional, pela affirmação de um "*character nacional, forte, coheso e justo, amando a verdade dentro das linhas serenas da belleza*" e accrescentarei da Religião de Christo. Como Oliveira Lima, Ruy Barbosa, Euclides da Cunha, Joaquim Nabuco, S. Romero, José Verissimo, Rio Branco, Mello Moraes, Laet e ultimamente Affonso Arinos, queria e sonhava D. Luiz de Britto a unidade da patria e a mais perfeita harmonia no organismo nacional.

Queria ardentemente a patria cohesa pelo avivamento de tradições, unida, consoante o dizer de C. Barroso, "pelos liamens de uma solidariedade politica que avivente o estimulo, fomentando o progresso em todo territorio, projectando para



e lapidares, no apontar e precisar os deveres e a finalidade de nosso nacionalismo:

“Nós temos uma obra a completar e uma reparação a fazer.

Essa obra é a do restabelecimento das aspirações e dos idéas da nossa raça—de uma forte raça humana, tão vigorosa no surto de uma curtíssima gloria historica, como nas dores, nos sacrificios e nas labutas de longos séculos de abatimento e de oppressão, e a que estão associados os indigenas — donos desta terra, os pretos, que fizeram a sua riqueza, e os estrangeiros que para aqui vieram e que aqui se estabeleceram, com o culto de uma nova Patria... Cabe-nos perpetuar e fazer produzir, na Historia do Futuro, o genio de Luiz de Camões, os brios do navegante lusitano, a lealdade e o esforço do labrego de Portugal, a bondade e a paciencia soffredora do negro; temos de revelar e desenvolver as virtudes que estão ainda em germen na alma virgem de nossos indigenas...

Do que valem todos estes e mais as suas vergontees quasi sempre mescladas, já nos dá testemunho bastante a nossa obra do passado, nas letras, no trabalho e nas batalhas.

“Nós temos de realisar uma civilisação “que não pôde ser grandiosa” porque os nossos recursos são limitados, mas que pôde ser prospera, e que pôde ser, sobretudo digna para nós — e util para o nosso semelhante.

A nossa posição, no proseguimento deste dever é ameaçada... pela nossa anarchia”.

(V. Alberto Torres, art. no “Estado de S. Paulo”.)

Tambem assim pensava D. Luiz de Britto!

Sábem todos a admiração e as homenagens que o venerando arcebispo votava ao reinado de D. Pedro II. E’ que elle presava e estimava naquelle periodo o florescimento de nossas instituições politicas de par com as liberdades publicas e privadas e a authenticação de nossa capacidade demonstrada admiravelmente num governo que foi, sem duvida, “um exemplar de moralidade administrativa”, no dizer de Pedro Lessa.

Não sentiram jámais o travo do pessimismo a visão e o sentimento civico daquelle brasileiro notavel. Na formação historica de nossa nacionalidade, aprazia-lhe apontar sempre, apontar com valor de um vidente as nossas potencialidades ethnicas.

Quantas vezes aquella vóz magestosa e inflammada não debaterou o pessimismo, o desanimo e a inercia que nos caracterisam e avassalam!



A Patria! E como D. Luiz sentiu e traduziu, toda inteira aquella paixão grandissima!

Um dia cahiram dos labios de Mons. Britto estas palavras formosas e luminosas nas quaes se revelam toda grandeza, toda força admiravel com que sua alma era trabalhada pela sagrada paixão da patria: "*na minha vida os dois titulos de que sinto maior ufania são: de ser Arcebispo de Olinda e de ser Presidente de um Instituto em que se cultua o sentimento da Patria*".

Eu estava presente e jámais esquecerei aquella tarde que a nós outros do Instituto teria de ficar lembrando um dos momentos mais felizes daquella eloquencia repassada de sereno encanto, sempre nova, sempre fertil, sempre sulcada de sonoridades imprevistas e clarões deslumbradores, de coloridos novos, de riquezas exquisitas quando dizia da Patria, de suas glorias, de seu passado ou de seu futuro.

E quantas vezes era no proprio recinto do santuario, nos momentos mais felizes e nos arrouboos mais altos daquella eloquencia robusta que se verificavam as sagradas effusões, tocantes, enternecedoras, daquelle patriotismo nobre!

E elle nos dizia então quanto sentia, com alegria divina a patria-mãe "tão grande e tão sagrada", o torrão bemdito onde estão sepultados os mortos que minha mãe chora e meu pae venera, no dizer de Edmundo.

E este sentir, este conhecer, este comprehender, este venerar, este amar, este estremecer a patria, mãe carinhosa e bôa, era em D. Luiz de Britto um anhelar com todas as forças da alma pela consolidação da unidade nacional, pela affirmação de um "*caracter nacional, forte, coheso e justo, amando a verdade dentro das linhas serenas da belleza*" e accrescentarei da Religião de Christo. Como Oliveira Lima, Ruy Barbosa, Euclides da Cunha, Joaquim Nabuco, S. Romero, José Verissimo, Rio Branco, Mello Moraes, Laet e ultimamente Affonso Arinos, queria e sonhava D. Luiz de Britto a unidade da patria e a mais perfeita harmonia no organismo nacional.

Queria ardentemente a patria cohesa pelo avivamento de tradições, unida, consoante o dizer de C. Barroso, "pelos liamens de uma solidariedade politica que avivente o estimulo, fomentando o progresso em todo territorio, projectando para



o interior a civilização do littoral e dando a cada brasileiro a consciencia de seu dever”.

Mas este sentimento vivo, mas esta fé, mas este calor, mas esta exaltação, mas este culto ao nacionalismo em summa era-lhe tão profundo, tão espontaneo que dava a impressão de ser instinctivo. Vinha-lhe das profunduras da alma como estas flôres peregrinas que vêm do fundo do lago, sobem á tona serena e tranquilla e numa manhã azulada e côr de rosa desabotoam o sorriso e a fascinação de seus matizes.

*AS VISÕES DO PATRIOTISMO.* — Quantas vezes aquella maravilhosa eloquencia, que Coelho Netto dizia a mais bella e a mais alevantada que o Brasil tinha admirado depois de Mont’Alverne, quantas vezes não emmoldurou em frisos de ouro e purpura, não celebrou e exaltou o sentimento nacional e as nossas possibilidades, rumo do futuro!

As nossas possibilidades, porque era no inculcál-as e quasi demonstrá-las por este dom divinatorio que revela os espiritos superiores, era no apontál-as que o patriotismo de D. Luiz de Britto resultava um culto e uma escola, um lemma e um combate que só o nome de nacionalismo pode definir e precisar. Para D. Luiz de Britto não bastava que o Instituto Historico de Pernambuco — de que era presidente — se entregasse exclusivamente á tarefa, gloriosissima aliás, de recolher os documentos de nosso passado e os dados com que hemos de fixar um dia a linha de nossa evolução historica. Não! Elle queria mais, muito mais ainda. Era aspiração sua, e o projecto acalentado com fervor, que o Instituto Historico se transformasse em escola de ensino civico por processos mais praticos, mais rapidos, menos exclusivistas, em uma palavra, que o Instituto commungasse com a alma do povo e particularmente com a mocidade brasileira.

Pederam-se os discursos estupendos em que flammejou e irradiou o patriotismo do illustre prelado, peças magistraes em que elle, com elevação, com nóbresa e com talento, nos definia e determinava a orientação clara e a comprehensão profunda do sentimento da patria, quero dizer, de nosso culto e de nossos deveres de civismo. Triste desaparecimento este! Desgraça grande, sem duvida! Restam-nos, apenas, umas reliquias preciosas, religiosamente recolhidas e guardadas na Revista do



Instituto pelo esforçado e zeloso secretario Dr. Mario Mello: o apanhado de algumas allocuções que o venerando arcebispo pronunciára em festas civicas do mesmo Instituto. Muito pouco, quasi nada de todo um patrimonio valioso e riquissimo que se perdeu!

Que livro soberbo, alentado de possante sopro de patriotismo, precioso, rico de seiva, fertilissimo em lições sadias de civismo não nos dariam os numerosos discursos de D. Luiz de Britto quando de nossas festas e commemorações que se relacionavam com a historia patria!

Que palavras preciosas, que ensinios fecundos os de seus discursos sobre o periodo aureo da dymnastia de Portugal; sobre Christovam Colombo, sobre a descoberta do Brasil, principalmente as suas orações memoraveis por occasião da celebração do Centenario; sobre as tradições gloriosas da cidade do Rio; sobre a epopéa pernambucana nesta aventura louca de cinco lustros de combate hollandez, nesta heroica resistencia que teria de firmar a nossa integridade nacional; sobre as glorias do soldado pernambucano e das raças abraçadas no mesmo idéal em Tabocas e Guararapes! Que lições valiosas naquelles trechos sempre tocados de alta inspiração arrebatadora sobre a mulher brasileira e as heroínas pernambucanas nos campos de Tejucupapo e Casa-Forte, sobre os gemidos abafados e os soluços innaraveis, as maguas torturantes e as tristezas sem nome, as agonias surdas e as lagrimas incomprehendidas desta figura meiga de nossa historia: — o escravo; sobre tantos outros themas commoventes e gloriosos de nosso passado nacional!

Que força poderosa, que flamma intensa, que nobreza pura naquelle patriotismo! E se eu não posso dizer de D. Luiz de Britto como se disse de Nabuco que o sentimento nacional foi o pendulo de sua existencia, é porque o Prelado teve na terra a grande missão sagrada de sacerdote e de pescador das almas.

Mesmo porém no sacerdocio, não é difficil descobrir que uma das feições mais sedutoras do apostolado no grande Prelado era o sentimento e direi melhor a paixão da patria.

*UMA FEIÇÃO DO APOSTOLADO.* — Pescador de homens! Palavra profunda do Evangelho que traduz o arrebatamento e a embriaguez do apostolo, em vôos soberbos através do



espaços sem horisontes, palavra immensa que diz a divina tentação do infinito! Ao espirito do joven Luiz de Britto o dedo de Deus lhe fez resplandecer um dia uma idéa eterna.

E foi neste fulgor e neste deslumbramento a voz do Mestre Divino. Para logo cahiram-lhe dos labios e jorraram-lhe do peito estas palavras ardentes que são, do mesmo passo, creadoras da familia e creadoras do sacerdocio: "Tu só e para sempre!"

E eil-o que se vae, pescador de homens, a fazer luzir nos corações a Claridade Invisível, para dizer com o verso de Racine.

Oh! A divina tentação do Infinito!

E', certo, nesta attracção sublime que repontam e se precisam o traço e o feitio das almas apostolicas.

Pescador de homens! E não é elle que vem espargindo a mancheias as florescencias maravilhosas da cultura e da civilisação no mundo?

Só a atmosphaera do Evangelho podia crear e fazer florir estes espiritos torturados do Infinito, estas almas que gritam perennemente *sitio! sitio!* e com este brado se atiram á conquista dolorida das almas.

E' nesta conquista trabalhoza que o apostolo tem de encontrar inevitavelmente a lucta. Aceita-a e atira-se á liça com desassombro, sem desfallecimento, sem vertigem.

"Pela mesma bitola do chefe da Synagoga que um dia censurou a Jesus o ter curado miraculosamente uma mulher que a enfermidade corcovára, se medem todos os discipulos de todas as escolas do erro. Preferia que ficasse aquella enferma sempre enferma alcachinada como um animal.

"O bem que á Igreja é dado espalhar entre os povos, escreveu Luiz Veuillot, quizeram que o não espalhasse.

"O que mais que tudo desejam é que ella não corrija os homens e os não torne aptos a olhar o alto... impugnadores haverá que hão de tomar como pretexto o bem do proprio homem.

"Hão de allegar que endireitar o homem é prejudicial-o; que muito mais lhe releva andar curvado para o chão. Hão de empregar todo o genero de sophismas, hão de usar a força mesma, para impedir aos povos que se cheguem a Jesus Christo.

"O que mais temem é que o homem oiça a grande exhortação: *Sursum corda*. E no entretanto, ao passô que hão de empenhar-se em apagar a luz do Evangelho, hão de emancipar-se do jugo d'elle.

“Hão de desamarrar o boi e o jumento, que figuram o instincto bruto; hão de conduzi-los á piscina, ás pesadas aguas que apagam a razão e fazem odiar a luz.

“Quando assim houverem incutido ao homem a sympathia para o lodaçal, e a tendencia para a noite, hão de então dizer-lhe: Vês? Libertamos-te!

E hão de exploral-o em proveito de si proprios.

Christo ensina á sua Igreja a que não tema. A despeito das ameaças espalhe a verdadeira luz” (L. Veillot—“Jesus Christo”).

E a Igreja espalhou e continuará a espalhar a verdadeira luz.

E foi assim que germinou e floriu no mundo uma civilização que valia infinitamente mais do que as civilizações antigas, que a todas sobrepujava, porque procurando ardentemente as almas era e é portadora e possuidora de vitalidade inexgottavel e renovação perenne: a civilização christã.

“E ha no mundo tantas almas que tambem aspiram”. Esta formosa phrase de Graça Aranha não é mais do que a repetição das palavras doloridas e compassivas do Mestre Divino: — “*Misereor super turbam*”. “*Evangelizare pauperibus misit me*”.

Misereor! E não é ainda esta compaixão que a todas as horas, em todos os tempos, em toda parte, reaccende o sagrado ardor do apostolo?

Tantas almas, tantas, continua Graça Aranha, de servidão immemorial que tambem aspiram pelos seus redemptores e libertadores!

Em D. Luiz o patriotismo era a continuação e prolongamento radioso do apostolado. Sacerdote de Christo, elle fez da conquista das almas o idéal de sua vida: era a sêde do apostolo!

Brasileiro, elle jámais perdeu de vista esta grande alma que nós todos estremeçemos e idolatramos e que elle queria sempre mais depurada e mais forte, mais luminosa e mais pura: a alma da Patria! Por isto elle não podia comprehender a causa da Patria divorciada da Igreja. Monarchista como era, elle não temia os avanços da idéa democratica.

O que elle queria, como verdadeiro bispo americano na esteira de Spalding, O’ Connell ou Gibbons, era o baptismo das demoeracias.

No Brasil, na America, no mundo inteiro a demoeracia resultará uma realidade benefica quando, a exemplo da republi-



ca florentina, “a rubra flôr de liz arrancada em botão”, a exemplo da Suissa e da Confederação Norte-Americana, os povos se capacitarem de que entre a verdadeira democracia e o Evangelho não ha antagonismo algum por isso mesmo que o Evangelho é inspirado por um authenticico espirito democratico, se por isto entendermos, na phrase de Leroy, o espirito de egualdade e de fraternidade.

A democracia da Revolução, “cujas idéas basicas são essencialmente racionalistas”, esta democracia que vem dos philosophos do seculo XVIII e da Revolução, que affirma a fé na bondade natural do homem, — que faz da idéa de Deus “uma superstição antiga” e, no dizer de Leroy, conduz á Omnipotencia e á Deificação de Estado, — que apagando a distincção entre o espiritual e o temporal, nega, desconhece e aniquila a verdadeira liberdade politica, a verdadeira verdade religiosa, esta democracia, dizemos nós, só pôde ser a deshonna da civilisação, o aviltamento do homem, o maior e o mais tremendo dos flagellos sociaes. Seria a anarchia a que se refere Alberto Torres; seria sem duvida, a demagogia incendiaria.

Olhando a alma da Patria, meditando no futuro nacional D. Luiz temia que assentasse tendas entre nós esta democracia dissolvente.

Toda a vida do Prelado equivale a meio seculo de esforços e fadigas convergindo a este alvo nobilissimo: impedir que o paiz resvalasse por este despenhadeiro sombrio que nos levaria fatalmente á desventura suprema, ao abandono cruel de nossas tradições, ao olvido criminoso de nossas tradições, ao desfiamento da raça, á ruina irremediavel da nacionalidade.

Ao Evangelho! Ao Evangelho! clamou durante mais de cincoenta annos aquella grande vóz sonora e gloriosa.

*Non solum sed coelum!* Para o alto! Para o Infinito! “Mais hausto de luz, hausto maior de crença!” O impulso das almas arroja-se ás alturas illuminadas: só ali podem ellas viver e respirar! Os povos que olharam perennemente o chão perderam a sua razão de ser, precipitaram-se irremediavelmente no abysmo: afundaram todos.

Ao Evangelho! Só naquellas paginas divinas é que nós brasileiros attingiremos e realizaremos o sentido profundo e integral do triumpho sobre a natureza, e chegaremos, ascensio-



nalmente á cultura individual, á cultura collectiva e ás formas superiores da civilisação.

E' do Evangelho que veem derivando em maior somma possível os elementos que logram propiciar "a mais profunda harmonia á coexistencia social".

Com elle e sómente com elle é que nós brasileiros conseguiremos attingir "o maximo de nossa expressão moral".

*UMA FINALIDADE GLORIOSA.* — O Brasil inteiro havia cedido á rutilancia e ao encanto da eloquencia de Mons. Britto.

E' que naquella palavra calida e naquella vóz solenne tiveram vibração e expressão fiel, luminosa e pura, os sentimentos de religião e patria que devem existir no fundo moral e affectivo, no estofó religioso e civico de todo brasileiro; os sentimentos da religião, porque foi ella que ensombreou e acalentou o berço patrio, realisou a nossa unidade nacional, presidiu á nossa formação historica e é ella, por certo, a gloriosa crença que, inteira ou deformada, todo brasileiro sente latejar, dentro de si, como uma nobre herança de sangue; e os sentimentos da patria, porque é na alma da Patria, alma sagrada, immensa que nós todos, parcellas pequeninas, palpítamos com ufania e com amor.

Vóz de patriota, vóz de vidente!

Missão formosa a de apostolar os idéaes da patria com os idéaes da religião! E se D. Luiz de Britto não escreveu, como Nabuco, a elaboração de nossos destinos, não deixou, entretanto, de meditar profundamente sobre elles.

E da finalidade brasileira e da consciencia nacional nos disse tantas verdades profundas aquella vóz solenne e gloriosa! E como Nabuco "nesses momentos augustos de meditação elle augmentou a sensibilidade das cordas de nossa expressão litteraria e nos deu outras e mais raras vozes..."

E era, creio eu, naquella eloquencia frondosa como as nossas selvas, esmaltada como os nossos campos, magestosa e larga como a enchente de nossos rios, que se vehiculavam os éstos e o *frisson* de nossa viva sensibilidade incendiada nos fulgores tropicaes.

E assim aquella vóz extraordinaria resultava a expressão sonora, animada, colorida, palpitante e seductora desta sensi-



bilidade da raça porque devia de ter muito de nosso proprio genio, de nossa propria alma nacional!

E elle foi assim um *expoente* e uma feliz expressão da raça.

Nos ultimos annos, quando as sombras desciam e a neve ia se derramando na cabeça augusta do egregio arcebispo, elle feria mais amiudamente a fibra do amor da patria.

Era sem duvida a religião e a fé que naquellas horas mais solennes da vida vinham dar força estranha, singular e mais poderosa ao patriotismo do Prelado.

Trabalhára a vida inteira afim de que a patria pela religião jámais se desviasse do caminho pelo qual havemos de chegar ao maximo de nossa expressão moral.

Porque elle tambem pensando na patria sentia vivamente que “muitas vezes não se chega até lá e se *desapparece* numa volta da historia, não se deixando um traço, um sulco no grande espaço em vão percorrido” ...

Para nos salvarmos desse irremediavel desastre, dizia D. Luiz de Britto como Graça Aranha e Affonso Arinos, “para escapar do triste silencio em que nos extinguiriamos, precisamos executar, dentro de nós mesmos, uma serie de esforçados trabalhos para chegarmos a uma victoria completa e sermos uma força dentre as forças espirituaes da terra... Seria a apuração de nossa alma”.

Era esta a aspiração suprema, a finalidade gloriosa a que tendia o patriotismo em que se inflammava a alma sacerdotal de Mons. Britto. Não é preciso dizer que o illustre arcebispo só comprehendia esta apuração da alma nacional pelo Evangelho e pela Igreja do Christo.

Façamos ponto applicando a esta nobilissima figura do episcopado nacional aquellas palavras que ao grande abolicionista applicára o escriptor: “do berço ao tumulo, nessa peregrinação na terra, ninguem cumpriu mais bello e claro destino, ninguem como elle proferiu mais doces palavras repassadas de resignação, de tolerancia e de belleza...”

**INVOCAÇÃO.** — Bondoso amigo e pae espiritual, dahi da clara e suave luz em que habitas, perdôa á apagada mesquinhez destas flôres murchas.

Eil-as ahi, humildes mensageiras do meu commovido affecto e do meu enternecido reconhecimento.



Eu disse mal e tão andrajosamente da imagem de tua intelligencia e de tua sensibilidade!

Não te púde tecer uma guirlanda!

Daqui deste recanto longinquo, afogado nos sertões do nordeste brasileiro, com o beijo sentido que envio á lousa do tumulto em que repousam as tuas cinzas, para mim duas vezes sagradas, offereço-te tudo o que posso dar, tudo que pude encontrar na effusão de minha saudade infinita e soluçante: — esta mancheia de flôres; aceita-a: as flôres vão orvalhadas do meu enternecido affecto e dos sonhos mais gratos de minha mocidade.

Parahyba.

HELIODORO PIRES.



---

---

PAGINAS ESQUECIDAS

UM PREFACIO (\*)

Um dia, respondendo a Alencar em carta publica, dizia-lhe eu, com referencia a um topico da sua, — que elle tinha por si, contra a conspiração do silencio, a conspiração da posteridade. Era facil antevê-lo: o *Guarany* e *Iracema* estavam publicados; muitos outros livros davam ao nosso auctor o primeiro logar na literatura brasileira. Ha dez annos apenas que morreu; eil-o que renasce para as edições monumentaes, com a primeira daquellas obras, tão fresca e tão nova, como quando viu a luz, ha trinta annos, nas columnas do *Diario do Rio*. E' a conspiração que começa.

O *Guarany* foi a sua grande estréa. Os primeiros ensaios fel-os no "*Correio Mercantil*", em 1853, onde substituiu F. Octaviano na chronica. Curto era o espaço, pouca a materia; mas a imaginação de Alencar suppria ou alargava as cousas, e com o seu pó de ouro borrifava as vulgaridades da semana. A vida fluminense era então outra, mais concentrada, menos ruidosa. O mundo ainda não nos falava todos os dias pelo telegrapho, nem a Europa nos mandava duas e tres vezes por semana, ás braçadas, os seus jornaes. A chacara de 1853 não estava, como

---

(\*) Este prefacio foi escripto em 1888 para uma edição monumental do "*Guarany*", que não passou do 1.º fasciculo, onde se imprimiram o mesmo prefacio e as primeiras paginas do "*Guarany*". Machado não reimprimiu o seu prefacio em nenhuma das suas collectaneas de escriptos varios.



a de hoje, contigua á rua do Ouvidor por muitas linhas de *tramways*, mas em arrabaldes verdadeiramente remotos, ligados ao centro por tardos omnibus e carruagens particulares, ou publicas.

Naturalmente, a nossa principal rua era muito menos percorrida. Poucos eram os theatros, casas fechadas, onde os espectadores iam tranquillamente assistir a dramas e comedias, que perderam o viço com o tempo. Tres delles foram demolidos; resta um, com uso intermittente. A animação da cidade era menor e de differente character. A de hoje é o fructo natural do progresso dos tempos e da população; mas é claro que nem o progresso nem a vida são dons gratuitos. A facilidade e a celeridade do movimento desenvolveram a curiosidade multipla e de curto folego, e muitas cousas perderam o interesse cordial e duradouro, ao passo que vieram outras novas e innumeraveis. A phantasia de Alencar, porém, fazia render a materia que tinha, e não tardou que se visse no joven estréante um mestre futuro, como Octaviano, que lhe entregara a penna.

Effectivamente, dahi a tres annos, apparecia o *Guarany*. Entre a chronica e este romance, medearam, além da direcção do *Diario do Rio*, a famosa critica da *Confederação dos Tamoyos*, e duas narrativas, *Cinco Minutos* e a *Viuvinha*. A critica occupou a attenção da cidade durante longos dias, objecto de replicas, debates, conversações. Em verdade, Alencar não vinha conquistar uma ilha deserta. Quando se apparelhava para o combate e a producção litteraria, mais de um engenho vivia e dominava, além do proprio auctor da *Confederação*, como Gonçalves Dias, Varnhagen, Macedo, Porto Alegre, Bernardo Guimarães; e entre esses, posto que já então finado, aquelle cujo livro acabava de revelar ao Brazil um poeta genial: Alvares de Azevedo. Não importa; elle chegou, impaciente e ousado, criticou, inventou, compoz. As duas primeiras narrativas trouxeram logo a nota pessoal e nova; foram lidas como uma revelação. Era o bater das azas do espirito, que ia pouco depois arrojarse até as margens do Paquequer.

Aqui estão as margens do Paquequer; aqui vem este livro, que foi o primeiro alicerce da reputação de romancista do nosso auctor. E' a obra pujante da mocidade. Escreveu-a á medida da publicação, ajustando-se a materia ao espaço da folha, condições



adversas á arte, excellentes para grangear a attenção publica. Vencer estas condições no que ellas eram oppostas, e utilisal-as no que eram propicias, foi a grande victoria de Alencar, como tinha sido a do auctor dos *Tres Mosqueteiros*.

Não venho criticar o *Guarany*. Lá ficou, em paginas idas, o meu juizo sobre elle. Quaesquer que sejam as influencias extranhas a que obedeceu, este livro é essencialmente nacional. A natureza brasileira, com as exuberancias que Burke oppõe á nossa carreira de civilização, aqui a tendes, vista por varios aspectos; e a sua vida interior no começo do seculo XVII devia ser a que o auctor nos descreve, salvo o colorido literario e os toques de imaginação, que, ainda quando abusa, delicia. Aqui se encontrará a nota maviosa, tão característica do auctor, ao lado do rasgo masculo, como lh'o pedia o contacto e o contraste da vida selvagem e da vida civil. Desde a entrada estamos em puro e largo romantismo. A maneira grave e apparatusa com que D. Antonio de Mariz toma conta de suas terras lembra os velhos fidalgos portuguezes, vistos atravez da solennidade de Herculano; mas já depois intervem a lucta do goytacaz com a onça, e entramos no coração da America. A imaginação lá á realidade os mais opulentos atavios. Que importa que ás vezes a cubram de mais? Que importam os reparos que possam fazer na psychologia do indigena? Fica-nos neste o exemplar da dedicação, como em *Cecilia* o da candura e faceirice; ao todo, uma obra em que palpita o melhor da alma brasileira.

Outros livros vieram depois. Veiu a deliciosa *Iracema*; vieram as *Minas de Prata*, mais vasto que ambos, superior a outros do mesmo auctor, e menos lido que elles; vieram aquelles dois estudos de mulher, — *Diva* e *Luciola*, que foram dos mais famosos. Nenhum produziu o mesmo effeito do *Guarany*. O processo não era novo; a originalidade do auctor estava na imaginação fecunda, — ridente ou possante — e na magia do estylo. Os nossos raros ensaios de narrativa careciam, em geral, desses dois predicados, embora tivessem outros que lhes davam justa nomeada e estima. Alencar trazia-os, com alguma cousa mais que esperava a attenção: o poder descriptivo e a arte de interessar. Curava antes dos sentimentos geraes; fazia-o, porém, com largueza e felicidade; as physionomias particulares eram-lhe meños accetias. A lingua, já numerosa, fez-se rica pelo tempo adiante. Cen-



surado por deturpal-a, é certo que a estudava nos grandes mestres; mas persistiu em algumas fórmulas e construções, a titulo de nacionalidade.

Não pude reler este livro, sem recordar e comparar a primeira phase da vida do auctor com a segunda. 1856 e 1876 são duas almas da mesma pessoa. A primeira data é a do periodo inicial da producção, quando a alma paga o esforço, e a imaginação não cuida mais que de florir, sem curar dos fructos nem de quem lh'os apanhe. Na segunda, estava desenganado. Descontada a vida intima, os seus ultimos tempos foram de misanthropo. Era o que ressumbrava dos escriptos e do aspecto do homem. Lembra-me ainda algumas manhãs, quando ia achal-o nas alamedas solitarias do Passeio Publico, andando e meditando, e punha-me a andar com elle, e a escutar-lhe a palavra doente, sem vibração de esperanças, nem já de saudades. Sentia o peor que pode sentir o orgulho de um grande engenho: a indifferença publica, depois da aclamação publica. Começara como Voltaire para acabar como Rousseau. E baste um só cotejo. A primeira de suas comedias, *Verso e Reverso*, obrazilinha em dois actos, representada no antigo *Gymnasio*, em 1857, excitou a curiosidade do Rio de Janeiro, a litteraria e a elegante; era uma simples estréa. Dezoito annos depois, em 1875, foram pedir-lhe um drama, escripto desde muito, e guardado inedito. Chamava-se *O Jesuita*, e ajustava-se fortuitamente, pelo titulo, ás preoccupações maçõnico-ecclesiasticas da occasião; nem creio que lh'o fossem pedir por outro motivo. Pois nem o nome do auctor, se faltasse outra excitação, conseguia encher o theatro, na primeira, e creio que unica, representação da peça.

Esses e outros signaes dos tempos tinham-lhe azedado a alma. O echo da quadra ruidosa vinha contrastar com o actual silencio; não achava a fidelidade da admiração. Accrescia a politica, em que tão rapido se elevou como cahiu, e donde trouxe a primeira gotta de amargor. Quando um ministro de Estado, interpellado por elle, retorquin-lhe com palavras que traziam, mais ou menos, este sentido — que a vida partidaria exige a gradação dos postos e a submissão aos chefes, — usou de uma linguagem exacta e clara para toda a Camara, mas inintelligivel para Alencar, cujo sentimento não se accommodava ás disciplinas menores dos partidos.



Entretanto, é certo que a politica foi uma de suas ambições, senão por si mesma, ao menos pelo relevo que dão as altas funções do Estado. A politica tomou-o em sua nave de ouro; fello polemista ardente e brilhante, e levantou-o logo ao leme do governo. Não faltava a Alencar mais que uma qualidade parlamentar, — a eloquencia. Não possuía a eloquencia, antes parecia ter em si todas as qualidades que lhe eram contrarias; mas, fez-se orador parlamentar, com esforço, desde que viu que era preciso. Compreendera que, sem a oratoria, tinha de ficar na meia obscuridade. Se o talento da palavra é a primeira condição do parlamento, no dizer de Macaulay — que escreveu essa especie de *truismo*, supponho, para accrescentar sarcasticamente que a oratoria tem a vantagem de dispensar qualquer outra faculdade, e pode muita vez cobrir a ignorancia, a fraqueza, a temeridade e os mais graves e fataes erros, — sabemos que para o nosso Alencar, como para os melhores, era um talento complementar, não substitutivo. Deu com elle algumas batalhas duras contra adversarios de primeira ordem. Mas tudo isso foi rapido. Teve os gozos intensos da politica, não os teve duradouros. As letras, posto que mais gratas que ella, apenas o consolaram; já lhes não achou o sabor primitivo. Voltou a ellas inteiramente, mas solitario e desenganado. A morte veio tomal-o depressa. Jámais me esqueceu a impressão que recebi quando dei com o cadaver de Alencar no alto da eça, prestes a ser transferido para o cemiterio. O homem estava ligado aos annos das minhas estréas. Tinha-lhe affecto, conhecia-o desde o tempo em que elle ria, não me podia acostumar á idéa de que a trivialidade da morte houvesse desfeito esse artista fadado para distribuir a vida.

A posteridade dará a este livro o logar que definitivamente lhe competir. Nem todos chegam intactos aos olhos della; casos ha, em que um só resume tudo o que o escriptor deixou neste mundo. *Manon Lescaut*, por exemplo, é a immortal novella daquelle padre que escreveu tantas outras, agora esquecidas. O auctor de *Iracema* e do *Guarany* pode esperar confiado. Ha aqui mesmo uma inconsciente allegoria. Quando o Parahyba alaga tudo, Pery, para salvar Cecilia, arranca uma palmeira, a poder de grandes esforços. Ninguem ainda esqueceu essa pagina magnifica. A palmeira tomba, Cecilia é depositada nella, Pery



murmura ao ouvido da moça: *Tu viverás*, e vão ambos por alli abaixo, entre agua e céu, até que se somem no horizonte. Cecilia é a alma do grande escriptor, a arvore é a Patria que a leva na grande torrente dos tempos. *Tu viverás!*

MACHADO DE ASSIS.

## FEITICEIRA

— Não. Não aguento tamanho pouco caso: era o que faltava! E, diante destes olhos, fazer o que elle fez, minha Senhora da Conceição!

Assim pensando ahi vinha a Benedicta — alta, esvelta, mostrando na saia leve de cambraia a opulencia dos quadris de mulata bem fornida. Saudia a cabeça, enraivecida, endireitava o corpo e, pousando as mãos na cintura, parava derepente, em attitude de desafio. Continuava depois a marcha, perseguida pela mesma idéa má; estrada afóra, ia esmagando, sob os sapatinhos de couro cheios de pellos brancos, as flôres e os arbustos.

A's vezes num gesto estouvado, desmanchava a laçada do lenço de seda côr de ouro fosco, que tão bem lhe coifava a grenha luzidia.

— Eu mostro a esse diabo! Ha de me pagar o atrevimento!

E traçava nervosamente o chale fino, de côr vistosa, que havia comprado na vespera para assistir á procissão. Chocavam-lhe no pescoço as contas escuras de “lagrimas de Nossa Senhora” e as bichas de ouro faiscavam ao sol, brunindo, com o reflexo, a face afogueada da rapariga.

Na lombada do morro assomava a espaços o comoro dum cupim sobre o qual os pica-páos gritavam num assanhamento de voracidade contra os pequenos insectos.

O sol, a pino, afugentava da grimpa das arvores o passaredo que se escondia no meio das franças. Entre as folhas dum ingázeiro cochichavam periquitos, mansamente, preguiçosamen-



te, como invadidos da calma canicular, velando de quando em quando as pupilas redondas. No meio das folhas seccas, farfalhantes, passava um calango, traçando na rapida corrida um zig-zag de fogo com a pelle azul-dourada do seu dorso.

E caminhava a Benedicta, forjicando planos, tramando contra o desaforado Miguel que, ainda ha pouco, passára por junto della, fingindo não dar por isso, tão preocupado parecia com outra conquista. Pois era assim que elle pagava a dedicação de Benedicta, o seu amor quente e caricioso, o seu gosto em lhe agradar sempre, em vestir-se bem, enfeitar-se toda para lhe apparecer? E ainda agora mesmo não acabava de fazer o sacrificio de vir de tão longe só para vê-lo na procissão? Atrevido! Desavergonhado! Ella não tinha sangue de barata para aturar tanto desaforo. Deixal-o estar: haveria de pedir conselho a tio Cosme para enfeitejar o Miguel. Oh, o tio Cosme era sabido, em cousas de feiticaria!

E, assim pensando, chegou á larga porteira que dava entrada ao pateo espaçoso, fechado por muros pardacentos. Cobria-os uma carapuça de capim secco para protegel-os contra a acção dissolvente das chuvas. No fundo, erguia-se o sobrado branco, com uma escada de pedra ao lado.

Benedicta entrara.

Uma laranjeira, numa das faces do sobrado, derramava ondas de perfume no quarto que olha para o nascente. Do lado direito, uma porta no muro dava accesso ao pomar, abrindo quasi sobre um rêgo d'agua abundante, murmuroso, arrastando em pequenas balsas de folha de umbaúba borboletas de grandes azas oculadas de azul. A agua do rêgo caia colleando os canteiros e lambendo preguiçosamente as raizes das mangueiras seculares, das laranjeiras em flôr. Debruçada sobre a porta dizente ao pomar, uma grande arvore viçosa, de compridas folhas encarnadas, attrahia um enxame de bezouros, de maribondos zumbidores e de beija-flores cinzentos cuja cauda branca abria-se em tesouras. E os pequenos seres alados, numa embriaguez de sons e de côres, banquetevam-se no leite viscoso da arvore. No centro do largo pateo, um cavallo escarvava a terra, dobrando depois os joelhos e espojando-se voluptuosamente, á procura de refrigerio. Junto ao muro da frente, velho boi carreiro, de pescoço alçado, orelhas aprumadas e olhos fitos na



lombada do morro fronteiro, mugia dolentemente, chorando talvez os companheiros longinquos, despedindo-se talvez, com esse gemido selvagem, repassado de angustia, dos campos saudosos de Canna-Brava, onde até então pompeará a sua independência de filho dos sertões. Um João-de-Barro, cheio de susto, chamava ansiosamente pela companheira pulando e remexendo-se na porta de sua casinha, levantada sobre o galho do genipapeiro, á beira do curral. A companheira respondia ao longe e continuava a caçar insectos. Ouvia-se também ao longe o gemido das juritis num chavascal escuro.

Todos os seres vivos procuravam a sombra, na hora canicular da sésta.

E o sol a pino requemava a terra numa graninundação de luz.

---

Junto á porta que dava para o pomar, quando entardecia, Benedicta, de costas para o pateo, conversava com um prefo velho. Era o tio Cosme.

A carapuça de lã, carregada sobre a fronte, annuviava mais esse rosto adusto, punha um quê de sinistro naquella physionomia ao mesmo tempo enigmatica e feroz, burlesca e solenne. O olhar torvo, rompendo frio o perverso dos bugalhos vermelhos, como os dentes afiados rompem da mocosa rubra do jaguar, pairava sobre a Benedicta, agudo e penetrante.

O negro vestia de algodão de côr fusca. A camisa, trazia-a elle aberta ao peito, mostrando a pelle franzida e riscada de betas furfuraceas. Protegiam-lhe os pés contra os seixos da estrada alparcas de coiro crú. Curvado como estava e apoiado a um bordão cuja ponta ennegrecida tinha signaes de sangue, certamente de reptis que matara pelos caminhos, deixava pender do pescoço, na ponta de cordões escuros, amuletos de couro, unhas e presas de onça, que livram de quebrantos e de enfermidades.

Empregava essas patranhas em serviço de seu odio aos brancos, de vingança contra os soffrimentos de sua raça. Especie de pagé negro, era Cosme o espirito de revolta entre os seus malungos. Ninguem ousava offendel-o, porque um terror supersticioso, ao qual os proprios fazendeiros não escapavam, op-



punha uma verdadeira muralha a qualquer aggressão á sua pessoa. Verdadeiro duende no meio daquelles homens simples, ninguém duvidava da efficacia de suas pragas.

Quando o preto, juntando os dedos na bocca, fazia um beijo, parecia que de seu corpo iam brotar myriades de maleficios. Gosava de má fama entre os seus brancos, que já o haviam libertado com a condição de ir-se elle para longe. Profundamente supersticioso, tornava-se o oraculo dos outros negros e da gente miuda, vivendo sempre com beberagens e praticas estranhas para curar doenças, livrar de má sorte e despertar o amor. As suas respostas ás consultas, os seus conselhos, as suas receitas eram postas em pratica com verdadeiro rigor. Quantas vezes, no chão frio da velha choça, não se estorceu, escabujando, algum creoulo sacudido ou mulato pernóstico, aos golpes successivos e energicos d'uma corda de fumo, erendo que uma sóva com esse instrumento lhe limparia o corpo de *máu olhado*? Quantas vezes tambem a sinhá moça não encontrou no fundo da chicara de café que lhe trazia a mucama, um pó estranho que não era outra cousa senão unha raspada?

Cosme pouco apparecia, vivendo sempre pelas mattas. Para as creanças era um verdadeiro *tutú* de quem fugiam ás leguas.

Benedicta, mulata nova e bonita, era cria da casa e da estimação da sinhá. Viveu separada dos escravos, no meio da familia do fazendeiro. De animo viril e de natureza impetuosa, a educação num meio superior á sua condição levantou-lhe algum tanto o espirito. Embora supersticiosa, não sofria a mesma dominação ábsoluta, a mesma fascinação que o tio Cosme exercia sobre todos os escravos.

Comtudo, o feiticeiro não deixava de exercer influencia sobre o seu espirito. A vida mysteriosa, o character sombrio e o torvo aspecto de Cosme, geravam-lhe na alma um certo temor e uma certa fé no feiticeiro. Toda vencida de paixão pelo Miguel que, sciente disso e cheio de vaidade, vivia a fazer-lhe pirraça, mais duma vez lembrou-se dos preparados do tio Cosme. Entanto, só nesse dia, depois de tanto desaforo, é que se resolveu a falar-lhe, quando o viu encaminhar-se para a sua palhoça escondida ali pelas cercanias.

O porte esbelto da Benedicta, ao lado da pequenez felina



do velho, dava á mulata a semelhança duma veada desaparecida, prestes a ser prêa da jaguatirica que prepara o bote, alampardada junto a um tronco d'arvore.

— Entregue-me o menino, que a cousa se decide, disse finalmente o preto.

— Deixe desses brinquedos, tio Cosme. O Juquinha foi creado nestes braços, dormindo sempre na minha cama. A gente não ha de comer os filhos, feito sucuru', nem deixar alguém mata-los.

Dahi a instantes, enquanto Benedicta entrava em casa correndo por acudir á labuta, elle sahia pateo afóra, com os beiços flacidos arrepanhados no canto num risinho mau, tartamudeando:

Negro do quilombo  
Grita na cidade:  
Viva o rei do Congo,  
Nossa magestade!

Viva!  
Viva! Viva! Viva!  
Viva a magestade!

E, arrastando o bordão pela terra, monologava:

Menino! menino! o bracinho tirado do corpo ainda quente, ha de mexer tachada de café ao fogo. Quem o beber, mexido assim, na hora de torrar, perde logo o pouco-caso e apanha rabicho. E eu tenho encommenda... Deixe ver: uma, duas, tres pessoas que querem remedio para desprezo... A Rosa ainda hontem me falou nisso. Ora! num instante o Quim larga da outra: é só o tempo de beber o café, das mãos da Rosa.

E pouco a pouco, batendo pausadamente as alparcas no chão duro, foi entrando no matto, em demanda de sua palhoça.

— Eu aprompto a cousa: tiro o bracinho do menino... Hei de afogal-o primeiro; não custa muito. Quando pégo algum nhambú na urupuca, elle nem chega a soffrer: sei dum lugar no pescoco que é só apertar um pedacinho de tempo — o bicho morre logo. Assim o menino: é mesmo que o passarinho...

E pouco a pouco, batendo pausadamente as alparcas no chão duro, foi entrando no matto, em demanda de sua palhoça.

O taquary vicejava á sombra do arvoredo, carregando o verde escuro dos troncos e espalhando as hastes por todos os lados, numa rede emmaranhada.

Das arvores ancians cahiam, em solennidade hieratica de patriarchas das selvas, longas barbas de musgo. D'aqui e d'acollá, em pontes pensis de cipós, corriam caringuelês e sanis davam gritozinhos brejeiros.

A palhoça do negro estava suspensa do barranco de uma grotta, ao fim da matta. No fundo resplandecia o cascalho, humedeado sempre por um olho d'agua que chorava...

Pequenas trilhas de cotia desciam ao lacrymal; e um cheiro forte de matta-virgem envolvia a cabana encoberta de baguassú escurecido de fumaça. Dentro, na meia luz, jacás afilados, conicos, armadilha contra os ratos silvestres, pendiam do tecto, ou formavam cantoneiras toscas nas paredes de barro secco, aspero, ouriçadas de pontinhas de capim. Cabaços e coités de todos os tamanhos, facões quebrados, arcos velhos de barril, pennas de differentes passaros, insectos seccos, couros e pelles, cascos de tatú e kagado, cousas de mil formas — tudo aclarado pela luz fumarenta de um fogacho, numa trempe de pedras soltas ao fundo.

Cosme entrou a resmungar. Procurou a cabeça e as garras de anhuma, pregadas ao portal, e murmurou, segurando os objectos:

— Anhúma! passaro bento, bicho bem mandado! Vaes benzer este remedio para a gente tomar. Tu sabes fazer cruz na agua do rio; pois faze cruz aqui.

E com a cabeça de anhúma fazia cruces sobre um liquido estranho, dentro de uma combuca.

Deu voltas pelo ambito da palhoça, onde a luz morrente do sol no occaso, varando o tecto de palmas, formava figurinhas brancas, esguias, volitando no ar. Regougou phrases incompreensiveis e, curvando mais o corpo, penetrou no escuro, junto a parede do fundo, onde procurava alguma cousa — gravetos, sem duvida — que atirou á trempe de pedras soltas, formando uma columnazinha de fumo. Ajoelhando-se no chão, debruçou-se nas mãos e soprou, em longos sopros compassados, pou-



co depois, erguia-se a labareda, viva, ruidosa, sacudindo no ar a coma rubra, no meio dos estalidos dos gravetos abrazados.

Levantou-se de novo e tirou da parede um urucungo, instrumento barbaro, companheiro unico das vigílias do negro, fonte de sons tristonhos, dolentes, que chamava duendes e fazia a alma broncea do feiticeiro espanejar-se em azas de moreego.

Sentou-se no chão, recostado á parede; apoiou o queixo ao joelho e, prendendo, por uma ponta, no dedo grande do pé, o arco do urucungo, de corda retesada, seguiu esta entre os dentes e pegou a bater-lhe com uma varinha, modulando a toada com a bocca.

Manso e manso, começaram a evolvar-se uns sons estranhos de musica primitiva, rude e simples. O rythmo triste, luctuoso, derramava-se pelo ambiente, dando vida a formas phantasticas que pareciam agitar-se na sombra.

A luz vermelha do fogo, ha pouco atizado, esbatia o rosto sinistro do bonzo; e as feições distendidas, os olhos arregalados, a bocca, armada de dentes brancos, sarcasticamente arreganhada, davam ao feiticeiro o tom funambulesco e dramatico de genio máu das cavernas, curupira das brenhas, cercado de manitós dos mortos maldictos.

Fóra, curiangús desferiam pios gutturaes, rapidos, em cahoeira de notas; grandes pererecas coaxavam formidavelmente no bojo dos taquarussús; e a noute cahia vagarosa e fatidica como véo pesado sobre um eremita morto.

Pouco a pouco, as vozes dos vivos, o bulicio das aves e das feras na matta, cessou; então, as almas penadas começaram a peregrinação, em formas impalpaveis, fugitivas...

Só, no meio do silencio das mattas, da quietação dos campos, o urucungo gemia, ás crebas pancadas da varinha sobre a corda retesada; crepitava a labareda e os olhos de Cosme, abertos, abertos parecia esperar alguém, do meio da noute...

Benedicta vagou pelas mattas o dia todo, sem rumo, voltando muitas vezes sobre os seus passos, a ver se encontrava o feiticeiro com o menino. Que havia de dizer á Sinhá? Como havia de explicar-lhe o desapparecimento do Juquinha? Maldito Cosme! E ella que tinha culpa de ter procurado o feiticeiro! Foi castigo de Deus. Entrava em desespero, pela morte quasi certa do pequenino, só se lembrava do Miguel para lhe attri-



buir uma parte da desgraça succedida. Ah, tentação do inferno! Para que lhe veio á idéa captar á força as sympathias do Miguel? Agora só lhe restava morrer. Sentia-se culpada da morte do pobresinho, do Juquinha que era como se fosse seu filho. Nesse momento tinha esquecido as noites mal dormidas com os caprichos e as impertinencias da creança, para recordar sómente as suas caricias, o seu cabellino louro, os seus olhos azues e o modo especial de pronunciar: mãe plêta. Não, não podia esmorecer! Para que a vida depois disto?

Com os pés entumecidos de andar, as vestes rotas e a carne dolorida de mil arranhaduras, sahiu do matto ao escurecer, indo dar perto da praia, onde o correço, brincando com os muitos seixos do seu leito, enrespava as aguas em pequeninas ondas marulhosas...

A estrada que levava á cidade, se estendia pelo morro completamente deserto, passando junto ao grande ingázeiro proximo á praia.

Benedicta seguiu por ella: decididamente ia matar-se. Amanhã veriam o seu corpo dependurado do ingázeiro, á margem da estrada. Talvez lhe attribuissem, por isso, a morte ou o sumiço do menino; mas, que importa? Deus sabia de tudo. Com o favor d'Elle e da Senhora do Rosario, ella seria perdoada. E assim pensando, andava em direcção ao ingázeiro cuja fronde enorme avultava na meia sombra do crepusculo.

De repente ouviu leves passos junto de si e uma voz procurando ser carinhosa, pronunciava o seu nome de mansinho.

A rapariga voltou-se e reclamou, reconhecendo a pessoa:

— Fuja de mim, maldicto! Não me venha tentar agora!

— Benedicta!

Ella, então, não tendo forças para fugir, olhou em roda de si, procurando uma arma, uma pedra para arremessar contra quem parecia inimigo tão temeroso.

— Assim mesmo é que são as cousas. Agora que estou aqui, amofinado, humilde...

— Miguel! Demonio! Vá para o inferno! Nossa Senhora me valha pelo amor de seu Santissimo Filho! Livre-me desse diabo, desse matador!

— Ah, você já sabe? Foi uma desgraça; mas que havia de fazer?



— E inda tem bocca para dizer isso, meu Deus!

— Pois é verdade. Elle morreu e eu assisti á sua morte, no meio do matto. Como é que você soube?!

Benedicta, pensando que Miguel se referia á morte do Juquinha, teve um movimento de repulsão e de horror. Fazendo um esforço supremo, deu um grito terrivel e desatou a correr. O rapaz apparecia-lhe agora como a figura do demonio ou de algum ente maldieto que a feiticeria do Cosme atirava sobre ella. Miguel acompanhava-a:

— Escuta, olha, Benedicta; escuta uma cousa só pelo amor de Deus!

Exgottada de forças, a moça cahiu e deixou-se ficar soluçando.

Miguel, sem ousar tocá-la, ia dizendo com a palavra cortada pelos offegos que lhe causára a corrida:

— Olha Benedicta, eu não tive outro remedio. Estava cansado naquelle matto de cima, bem longe. Tinha ouvido as jaguingas darem signal e ia atraz dellas quando ouvi um chorozinho abafado. Disse comigo: uai! á modo de que é jaguatirica arremedando passarinho; mas, não... Estive assumptando, assumptando... Depois fui pelo rumo da voz e dei com elle, com aquelle diabo, que Deus perdôe, em pé, no meio do matto, benzendo uma couza. Olhei para o chão e vi o menino com os pezinhos amarrados e as mãozinhas atadas por cima do peito, choramingando.

— Que é isso, tio Cosme? gritei.

O negro levou um susto e fez menção de vir para cima de mim, com um facão de matto. Levei a arma á cara, quasi sem sentir, e fiz fogo. Foi só: *pá, terra!* O negro rolou no chão, botando sangue pela bocca e fazendo cada careta... Metti as mãos na cabeça; estava perdido, minha Senhora do Rosario! Olhei, então, para o menino, a ver se vivia. Felizmente! Carreguei-o mas elle estava sem fala. Tinha um chorozinho muito sumido... Reconheci logo que era o filho do só Manuel Alves, o Juquinha...

Benedicta não havia cessado de chorar; mas, nesse ponto da narrativa de Miguel, o seu choro se tornara convulso.

O rapaz ficou longo tempo calado, de pé, olhando tristemente a mulata.



— Agora, disse elle, vossê nunca mais ha de levantar os olhos para mim. Eu sou um matador, tenho de ir para a cadeia... E depois a alma do tio Cosme ha de perseguir sempre... Ah, como será, meu Deus!

Pouco a pouco Benedicta foi-se acalmando, até que poude soerguer-se; e, pondo-se de joelhos, resou em voz baixa, conservando-se algum tempo como que em extasi. Em seguida:

— E minha sinhá! exclamou.

— Ih! nem é bom falar. Eu não lhe contei o caso como foi. Ella pensava que o Juquinha se achava com *sô* Manuel Alves, na roça, e porisso não ficou com muito susto. Perguntou logo como eu tinha encontrado o menino e onde vossê estava. Eu disse que tinha achado o menino dormindo perto do matto, na beira da estrada. E eu não quiz saber de muita conversa, não; metti o arco para fóra logo. Depois, fui á Lontagem. Foi mesmo por Deus. Se não venho de lá, a esta hora não te encontrava aqui.

Benedicta levantou-se e caminhou para Miguel. O rapaz recuou um pouco, timidamente. Ella, num transporte de paixão e de alegria, saltou-lhe ao pescoço, chorando. Entre lagrimas, dizia:

— Olha em que dá o feitiço... Ah! esse feiteceiro quasi me matou. Que castigo, meu Deus... Eu te conto o que foi... Pensei que o Juquinha tinha morrido... Tio Cosme me arrebatou das mãos o menino para matal-o e fazer feitiço com elle... Valeu-me Nossa Senhora... Havemos de ir a pé á Lapa do Muquem cumprir uma promessa...

E Miguel, ao contacto daquelle corpo macio e tenro, apertava-o fortemente ao peito, machucando de beijos as faces e os beiços da rapariga, enquanto apontavam no céu, a medo, as primeiras estrellas.

Passava no momento uma aragem fresca, impregnada do cheiro das mattas; e os ramos do ingázeiro, balouçando ao longe, traçaram no chão estranhas figuras negras.

Subito Miguel, ouvindo no meio da práia deserta o berro de um cabrito perdido, procurando o aprisco, estremeceu:

— Vá para casa, Benedicta; eu te acompanho, eu te apadrinho. Olha a alma do tio Cosme na figura de um cabrito, bicho amaldiçoado. Vamos sahir daqui



E, juntos, se encaminharam para o sobrado da fazenda, que se avistava ao longe com as janellas illuminadas. A presença da rapariga, moça e bonita, foi arrefecendo o terror supersticioso que a morte do Cosme infundia em Miguel. Sua vaidade de homem reagia... e não queria parecer fraco junto da rapariga.

Pelo caminho Miguel foi contando á Benedicta, para distrahil-a, a lenda das estrellas — uma grande boiada, cujo pastor é S. Pedro, e que de noute se espalha pelo azul. Apontava para uma e para outra. — Vê aquella, coitada, tão sózinha! Parece perdida da manada... E a boiada luminosa pascia no azul, mansamente...

AFFONSO ARINOS.



---

---

# RESENHA DO MEZ

---

## A CAMPANHA NACIONALISTA

Ainda não esmoreceu em S. Paulo e no resto do Brasil a sagrada campanha nacionalista em que os maiores espiritos desta terra, guiados por Pedro Lessa e Olavo Bilac, empregam neste momento o melhor da sua energia.

A presença de Olavo Bilac em São Paulo veio torná-la ainda mais viva e brilhante.

O grande poeta sabe como ninguém acender entusiasmos e arregimentar vontades. A sua palavra, uma das mais quentes e sedutoras que já mais acariciaram ouvidos brasileiros, tem encontrado para essa campanha patriótica expressões admiráveis, expressões que revolvem a alma, que deslumbram o espirito e que vencem a indiferença e a hesitação. Cada discurso, que lhe brota dos labios é um clarim que retempera as fibras e um clarão que dissipa as sombras do caminho e illumina o horizonte para onde o nosso povo, por bem ou por mal, para que não venha a perecer, deve dirigir os seus passos.

O que mais consola ao contemplar a marcha victoriosa desse eterno triumphador é que se os applausos lhe sobem das ruas, da turba humilde, também lhe descem dos palacios o apoio e o estímulo dos poderosos. A sua propaganda vai encontrando éco em todos os peitos e vibra, por igual, com os mesmos accents irresistiveis, no ouvido do moço estudante, enthu-

siasta e inexperiente, e no ouvido do estadista, do banqueiro, frio e experimentado.

Se nas escolas e nos quarteis expansões ruidosas de admiração têm acolhido o poeta, não lhe têm faltado nas altas rodas da politica, da sociedade e da administração publica as provas mais claras de consideração e de apreço.

Obra sua, e obra de uma grande e nobre significação, foi, por exemplo, em boa parte, a reunião dos membros do conselho deliberativo da Liga de Defesa Nacional que, ha dias, se realizou, no palacio do governo, a convite do sr. dr. Altino Arantes, presidente de S. Paulo.

Nessa reunião, a que ninguém deliberadamente fugiu, encontraram-se representantes de todas as classes dirigentes e de varios matizes politicos.

Nenhuma poderia, entretanto, correr com mais cordialidade e com maior unidade de vistas.

S. Paulo está mostrando, felizmente, que tem ouvido para ouvir e entender a voz do civismo.

Permittam os céus que nunca o accommetta, nem por instantes, o mais ligeiro ataque de surdez...

\*  
\* \*

O *Estado de S. Paulo* assim noticiou o que se passou na reunião da Liga Nacional realisada no palacio do governo:

“Sob a presidencia do sr. dr. Altino Arantes, effectuou-se hontem, no pa-



lacio do governo, a primeira reunião dos membros permanentes do directorio regional de S. Paulo, da Liga de Defesa Nacional, convocada para a eleição da respectiva comissão executiva.

Dos membros do directorio regional, além de seu presidente, sr. dr. Altino Arantes, compareceram á reunião, que foi iniciada ás 16 horas, os srs. dr. Luiz Pereira Barretto, conselheiro Antonio Prado, arcebispo d. Duarte Leopoldo, dr. Frederico Vergueiro Steidel, dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, dr. Carlos de Campos, dr. Candido Motta, dr. Julio Mesquita, dr. Alfredo Pujol, dr. Paula Souza, dr. Reynaldo Porchat, dr. Roberto Moreira, dr. Souza Reis, dr. Plinio Barretto, Amadeu Amaral, dr. Mario Cardin, Placido Meirelles e dr. João Chrysostomo.

Esteve ainda presente á reunião o sr. Olavo Bilac, secretario geral da Liga de Defesa Nacional.

Deixaram de comparecer, com causa particípada, os srs. dr. Candido Rodrigues, dr. Carlos Botelho, dr. José Carlos de Macedo Soares, dr. A. C. da Silva Telles e Nestor de Barros.

O sr. presidente do Estado, que tinha sentados, a seu lado, á esquerda, o sr. arcebispo, e á direita o sr. Bilac, deu começo aos trabalhos da reunião dizendo que desnecessario era enaltecer os propositos da Liga de Defesa Nacional. Bastava simplesmente enumerar tres das principaes preocupações do seu programma, a saber, a diffusão do ensino, a educação civica e a defesa do paiz.

Tambem já eram de todos conhecidos os primeiros resultados da sua acção patriótica, devidos, principalmente, aos esforços e á propaganda brilhante de Olavo Bilac, que, por um feliz acaso, se achava presente á reunião.

S. exa. terminou, saudando o nosso illustre compatriota, a quem pediu que falasse, como representante da Liga.

O sr. Olavo Bilac, usando da palavra, disse que quem devia estar alli não era elle, mas o sr. ministro Pedro Lessa. Entretanto, como o presidente da Liga, obrigada a partir para o Rio

na vespera, lhe pedira que o representasse, cabia-lhe no momento essa honra.

Em seguida, o eminente poeta passou a expôr com precisão certos artigos dos estatutos daquela instituição patriótica. A alguns, por exemplo, poderia parecer estranho que 50 % dos recursos dos directorios regionaes devam reverter para o Directorio Central. Entretanto, isso foi estabelecido porque todo o trabalho da Liga deve ser centralizado no Rio, cabendo-lhe, portanto, a maior parte das despesas de propaganda e outras.

O orador observou que o grande mal do Brasil é a dispersão dos esforços e tendencia para a desagregação. Compreendendo isso, a Liga tratou de estabelecer regras para atalhar o mal.

Sentia-se feliz por ver a maneira por que foram acolhidas em S. Paulo — que é um manancial de entusiasmo e de crença — as idéas constantes do programma da Liga de Defesa Nacional.

Ao concluir, o sr. Bilac agradeceu as referencias que lhe haviam sido feitas pelo sr. presidente do Estado.

O sr. dr. Altino Arantes declarou então que aquella reunião tinha sido convocada para se proceder á eleição da comissão executiva do directorio paulista.

O sr. dr. Carlos de Campos, tomando a palavra, propoz fossem aclamados; vice-presidente, o sr. dr. Luiz Pereira Barretto; thesoureiro, o conselheiro Antonio Prado; e, secretario, o sr. dr. Roberto Moreira.

Por fim, o conselheiro Prado justificou a seguinte moção, que foi unanimemente approvada:

“Tendo o governo allemão posto termo a toda acção diplomatica com relação ao protesto do governo brasileiro, motivada pelo bloqueio que aquelle governo pretende tornar effectivo no Atlantico, com violação do direito e convenções internacionaes, declarando que a manteria nessas condições por ser isso exigido pelo seu interesse de belligerante; e considerando que, nestas circumstancias, o Brasil precisa estar preparado para a defesa effectiva dos seus direitos de

paiz neutro no conflicto europeu; proponho que o primeiro acto do Directorio Regional da Liga de Defesa Nacional, em S. Paulo, seja dirigir ao governo federal, por intermedio do Directorio Central, um officio de applauso pela sua attitude de protesto contra as condições estabelecidas pelo governo allemão para o referido bloqueio, e offerecer ao governo os serviços do Directorio Reginal de S. Paulo, para coadjuval-o na execução das medidas que forem julgadas necessarias para que elle possa, com dignidade, cumprir o seu dever. — S. Paulo, 21 de Março de 1917 — (a) Antonio Prado.”

A moção acima será enviada ao sr. dr. Pedro Lessa, presidente da Liga.

A reunião terminou ás 17 horas.

— Ao sr. dr. Altino Arantes foram dirigidos os seguintes telegrammas:

“Caldas — Impossibilitado de comparecer á reunião da Liga de Defesa Nacional, so usolidario com as resoluções da maioria. Saudações — (a) Candido Rodrigues.”

“Dourado — Não podendo comparecer á reunião da Liga de Defesa Nacional, da qual é v. exa. digno presidente, venho trazer meu inteiro apoio ás medidas que foram de alcance e correspondentes aos interesses do grande ideal que nos reúne. Saudações respeitosa. — (a) Carlos Botelho.”

S. exa. recebeu ainda a seguinte carta:

“Exmo. sr. dr. Altino Arantes — Minhas respeitosa saudações. — O estado precario da minha saude impede-me de sahir com tempo incerto, como o temos hoje.

E’ com magua que deixo de comparecer á reunião de hoje, convocada por v. exa., a quem peço acreditar na inteira sinceridade com que acompaño o patriotico movimento da Liga de Defesa Nacional, de cujo Directorio Regional é v. exa. muito digno presidente.

A v. exa. hypotheco todo o meu empenho e todo o serviço de que eventualmente me queira incumbir v. exa., na obra a que se propõe a nobre

instituição da Liga de Defesa Nacional.

Nesta oportunidade, peço para apresentar a v. exa. a segurança da minha mais alta consideração. — (a) Augusto C. da Silva Telles.”

## PEDAGOGIA

*Requisitos necessarios a quem se propõe ao trabalho educativo. — Habilitação technica do professor.*

No sentido restricto educação é o trabalho feito pelo agente — o educador, — sobre o sujeito — o educando, para o fim de obter um determinado resultado, por meio de um ensino qualquer — o objecto da educação. Nesta accepção limitada ha necessidade de distinguir *educação de adestramento* e de *criação*.

O trabalho escolar existe desde muitas centenas de annos e por todas as partes do mundo, mas a relevancia do seu papel educativo só foi justamente apreciada durante os ultimos tempos, nos quaes importa exhiba o professor, agente que é da educação, bastantes dotes outr’ora nem conjecturados.

Em tempos remotos, em Athenas, chamava-se *pedagogo* o escravo que conduzia crianças á escola. E como, por certo, o guia e companheiro nas idas e vindas ensinava mais e melhor do que o proprio encarregado disso, passaram a appellidar de *pedagogo* o professor e não mais o escravo.

Em Roma reconheceu-se que ao ensinante devia caber uma certa superioridade sobre o educando, donde a palavra *magister* = *mestre* (de *magis*, mais e *ter*, tres): o *magister* tinha de saber, no minimo, tres vezes mais do que o alumno.

Do mestre-escola, cuja figura tem sido assás ridicularizada nos dias que correm, e que era o terror da meninice dos nossos maiores, poucos requisitos exigiam-se e esses mesmos mais apparentes do que reaes; é assim que o antigo mestre-escola, so-

bre ser grave, austero, devia conhecer grammatica, saber calligraphia, sem falar já na solemnidade do traje e no rigor das normas disciplinares...

A tendencia é hoje para se requerer do educador uma série de predicados moraes, physicos e intellectuaes dotando-o de uma autoridade calçada em bases muito superiores ás que, d'antes, os costumes presereviam.

Quanto á conducta, o mestre deve ser encarado como o natural modêlo de óptimo character, apresentado quotidianamente á imitação dos alumnos; sua influencia moral devê derramar-se dentro e fóra da escola, espalhando-se pelo meio social onde viver.

Physicamente ha a notar a conveniencia de um organismo robusto e sadio, de um todo agradável, de um metal de voz sympathico. O desleixo no vestuario, por exemplo, será bandido entre os membros da classe professoral. Defeitos existem que incompatibilizam mesmo para o exercicio do magisterio, taes como a falta de um braço, da mão, et cœtera. O capitulo referente a molestias do professor é importante e até faz parte do serviço das inspecções medicas nas escolas.

Sob o ponto de vista da formação mental, para que os professores consigam resultados positivos no trabalho escolar, necessario é que apresentem varias qualidades constitutivas, por assim dizer, da sua habilitação technica, da sua competencia professional. Reclamam-se do mestre conhecimentos que o habilitem a desempenhar uma tarefa cuja execução deve satisfazer ás quatro seguintes interrogações: QUE ENSINAR? A QUEM? COMO? PARA QUE ENSINAR?

1.<sup>a</sup> pergunta — QUE ENSINAR? Quanto ás materias a explicar, desde logo se verifica a obrigação, para o professor, de conhecer mais do que regularmente os programmas das cadeiras das Escolas Normaes, visto como de tal apprendizado tirará as noções a transmittir aos discipulos, conforme o exigirem as ordenanças governamentaes.

Ainda quanto ás materias a lecionar, convem pôr em destaque o papel de duas dellas cujos conhecimentos faz-se preciso seja bastante solido, attendendo-se ao cunho nacional caracteristico do ensino primario, e são a Historia Patria e a Geographia do Paiz. Estas disciplinas, bem consideradas, não só augmentam a cultura civica do professor, como também contribuem para fazer da Patria o centro de interêsse em torno do qual todo o curso elementar será dado, formando, de tal arte, o civismo dos alumnos.

2.<sup>a</sup> pergunta — A QUEM ENSINAR? Se encarmos o elemento a ser modelado, relativamente pois aos sujeitos da educação, verdadeiros organismos reagentes sobre os quaes vai o educador exercer a sua influencia, claro está que o professor é obrigado absolutamente a conhecê-lo, não só sob os pontos de vista anatomico e physiologico, mas ainda anthropologica e psychologicamente. E' a este conhecimento completo do corpo e da alma infantil que se dá o nome de *pedologia*, palavra proposta em 1892 pelo pedagogista e psychologo norte-americano O. Chrisman. A *pedologia*, porisso, como parte que é da *pedagogia*, torna-se indispensavel para o êxito da função educativa.

3.<sup>a</sup> pergunta — COMO ENSINAR? Outro capitulo da pedagogia, que se não dispensa ao professor é o da *methodologia*, que lhe fornecerá os meios adequados á boa transmissão, para os cérebros receptores, das noções exigidas pelas necessidades sociaes de que o programma escolar é apenas um reflexo. A *methodologia* é um ramo tão util da sciencia da educação que, em todas as Escolas Normaes, devia haver cadeiras privativas dessa disciplina, regidas por *cathedraes* dedicados e investigadores que, a estudos abundantes, reunissem os proveitos de uma longa pratica. E' a *methodologia* um dos ensinios mais valiosos para a carreira do magisterio e deve constituir uma das grandes preoccupações do professor, durante toda a vida escolar.

4.<sup>a</sup> pergunta — PARA QUE ENSINAR? Por ultimo, carece o mestre



de adquirir uma boa orientação philosophica, de valia inestimavel, pelo convívio entre pessoas sensatas, experientes e cultas; pela leitura meditada de livros classicos em materia educativa e em outras; pela reflexão constante a respeito dos graves problemas que preoccupam as classes estudiosas e acerca dos fins da educação não só tomada esta no seu sentido mais amplo, por synonyma de civilização, assim como na accepção restricta significando trabalho escolar propriamente dito.

Tal orientação servirá não só para que elle, o mestre, dirija de modo mais perfeito os encargos a sê executarem, mas ainda lhe trará, ao lado de certa calma na vida, novo entendimento do valor da propria obra, dignificando-a e concorrendo, afinal, para a melhoria desta e para elevação do executor della.

Este espirito philosophico é relativamente facil de conseguir e, pelo que tenho observado, os cathedrauticos em geral lhe não ligam a importancia merecida, o que de modo evidente não está certo, pois nos bancos escolares é que o alumno-mestre deverá ser iniciado em observações e meditações tendentes a lhe produzirem a almejada superioridade mental, a intelligencia emancipada, bem diversa, já se vê, do mero repetimento de alheias palavras, indício claro e seguro de erudição que não de sabedoria.—CARLOS DA SILVEIRA.

## BIBLIOGRAPHIA

ANTERO DE FIGUEIREDO: — *Recordações e Viagens*.

E' um encanto a leitura deste volume em que o escriptor portuguez lançou as impressões que colheu e as recordações que trouxe das viagens que fez por varias partes do mundo. O viajante vê bem os homens e as coisas e pinta-os com leveza e elegancia. Mais interessante, porém, que a impressão objectiva das terras que percorre e das gentes que encontra é a repercussão que, dentro de sua

alma e de seu espirito, o contacto de umas e outras produz. Mais que as descripções são curiosas e absorventes as reflexões do artista sensível, fino e delicado.

O livro já está em segunda edição. Do seu valor diz esta circumstancia mais do que diriam palavras nossas.

MARIO SETTE: — *Do Clarão dos Obuzes*.

São pequeninos contos, rapidas fantasias inspirados pela conflagração européa, ou, melhor, pelos soffrimentos e pelo heroismo da França. Lêem-se com sympathia e, não raro, com emoção: o escriptor é fluente e nervoso e a sensibilidade do artista vibra, e faz vibrar a do leitor, sem esforço apparente.

Preferiamos, entretanto, ver o talento do escriptor applicado em assumptos da nossa terra e da nossa gente. Livros da inspiração e do feitiço deste correm, ás dezenas, pela França e este vae perder-se, ingloriamente, sem relevo e sem repercussão, na massa dessa coisa volumosa e enfadonha que se chama *A literatura da guerra*.

Não é uma obra nem franceza nem brasileira. E' um simples exercicio literario que, embora denote habilidade nas mãos que o traçaram, traz em si o germen da morte.

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO — *Fauna Brasiliense Peixes* (5.ª parte); Archivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, Vol. XVII.

Ha pouco foi distribuido o Vol. XVII dos Archivos do Museu Nacional e todo elle, grosso como dous volumes reunidos do Larousse (disforme, diriamos quasi) encerra apenas contribuições de um só autor. Já se vê que neste caso o "disforme", que nos ia escapando com relação ao livro, significa, com relação ao autor: "operoso, dedicado, incansavel", *maxime* quando nos lembramos que os

trabalhos originaes são escriptos e não recortados a tesoura. Infelizmente o grande volume não tem paginação seguida — e isto, além de outros inconvenientes, graves principalmente em se tratando de um trabalho de caracter scientifico, traz mais este incommodo: obriga alguns criticos a contarem o numero de paginas, operação morosa, a que nós pelo menos nos furtamos.

A maior parte do volume é abrangida pela contribuição que enunciamos no titulo; é a quinta contribuição do Sr. Alipio de Miranda Ribeiro para a Monographia completa dos Peixes do Brasil — verdadeira obra monumental, quando estiver concluída; e certamente o autor a concluirá (dando-lhe Deus saúde e os politicos o necessario socego!). Teremos assim para um dos mais amplos grupos da nossa fauna de vertebrados um repositório completo das indispensaveis informações biologicas e do qual os interessados poderão se utilizar não só com proveito como tambem com a satisfação de estarem folheando trabalho de cientista brasileiro.

Methodicamente, segundo as boas normas do zoologo moderno, o A. estuda familia por familia, caracterizando primeiro o conjuncto, dando em seguida tabellas ou “chaves de classificação” para os generos e as especies da nossa fauna, a diagnose dos mesmos, os nomes vulgares, as dimensões, o habitat e mais particularidades interessantes — enfim o registro o quanto possivel completo dos conhecimentos que temos a respeito de cada especie. E’ de lastimar que a synonymia, tão util para ultteriores investigações, tenha sido omitida. Poderíamos proseguir ainda na analyse meticulosa do importante trabalho, salientando os muitos meritos e criticando tambem alguns senões, enfim “parler chiffon scientifique”; não caberia, porém nos moldes desta revista, a qual, dando esta breve noticia, sobre tão valiosa obra, se congratula com o autor e com as letras scientificas brasileiras, fazendo votos pela conclusão da mesma no mais breve prazo possivel. — R.

## ALFREDO PUJOL

O sr. dr. Alfredo Pujol concluiu, ha poucos dias, o curso que fez na Sociedade de Cultura Artistica a respeito de Machado de Assis. O curso constou de sete conferencias e abrangeu toda a obra e toda a vida do grande escriptor.

Ainda não é bem o momento de se julgar do valor critico desse trabalho, pois as conferencias ainda não estão publicadas em volume, e sem uma leitura de conjuncto seria arriscado qualquer juizo definitivo. O que se pôde, entretanto, assignalar desde logo é o exito que o dr. Alfredo Pujol conseguiu obter entre os literatos e o publico que frequenta a Sociedade de Cultura Artistica.



Nunca lhe faltou, em todas as conferencias, um auditorio numeroso e attento e a cada conferencia que pronunciava partiam dos letrados mais eminentes do paiz applausos ruidosos. Da sinceridade desses applausos estamos tendo a prova na acolhida calorosa que entre os membros da Academia Brasileira de Letras se faz neste momento á sua candidatura para a vaga de Lafayette.

Muitas apprehensões nos saltearam, entretanto, quando se annunciou este curso. O publico tem a attenção curta e com muito pouco satisfaz a sua curiosidade literaria...

Machado de Assis, escriptor fino e subtil, não offerece muitos encan-

tos para as massas, e o dr. Alfredo Pujol, temperamento fogoso de orador, amigo e cultor do periodo sonoro e brilhante, muito esforço precisava despender, apesar do seu talento e da sua erudição, para mostrar aos ouvintes as bellezas escondidas numa arte que o seu espirito educado comprehendia e apreciava mas que as suas tendencias naturaes repelliam.

Folgamos em registar que as apprehensões foram exaggeradas e que tudo correu pelo melhor.

Sejam quaes forem os defeitos que uma critica severa possa decidir no trabalho do dr. Alfredo Pujol, e alguns naturalmente ha de descobrir, o facto é que esse trabalho é o primeiro que, no genero, se tentou no Brasil e teve, entre varios outros, o merito de fornecer aos admiradores de Machado de Assis uma enorme quantidade de elementos novos para o conhecimento mais intimo e mais perfeito do grande escriptor e da sua obra.

Como trabalho de divulgação, e foi isto exactamente que o dr. Alfredo Pujol visou, quando se propoz a fazer-o, — parece-nos que realiso o que prometteu.

## MOVIMENTO THEATRAL

Tivemos este mez no Theatro Municipal, uma festa significativa: uma representação em homenagem a um dramaturgo paulista que começa. Esse dramaturgo é o dr. Claudio de Souza e a peça representada, a *Renuncia*, é um drama de sua lavra.

O dramaturgo é authenticio: o dr. Claudio de Souza tem, effectivamente, a fibra theatral e sabe tramar e conduzir a acção com muita arte. Os seus defeitos são apenas os defeitos de quem começa: um pouco de hesitação ou, melhor, alguma indecisão no traço psychologico dos personagens e falta de naturalidade em alguns trechos do dialogo. Ha, por exemplo, na *Renuncia*, uma dama e um cavalheiro que se não chegam a cahir no phraseado empolado e incomprehensivel

das *Preciosas Ridiculas* vão, no guindado das expressões, além do que é permittido, na vida corrente, a certa classe de pernosticos.

Querendo imprimir-lhes o maximo de nobreza, o Autor exaggerou a medida da phrase, alteando-a em excesso, e assim quasi prejudicou o effeito que visava. Comprehende-se que na tragedia em verso, que é um genero falso e artificial, se ponham na bocca dos personagens phrases torneadas com todos os primores literarios e imagens de uma poesia elevada. Comprehende-se mesmo que no drama em prosa, quando se levam á scena individuos tirados de uma sociedade fina e culta, como é, por exemplo, certa parte da sociedade franceza, a linguagem de que elles usem seja levemente castigada. Não se comprehende, porém, que, no Brasil, se deitem palavras raras e imagens lyricas no dialogo habitual entre uma menina de pensão e um chronista de jornal, a menos que se collime um objectivo comico. Basta que se lhes cortem alguns solecismos mais graúdos para que se lhes dê uma linguagem fóra do commum... Aliás, não é nem foi nunca, na escolha de termos raros ou de uso pouco frequente que reside a expressão exacta da nobreza de idéas e a distincção de sentimentos.

Outro erro do Autor, este de psychologia, foi alongar muito, em alguns lances, as fallas de amor da heroína principal. Amor que raciocina demasiado, que se demonstra por  $a + b$ , que se compraz em analyses minuciosas e eloquentes — não é amor profundo, não é amor de coração: — é amor de cabeça, é literatura. Ora, a intenção do Autor não foi, evidentemente, a de pintar uma *bas-bleu* mas a de nos dar um typo de mulher, intelligente e carinhosa, capaz de todos os sacrificios, de todas as ternuras e de seus heroismos. A mania da dissertação põe um pouco de sombra na sinceridade dos sentimentos que a heroína apregôa e a gente sorri, ás vezes, da dôr que ella soffrendo-a crystallisa em phrases tão lindas e recortadinhas. Tem-se a impressão de que o soffrimento é menor



do que parece, que é quasi um pretexto para variações literarias. . . Em vez de uma amorosa legítima, uma amorosa ao feitio de Mlle. Lespinasse ou de Mariana Alcoforado, a gente suspeita, de quando em quando, que allí está apenas uma amorosa secundaria, uma amorosa de palavras, uma Mme. de Stael, mais preocupada com o boleio da phrase e o jogo das imagens do que com as pulsações do coração. . .

Outros defeitos, uns de certa importancia, insignificantes outros, podiam ainda ser apontados. Todos elles, porém, reunidos e somados, não destroem o valor que tem a peça. Muitos talvez nem se fizessem notar se o drama fosse interpretado por outros artistas. A interpretação que lhe deram foi quasi desastrada. Scenas cujo effeito maximo só poderia ser produzido pela absoluta naturalidade na inflexão da voz e no desdobrar dos gestos foram horrivelmente estropiados por uma declamação de melodrama ou, se quizerem, de recitativos com acompanhamento da *Dalila*.

Fazemos estas ligeiras observações porque o talento do novo dramaturgo merecia alguma coisa mais que o elogio trivial e inexpressivo que as folhas diarias lhe prodigalisaram.

\* \* \*

Um grupo de amigos do theatro procura organizar e manter em São Paulo, presentemente, uma companhia dramatica. Essa companhia já está trabalhando no Theatro Boa Vista.

O publico tem-na acolhido com sympathia.

## REVISTAS E JORNAES

### HOMENS E COISAS NACIONAES

#### A DEFESA NACIONAL

Desejo compendiar, numa linguagem singela, os intuitos da Liga da Defesa Nacional, que fundámos, e pretendo definir o que é "a defesa

nacional". E não sei se conseguirei dar com bastante clareza esta definição. O problema é immenso e complexo. Já disse, na sessão da instalação da Liga, que a defesa nacional é tudo para a nação: "E' o lar e a patria; a organização e a ordem da familia e da sociedade; todo o trabalho, a lavoura, a industria, o commercio; a moral domestica e a moral politica; todo o mecanismo das leis e da administração; a economia, a justiça, a instrução; e a escola, a officina, o quartel; a paz e a guerra; a historia e a politica, a poesia e a philosophia; a sciencia e a arte; o passado, o presente e o futuro da nacionalidade." Para tudo isto definir e explicar, seria indispensavel um longo e completo curso de conferencias. Vou apenas indicar os pontos geraes do problema, e gryphar apenas algumas linhas.

A defesa nacional, como a queremos comprehender, não está organizada. Está claro que, se queremos organizal-a desde já, não é porque vejamos, sobre o nosso paiz, perigos *immediatos*. Mas a boa e verdadeira defesa deve ser preventiva. Se não ha perigos immediatos que nos cerquem, ha incontestavelmente sempre perigos latentes, próximos ou remotos, provaveis ou ao menos possiveis, que ameaçam constantemente todas as nacionalidades, ainda as mais solidas, fortes e armadas: nada é perfeito nem eterno, na contingencia da vida humana. Se este dever de defesa é imprescindivel para as nacionalidades mais bem organizadas, — mais imperiosas e mais urgentes devem ser a sua consciencia e a sua necessidade para o Brasil, paiz novo, agitado por um confuso e melindroso labor de formação, pobre de trabalho bem encaminhado, pobre de recursos bem explorados, pobre de instrução primaria, profissional e civica, pobre de cohesão, pobre de culto patriótico. Rodeiam-nos perigos externos e internos: e todos elles ameaçam a nossa independencia e a nossa unidade. Se queremos viver, e viver com fartura, liberdade e honra, é necessario que nos defendamos.

Ha pouco mais de dois annos, na



Europa, quasi todos os homens de pensamento acreditavam que a guerra, naquelles tempos de intensa e nobre propaganda de pacifismo, seria um sonho de realização impossivel, um absurdo pesadello. Os factos desencantaram esta esperanza. Toda a Europa está enopada em sangue. Rasgaram-se tratados, annullaram-se convenções e amizades, violaram-se fronteiras, talaram-se campos, arrazaram-se cidades, aniquilaram-se patrias. Milhões de lares estão desertados e enlutados... Como se desencadeou essa guerra, e como se desencadearam todas as outras guerras que já ensanguentaram a Terra? Por amor da gloria, por amor da fama, ou apenas por simples e barbaro instincto sanguinario? Não, de certo. O que está convulsionando o Mundo é o amor da conquista de terras e de mares, o amor da expansão do commercio, o amor do interesse utilitario. E poderemos acreditar que o Brasil, este immenso paiz de sólo fertil e de ricas entranhas, ainda despovoado e desarmado, fique sempre, graças ao acaso, ou ao beneficio da Providencia divina, immune de qualquer investida da ambição ou da necessidade commercial? Tal é o perigo externo, proximo ou remoto, sempre possivel. O outro perigo, imminente, o interno, é a quebra da unidade: o depauperamento do character, o definhamento do patriotismo consciente, a mingua de instrucção, o accumuldo dos erros das más administrações, o imperio das cubiças individuaes, e a triste indifferença em que vegeta a maior parte da população.

Impõe-se a defesa. Defendamo-nos!

... Não ha homens irremediavelmente fracos, e não ha povos irremediavelmente fracos. Em certos pontos do Brasil, — em muitos pontos, infelizmente! — o aspecto do homem do sertão é miseravel e triste; corpo emmagrecido, pelle sem côr, arterias sem sangue, olhar apagado, organismo depauperado, alma sem força, vontade abolida, cerebro sem luz. E' uma sombra de homem. Porque? porque esse homem não se alimenta, não trabalhã e não pensa.

Um punhado de farinha, a aguardente, o tabaco e a ociosidade não dão musculos, sangue, vontade, consciencia. A má alimentação, má e pouca, o alcool, os narcoticos, a inercia, a apathia não fazem homens: fazem automatos, espectros, nada. Mas dai a esse homem fraco e desanimado uma boa alimentação, trabalho, exercicio, instrucção, — e elle será tão bom como qualquer dos homens mais fortes das mais fortes nações do mundo. Será um ente nobre e consciente, forte e valente, honrado e generoso, — e, no momento necessario, um heróe. Dizem que no Brasil não póde vigar uma nacionalidade perfeita, porque não temos uma raça já acabada e um clima excellent... Não acrediteis no que dizem esses pobres professores de uma sciencia falsa, maniacos do feiticismo scientifico, que é mais ridiculo e mais funesto do que o fanatismo religioso. Essas invenções de influencia de meio, de clima, de raça, são todos os dias desmentidas pela evidencia dos factos e dos acontecimentos. Todas as raças são boas para o trabalho e para a felicidade; todos os climas são bons para a cultura humana; todos os meios são bons para o exercicio do pensamento e da vontade. Attendendo ao caso particular do Brasil, lembremos que foram os nossos mestiços que, em grande parte, na época colonial, fizeram a exploração e a defesa do territorio do paiz; e, durante a época do Imperio, sustentaram com a sua bravura e o seu sangue as guerras do sul; e, ainda agora, estão desbravando as regiões brutas do Acre... Poderemos acreditar que esta mistura de raças seja incapaz? Quanto ao clima, lembremos que as zonas tropical, subtropical e temperada da Terra, em que está situado o territorio do Brasil são as mais aptas para o desenvolvimento e para a felicidade da especie humana. A sciencia, a hygiene, a medicina, a bacteriologia já descobriram o preventivo e a cura de todas as doenças tropicaes e intertropicaes. Poderemos acreditar que, neste clima, o nosso povo seja inca-

paz de engrandecer-se e ennobrecer-se?

Para a defesa nacional, a coesão é indispensavel, a disciplina é imprescindivel. A verdadeira defesa nacional é a consciencia nacional. E' a noção perfeita, é a perfeita existencia da Patria.

Ha homens sem patria. Ou, pelo menos, ha homens que se dizem sem patria. São monstros moraes, ou, no melhor caso, gracejadores levianos. E' possivel que um homem normal e digno possa negar a necessidade da idéa da patria? E' possivel que um homem de boa fé, nestes duros tempos de desenfreada guerra desgraçando todo o mundo, possa acreditar na possibilidade de uma perfeita harmonia entre todos os povos da terra?

"Os sem patria dizem que não são cidadãos de uma patria, porque preferem ser cidadãos da humanidade. Ennevoada e empolada expressão, vasia de sentido! Ridicula e estúpida profissão de fé, ôca de significação! Onde está essa sonhada confederação dos Estados do mundo, ou sequer dos Estados da Europa? A utopia é bella; mas, para que a acceitemos, é necessario que ella se realize. E porque não querem os inimigos do patriotismo levar a sua theoria ao extremo? Em vez de dizer: "somos os cidadãos da terra!", devem dizer: "somos cidadãos do nosso systema planetario!", ou: "somos cidadãos do Universo!" Foi talvez o grande Kant quem pela primeira vez agitou esta formosa ficção da confederação do mundo. Mas, depois de sonhar a utopia, Kant escreveu textualmente: "Um dia virá, seguramente, em que se constituirão os Estados Unidos da Europa; porém, até essa bemdita época, todo o povo deve ter a sua mão sobre o punho da espada; senão, elle se arriscaria a desaparecer antes do grande dia."

Negar a patria é negar toda a vida social e moral. A patria é um élo, que se liga, intermediariamente, com estes dois outros élos: a familia e a humanidade. Negar um dos aneis, é negar os outros. Quem não concebe a idéa da patria não concebe

a do lar, nem a da solidariedade humana. Sem patria e, portanto, sem familia e sem sociedade, o homem annulla-se. Que é a patria? "E' a paridade de gostos e de costumes, communitade de lingua, coesão de leis, identidade de condições phisicas e moraes, comparticipação das mesmas lembranças e das mesmas esperanças.

Quem não comprehende nem sente esta tendencia e esta necessidade moral não tem alma.

Para que haja patria é necessario que haja consciencia, coesão e disciplina. Mas, para que isto exista, é necessario que haja instrução, intensa e extensamente disseminada, facil e gratuitamente distribuida, constante e sabiamente dirigida. Não trato de instrução secundaria e superior. Trato apenas da instrução elemental, daquella que se deve dar a todos os homens do povo, com a hygiene do corpo e da alma, e com a capacidade para trabalhar e viver, se não com fartura, ao menos com o necessario e a dignidade. Com a hygiene do corpo e da alma, a instrução primaria, civica e militar; com a capacidade para o trabalho, a instrução professional. E' necessario, emfim, para que haja patria, que haja cidadãos.

Mas, que é "cidadão"?

"Ha na multidão das creaturas humanas, que povoam um paiz, quatro categorias progressivamente restrictivas: 1.º, todos os habitantes ou residentes, englobadamente comprehendidos; 2.º, entre os habitantes, os homens adultos, que já têm a idade e a capacidade juridica, tendo o direito de voto; 3.º, entre os homens adultos, aquelles a quem chamaremos verdadeiramente "homens", isto é, aquelles que já chegaram a um certo gráo de desenvolvimento intellectual, com a consciencia da sua razão, dos seus direitos e dos seus deveres; e, emfim, 4.º, entre os verdadeiros "homens", os "cidadãos", aquelles que investidos de completa cultura intellectual e moral, tendo elevação de espirito, sendo capazes de sobrepor-se aos interesses proprios, aos interesses partidarios de classe ou de cam-

panario, pódem destinar-se á sagrada missão de governar e dirigir a multidão."

E' inconcebível a victoria de uma democracia sem a instrução da massa publica. Estabelecemos a Republica; mas pôde viver dignamente uma Republica, uma patria republicana, quando a maior parte dos seus filhos seja de analphabetos, e, portanto, de inconscientes? Incluímos no numero das nossas datas nacionaes o "14 de Julho". Mas esquecemos que a Assembléa Constituinte Franceza, em 1789, na "Declaração dos Direitos do Homem" proclamou: "A instrução é uma necessidade para todos; a sociedade deve favorecer os progressos da razão publica, e pôr a instrução ao alcance de todos os homens."

E' este, do nosso programma, o ponto primeiro, que devemos resolver para a nossa defesa nacional. E, com a instrução primaria, a instrução profissional. Segundo ponto. Estamos ainda soffrendo, e cruelmente soffrendo, desta imprevidencia dos nossos maiores, imprevidencia herdada, e aggravada pela indiferença, pelo egoismo e pela funesta politicagem das ultimas gerações e da actual: a falta da organização do trabalho. Mas não é tudo, isso. A instrução não é completa, quando se refere unicamente á sciencia e á arte, á intelligencia e ao trabalho. São indispensaveis tambem a saude do corpo e da alma, a força corporal e a disciplina. Terceiro ponto: a instrução militar.

Precisamos de instrução militar e de exercito nacional, para a defesa do nosso territorio e da nossa civilização, e para a defesa individual do organismo physico e moral de cada brasileiro. Precisamos de exercito nacional — mas não do exercito nacional que hoje temos: queremos um exercito verdadeiramente nacional, sendo a propria nação composta de cidadãos-soldados, em que cada brasileiro seja o proprio exercito e o exercito seja todo o povo.

Todos têm medo do militarismo, no sentido da preponderancia da classe militar, na significação de despo-

tismo militar. Tenho tambem medo disso, e mais do que medo: profundo horror e profunda aversão. Mas as condições essenciaes para a existencia de qualquer despotismo são a ignorancia e a indiferença da massa do povo. Não ha povo nenhum, instruido, cívica e militarmente instruido, que supporte qualquer despotismo. Quando o nosso exercito fôr verdadeiramente nacional, não haverá no Brasil classe militar. Não queremos ter um exercito mercenario ou assoldado, o que diminue o valor do soldado e da nação. Não queremos tampouco um exercito propriamente profissional em toda a sua hierarchia, profissional desde o general até o soldado raso. Queremos um exercito democratico de defesa nacional. Queremos que não haja soldados profissionais; ou, melhor, que haja unicamente alguns profissionais, os officiaes de investidura profissional, os que sejam sacerdotes fardados, os educadores, os professores normaes do grande exercito sem profissão militar. Profissionais devem ser os directores do quartel democratico e livre, e essa profissão deve ser cercada de todo o prestigio, de toda a garantia, e de um caracter sagrado. Medo do militarismo? mas quando todos os cidadãos forem soldados, ninguém terá medo de soldados: porque seria infantil e irrisorio que todos os cidadãos tenham medo de si mesmos, das sombras de si mesmos.

O nosso sonho, o nosso desejo será isto, que, espero, será uma realidade. O exercito nacional será um laboratorio de civismo; uma escola de humanidade, dentro do patriotismo; uma escola de energia social, começando por ser uma escola de energia nacional. Ambicionamos que todos os brasileiros passem pelo quartel, revendo-se; que cada um dê ao menos um anno da sua vida ao serviço da vida da patria. E não queremos sómente o quartel. Queremos que dentro de cada quartel haja uma aula primaria; e que ao lado de cada quartel haja uma aula profissional. Ao cabo do seu tempo de aprendizado cívico, cada homem será um homem



completo, um cidadão — com a sua intelligencia adestrada, com a sua capacidade armada para o trabalho, com a sua consciencia formada, com os seus musculos fortalecidos, com a sua alma ennobrecida. No quartel, cada homem enconstrará a sua completa cultura indispensavel.

O que é preciso é que esses homens encontrem no quartel officiaes dignos, capazes, entusiastas, moços, ardentes, que sejam exclusivamente officiaes, isto é: educadores e disciplinadores, adorando a sua profissão, limitando toda a sua energia e a sua fé ao exercicio da sua missão — unicamente officiaes e essencialmente brasileiros, afastados das lutas partidarias, religiosas ou politicas — porque qualquer partidarismo diminue o valor moral do official.

Creio, senhores, que o que já disse basta para que fique demonstrado que não sou militarista, e que não somos militaristas todos os que fundámos a Liga de Defesa Nacional. E é bom ainda que categoricamente affirmemos que somos pacifistas, sinceramente pacifistas. — (De uma conferencia publica realisaada pelo sr. Olavo Bilac, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e no Paraná).

#### LAFAYETTE

O parlamentar era dos mais curiosos dos nossos annaes politicos e litterarios, em cuja esphera agio sempre, como homem de gosto e homem do espirito, de um gosto exquisito e de um espirito fino, e o que é mais, com um sentimento justo. Se bem o comprehendendo, direi que Lafayette era infinitamente apto, visto como nelle existiam qualidades oppostas, que o faziam um antonómico harmonioso. Assim, por exemplo, era rude e polido, indulgente e perverso, subtil e crú, simples e ás vezes sybillino, persuadia e intimidava, deslizava, apoiava, estraçalhando e soprando a ferida, e exactamente por isso: porque sabia disciplinar-se. Maior, pois, do que se fosse um uniforme... E' mais admiravel o homem que com

arte adquiriu qualidades de que a natureza não o dotou e que com engenho as suppre, do que aquelle que naturalmente as possui. A obra da cultura e do espirito consiste primeiramente nessa disciplina interior das faculdades, de modo a organizar um espirito de conducta ou um character, que os dons por si só, sem esforço e arte, não chegariam a formar.

O que impressiona no Lafayette, que viveu realmente uma das existencias politicas mais extraordinarias do Brasil, é a serenidade desse impetuoso. Amo essa virtude nelle. E' preciso ser calmo para não ser violento. E' preciso ser calmo para nunca parecer injusto, para julgar, para querer sem entusiasmo e desprezar sem rancor. E' preciso ser tranquillo até para, comprehendendo a vida, sorrir a vida e perdoar a nessa desigualdade que faz de cada um de nós um typo especial e differente. Não é uma volupia ridícula sentir que o mysterio e a graça da vida reside nas suas imperfeições, na furia das paixões, que geram o amor, o soffrimento, a arte e a belleza, como esses altos e baixos do Rio são que divinizam a cidade das pedras e das montanhas. Para ser mais perfeito, um moralista talvez quizesse na serenidade de Lafayette, em vez de tanto sarcasmo e de tanto desprezo, um pouco de doçura. Mas elle era uma alma immensa e venenosa, impregnada desde a infancia do perfume de alguma flôr fatal, contrastando com o pieguismo, o romantismo e o lamartinismo, o gongorisismo condoreiro do seu tempo. Para agir como replica a esse estado d'alma, era preciso que a sua tonalidade fosse a mais aguda e a sua satyra a mais ferina.

Não sei qual o alexandrino ou o demiurgo que disse: o homem é a medida de todas as cousas. Lafayette sempre amou essa medida exacta nas coisas. Se escrevia livros, os seus eram os mais concisos e os mais claros. Se replicava a um orador, em cinco minutos aniquillava o inimigo e n'outros cinco terminava o debate, pondo a questão do seu ponto de

vista. Subiu ao poder e demorou-se um anno. Cahindo, nunca mais teve appetite de requestral-o. Os seus mestres de estrategia parlamentar deviam ter sido os mestres da sciencia militar alleman, esses profissionaes que ensinam manobras, que são cargas, ante o impeto das quaes o adversario rola, mordendo o pó do chão.

Houve um momento em que Lafayette constituia o ponto de referencia, não da politica nacional, mas da vida parlamentar brasileira. Monopolizava toda curiosidade do espirito publico, que o applaudia sem restricções. Excepto as victimas das suas malicias, chefes de partidos, senadores e deputados, o paiz inteiro soffria o encantamento desse guia providencial com um mixto de estupor e de admiração. A Assembléa enchia-se, e isso aguçava ainda mais a ferocidade do monstro. Dir-se-ia um tigre com unhas e manhas de gato: astucioso, obliquo e sem entranhas. Talhando uma carapuça para o sr. Paulino de Souza, elle falla das "nullidades douradas", que têm assento no Senado. Quando se annunciava que o Presidente do Conselho responderia a uma interpellação, as galerias recebiam uma inundação de gente. Um contemporaneo daquella época me dizia:

— Lafayette orando, já se sabia: era um enxame de ironias, de indirectas, cada qual mais terrivel e mais esfusiante. Tinha-se que ficar com o espirito prompto. Era um orador que obrigava o cerebro do auditorio a uma actividade continua, sempre alerta. Porque os epigrammas saltavam imprevistamente como fagulhas. Emquanto isso, as victimas tremiam da deshumanidade do algoz.

Não era possivel amar a um homem desses. Elle era feio. Como de si mesma dizia a Duse, a primeira impressão que dava á platéa, era a da sua fealdade. Mas facil seria de prompto submeter-se ao imperio da sua fascinação, á vassalagem das suas fantasias, e seguir-lhe o verbo *entraînant*.

Tanto mais porque lutava com alegria, respondia com *insouciance*, atacando com a moderação mais implacavel e a doçura mais fria. Dava estocadas com punhos de renda e a

dexta em velludo. Outras vezes deixava o ferro pela garra, dilacerava, rasgava, esmulambando, reduzindo o inimigo a farrapos. Reli agora os seus discursos. Não ha nelles uma sombra de piedade e de clemencia.

Se em vez de ter vindo para a côrte tivesse permanecido no sertão mineiro, sem o commercio de Troplong, de Ulpiano e dos classicos latinos, Lafayette seria um *marroeiro*. Derrubaria cinco ou seis touros bravios por dia, e a noite desafiaria ao luar algum languoroso violeiro. Mas como se educou, policiando o temperamento, disciplinado pela cultura, resultou uma combinação de espirito greco-romano. Não do Romano do Imperio, que esse já era um desnacionalizado, em decadencia, mas o Romano do fulgor republicano, o espirito de ordem, o sentimento da disciplina, a seiva robusta, a humanidade rude, peculiar ao homem primitivo, emigrado ha pouco da caverna. Desse modo, o tegumento delles era mineiro: a casca grossa do caipira. Mas, o fundo, a alma, a decoração interior, como eram gregos e com toda a força do espirito hellenico! A' audacia engenhosa os ditos finos a expressão justa, o gosto exquisito, a voz suave, tudo era attico, inclusive a crueldade oriental, que acidulou o atticismo hellenico, depois que Alexandre rasgou á Grecia os horizontes brumosos do Oriente e impregnou-o d'aquelle travor asiatico.

Lafayette amava desfechar golpes, mas golpes certos. Dava na cabeça do prego. E batia forte e justo. Com uma pancada, duas no maximo, o rival estorcea-se, ciscando.

Um seu contemporaneo fallava-me da distincção com que elle guardava nos debates o sorriso amavel, a graça ligeira, a bonhomia. Nunca se defendeu com solemnidade, mesmo que tratasse os casos mais graves. Jámais se alongava na discussão. Tomava do assumpto a flôr, segundo o conselho do moralista. E' essa a razão por que os seus trabalhos e os seus discursos são flôres de harmonia e de equilibrio, porvilhados de idéas. Com effeito: quantas idéas não coruscam muitas vezes em duas linhas de malicia! Elle gostava de coordenar-as, de prendel-as

em feixes, lançando-as em periodos ageis e densos, de discursos articulados em minutos, que ficarão como obras primas de precisão. Sendo ao mesmo tempo homem de gabinete, isto é, um estudioso, e homem de espirito, Lafayette encantava, pondo, como disse com propriedade o Sr. Affonso Celso, um traço de arte na trivialidade dos annaes parlamentares, e fazia-se temer. Impunha-se e suggestivava. Esse feio, cabeçudo, de maçãs salientes, quando orava naquella eloquencia mathematica, transfigurava-se num "charmeur", espalhando epigrammas, como quem atira alfinetes. E ninguem lhe enxergava o rosto, mas a physionomia moral que o illumi-

... Lafayette reunia em um equilibrio exacto as qualidades indispensaveis a um doutrinario: o methodo, a penetração, a clareza e a cultura. Pôde assim reverdecer o velho tronco lusitano de uma seiva nova. Por outro lado, elle era mineiro, da terra dos garimpos. Dir-se-ia que antes de manusear textos e compulsar tratados, tomara o ouro nas mãos e trabalhara-o. Porque accusava o gosto, a paciencia, o genio lapidar dos ourives que amam as pedras sem jaça e os metaes polidos.

Basta attentar as preferencias intellectuaes que elle conservava no Brasil: Nabuco e Machado de Assis, os dois typos atticos por excellencia da nossa civilização, no que o Brasil tem de mais esbelto, de mais subtil e de mais greco-latino, retificado por alguns humoristas inglezes, Renan e a Biblia. Lafayette denotava o gosto purificado como elles.

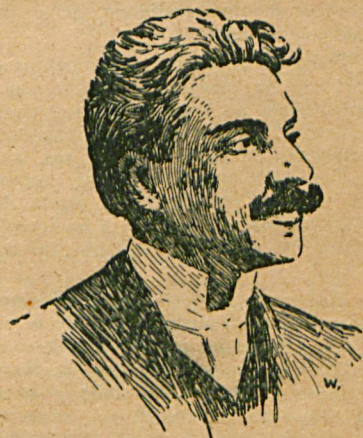
Apenas Joaquim Nabuco tinha uma alma azul, que se desentranhava em doçura: Machado de Assis mergulhava a sua dentro de um claro-escuro, onde ella se estrangulava, contoreida no mais suave e compassivo soffrimento; e Lafayette dera a sua, sorrindo, ao demonio, que a enfeiticava de uma graça diabolica mesmo.

Por isso elle infligiu nesse paiz dôres fulgurantes, com aquelle sorriso despreocupado com que entregou a alma ao Maligno. — (A. Chateaubriand — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

## OSWALDO CRUZ

... Ninguem, entre nós, realizou obra de tal magnitude no curto espaço de 17 annos de vida publica. Remodelou a hygiene no Brasil no decurso de 3 annos, realizando a prodigiosa obra de extineção da febre amarella, trabalho incomparavelmente mais difficil que o realizado pelos norte-americanos em Cuba e no Panamá, não só pelo volume da população do Rio de Janeiro, como ainda por se achar em Havana, de facto, e praticamente a zona canal, sob o regimen da lei marcial.

Jámais, opposição mais feroz, desencadeou-se sobre nenhum homem em qualquer paiz do mundo. Tudo quanto a imaginação humana pode lançar



mão para combater, foi usado contra elle. Depois de exgotada a incrível fertilidade dos nossos caricaturistas, o ridiculo inventou uma cançoneta que teve época e era tocada e cantada em milhares de casas cariocas. Os arestos, sentenças, mandatos de manutenção, "habeas-corpus", todo o arsenal das chicanas judiarias de que somos capazes, tambem se despedaçaram diante da bravura d'alma do saneador do Rio. Violentas criticas scientificas oriundas do despeito ou da incredulidade, agitaram a imprensa, o parlamento e associações scientificas.

As ameaças, insultos, calumnias, todo o enxurro ignobil de que uma opposição systematica e sem hori-

zontes é capaz de se utilizar, tão pouco o demoveram da rota traçada e desde o principio até o fim até em nome de uma religião, a positivista, procuraram vencel-o.

Diante da sua firmeza, os resultados dia a dia tornavam-se patentes, a virulencia dos ataques attingiu ao paroxysmo e chegou ao ponto de esmorecer amigos dedicados e membros da propria familia. Oswaldo Cruz, porém, como um predestinado, insensível aos rogos, conselhos e supplicas, não hesitava, não tergiversava, não transigia.

A' medida que se ia impondo, uma aspiração nobre se avolumava no seu cerebro com a criação do Instituto de Manguinhos, então apenas embryonario, e que elle se esforçava em tornar uma realidade, como de facto o realizou.

Todas as angustias, soffrimentos e torturas de que era portador, desappareciam no humilde casebre onde conseguira reunir alguns discipulos, entregues de corpo e alma aos trabalhos de laboratorios, cujas pesquisas acabam por fundar a escola de Manguinhos e, com ella, a nacionalização da medicina experimental no Brasil.

Maior que a gloria de ter eliminado a febre amarella no Rio e no Pará, deve-se ao grande brasileiro a influencia que as pesquisas de Manguinhos exerceram em todo o paiz. A sua obra repercutiu em todos os hospitaes, com o maior desenvolvimento dado ás investigações da microscopia clinica como meio de auxiliar o diagnostico.

"São trabalhadores de mais de 14 horas diarias", dizia elle, referindo-se aos seus discipulos, em relatório ao Ministro, ao pedir elementos para desenvolver o Instituto. Quando von Prowasek chegou a Manguinhos, ao cabo de alguns mezes, suggeriu ao nosso Mestre a necessidade de um mez de férias annuaes, accrescentando: "O sr. está encurtando a vida dos mais espantosos homens de sciencia que tenho encontrado, nunca vi trabalhar-se tanto". O conselho foi ouvido e assim ficou instituido o uso das férias para todo o pessoal.

Prowasek, de todos os contratados, foi o que maior influencia exerceu sobre nós, fez-se querido de todos e interessou-se vivamente pelo desenvolvimento de Manguinhos, lembrando e suggerindo alvitres, entre elles, o da criação de uma Estação Zoologica, idéa que Oswaldo Cruz immediatamente perfilhou e procurou realizar, com a aquisição de um terreno na Ilha Grande para onde, mensal e rotativamente, seria destacado um assistente, o qual se communicaria com o Instituto por meio do telegrapho sem fio. Prowasek nos iniciára nas investigações relativas ao *plancton*; agora, já se fallava na installação de uma Estação Zoologica modestamente iniciada, mas que Oswaldo em pensamento já desdobrara e fazia crescer e que de certo realizaria se a morte não nos tivesse roubado tão prematuramente.

Uma das características de sua individualidade era o "saber esperar" e tanto assim que fazia parte da sua divisa, a qual se completava com as expressões "*querer-poder*".

A ultima vez que eu lhe falei conversámos longamente. Procurara o mestre em sua casa, afim de me despedir, pois vinha assumir o meu posto aqui em S. Paulo. A certa altura, começamos a fallar do Instituto e dos seus projectos para quando lá voltasse. Transfigurou-se e fallou cheio de enthusiasmo e de fé de Manguinhos e todos os planos que imaginára, elle os expunha com tal acento de convicção a não deixar a menor duvida sobre sua realização.

Quanta cousa, já por nós suspeitada de haver sido olvidada e definitivamente abandonada, estava apenas aguardando a oportunidade delles *poder* realizar.

Diante do seu *querer*, as antigas aspirações de terminar o Hospital, unir a Parada do Amorim e a Ponte de desembarque ao Instituto por um fio aereo que transportaria as pessoas em um vagão, concluir o acuario, adquirir o vapor afim de iniciar os estudos de oceanographia, permaneciam intactas, apenas a *esperar* o momento propicio.



Olhei-o com admiração e, deparando com o seu rosto macilento e enrugado, não pude deixar de dizer-lhe: os seus assistentes estão ficando velhos e o cansaço está chegando, ao que elle acrescentou: para executar os meus planos antigos já não conto muito com a Velha Guarda, ella cumpriu com o seu dever; eu pensava na gente nova que lá está a qual levantaria Manguinhos ainda mais alto.

A formidável energia daquelle transformador de homens, lá estava intacta como nos primeiros dias da sua vida publica; voltaria para Manguinhos disposto a realizar o seu programma e contava com a força sempiterna da mocidade.

Nos circulos scientificos do estrangeiro, quem fez o Brasil ser conhecido foi o trabalho por elle realizado. Quando a commissão franceza chegou ao Rio, fazia de nosso paiz tal juizo que, não se olvidou de incluir na sua bagagem, além de objectos que facilmente aqui encontraria, até phosphoros. No entanto, quando mezes depois, um dos seus membros teve receio de haver se infectado com a peste, não hesitou em preferir o sóro preparado em Manguinhos ao do Instituto Pasteur de Paris, de cujo estabelecimento toda ella fazia parte.

Nenhum de nós, em qualquer parte do mundo, necessitou de outras credenciaes além da de representante do Instituto. Tenho bem presente na memoria o dia da minha visita ao Museu de Zoologia de Stokolmo. Ao enviar o meu cartão ao seu Director, o professor Sjostedt, este mandou um funcionario acompanhar-me. Passa-se algum tempo e eu observei que alguém se aproxima sobraçando alguns volumes. O empregado afasta-se um pouco e o recémvindo pergunta-me: o sr. é assistente do Instituto que publica estas memorias? Reparo então e vejo que os livros, eram volumes encadernados das Memorias do Instituto Oswaldo Cruz; sim, respondo; pois então serei eu proprio o seu "cicerone".

Assim aconteceu em toda a parte; o nome do Instituto Oswaldo Cruz

era o meu melhor passaporte; o prestigio do seu nome funcionava como um "abre-te Sesamo" para as portas de todas as instituições scientificas de todo o mundo. Ainda ha pouco tempo, um homem de sciencia brasileiro, recordava-me o episodio de que foi testemunha, relativo a um nosso patricio, ansioso por trabalhar em determinado centro scientifico allemão, mas que apesar de estar amparado por todas as recommendações diplomaticas, não conseguiu realizar sua intenção. Resolveu então solicitar uma carta de Oswaldo Cruz e, ao apresental-a, foi immediatamente admittido.

... Nunca lhe vislumbrei a menor preocupação bairrista; odiava o amor ao campanario, o seu grande espirito não dava a menor importancia ás nossas divisões territoriaes. Só sabia ver a imagem integral da Patria brasileira. Do Amazonas ao Rio Grande, o Brasil engastava-se no seu coração como um todo homogéneo, compacto e indissolúvel.

Certa vez deu-me ordem para preparar sóro anti-ophidico; providenciei a respeito e quando já tinha tudo prompto e os animaes em inicio de immunização, chamou-me e disse: Vamos empregar a nossa actividade em outro assumpto; Butantan foi quem teve a iniciativa destes estudos entre nós; Manguinhos possui maiores recursos e iria fazer uma concurrencia nada patriótica, à um homem como Vital Brasil, merecedor de todo o apoio.

Nunca se poupou em presença do perigo ou do soffrimento, quando assumia a responsabilidade de algum serviço. Viajou longos mezes de Marnãos ao Rio, ida e volta, em pequeno navio, velho e desapparelhado, verdadeiro chaveco e isto para pessoalmente ir inspecionar os portos. E' necessario acrescentar-se que poucas pessoas soffriam tanto quanto elle de enjôo, mal que o prostrava ainda mesmo ao viajar nos melhores transatlanticos.

Procurava dar-nos o exemplo suportando o desconforto, o mal estar, galhardamente e cheio de bom humor e, antes de Manguinhos se levam-



tar no magnifico e confortavel edificio que hoje é, trabalhavamos frugalmente alimentados, desde 8 horas da manhã, hora que alli chegavamos, até 11 horas da noite, pelo menos, quando nos retiravamos na mesma lancha.

Pois bem; uma vez na semana o nosso chefe participava deste horario e isto acontecia ás quartas-feiras, quando o trabalho prolongava-se muito-além das 11 horas da noite e ficavamos todos reunidos afim de resumirmos os jornaes scientificos. Naquella época, elle ainda concorria a Manguinhos mais outros dois dias da semana, entrando pela manhã e retirando-se entre 4 e 5 horas da tarde. Os outros dias, ficava na cidade dedicado aos serviços de extincção da febre amarella, demonstrando uma capacidade de trabalho verdadeiramente assombrosa.

Uma das suas mais espantosas qualidades, era o dom magico com que sabia despertar no animo da pessoa que d'elle se acercava com o desejo de estudar, a ancia de saber. Muitos dos seus discipulos cuja inclinação para as investigações scientificas apenas existiam latentes, viram-se transformados ao maravilhoso influxo daquelle ser, portentoso galvanizador de homens, abençoado creador de almas, em discipulos devotados até ao sacrificio, á immensa obra de patriotismo e de sciencia que elle tinha se proposto desenvolver em nossa terra.

Nenhum dos problemas nacionaes o deixava indifferente; acompanhava carinhosamente as manifestações de progresso e de desenvolvimento do paiz em qualquer dos campos onde se manifestasse. Quando a aventura boulangista ameaçou subverter a nação com o quatriennio fatidico que nos assolou, o éco da campanha civilista chegou ao remanso de Manguinhos, arrancando-nos da nossa indifferença com que encaravamos as manifestações da politica nacional. O proprio Mestre agitou-se e esteve na imminencia de alistar-se eleitor. Quando o cataclysmo desabou sobre o paiz e o pessimismo se assenhorava de todos, elle não-desanimou um só

momento e cheio de fé repetia: os gloriosos destinos do Brasil são infinitamente mais poderosos que quatro annos de desgoverno.

... Subitamente, ao evocar a sua obra, uma duvida cruel me assalta a mente e faz-me crispar o coração de brasileiro. Já comportaria o Brasil um homem como Oswaldo Cruz ou teria sido apenas um precursor deslocado portanto, do ambiente em que viveu? Sómente o futuro poderá responder. Se analyzarmos com calma, temos de reconhecer, embora a contra gosto, que foi um precursor.

A opposição que teve de vencer para extinguir a febre amarella, a revolução oriunda da promulgação da lei instituindo a vacinação obrigatoria, a presença ainda actualmente da febre amarella em varios Estados, já provariam de sobejo que Oswaldo Cruz marchava adiante muitos annos da cultura e da civilização reinantes no paiz que o vio nascer.

... Toda a sua obra acha-se concentrada em Manguinhos; o melhor da sua vida, dos seus sonhos e ideaes estão alli; fez do Instituto, que hoje leva o seu nome, um marco fulgurante das peregrinas qualidades pessoas com que a Natureza o dotara.

Fez surgir, do lodaçal que rodeia o Instituto, como um symbolo representativo da pureza do seu Ideal, o magestático templo onde um novo rito, e nova fé cresceram e frutificaram ao influxo do seu fervor e unida pela sua presença.

Agora elle partiu, deixando aos seus discipulos uma responsabilidade verdadeiramente terrivel. Empregaremos toda a nossa dignidade afim de levar adiante a obra por elle fundada. Havemos de empenhar todas as nossas forças em solemne compromisso de honra perante a Patria. A sua luminosa memoria não nos deixará desanimar em meio das tormentas que teremos de enfrentar; Oswaldo Cruz será o nosso "in hoc signo vinces", resplandecente e glorioso que nos conduzirá através da noite caliginosa em que nos encontramos envolvidos pela sua morte.

Quanto a mim, humilde discipulo,



tral-o-hei sempre presente no coração e no pensamento como um sagrado santelmo a guiar-me nas incertezas, abroquelando-me com o seu exemplo para afrontar as urzes da estrada que vou trilhando, insensível a todos os ataques, embotado para todas as ambições, surdo a todas as sugestões da cobiça que procurarem-me desviar do caminho de Damasco, onde encontrei a minha conversão e por onde iniciei o novo rumo da minha existência, guiado pelas suas abençoadas mãos.

E se, por uma fatalidade, nós não nos mostrarmos dignos de sua herança ou não tivermos a necessaria robustez para mantel-a, então, e é com coração nos labios que vos digo, os fados que me protegem poupem-me ao cruceiante tormento de semelhante dôr, cerrando-me os olhos para sempre, antes que eu possa testemunhar tal espectáculo. — (Do discurso pronunciado pelo dr. Arthur Neiva, na Sociedade de Medicina e Cirurgia — S. Paulo).

#### MACHADO DE ASSIS

... De Machado de Assis pode-se dizer o que de Sully Prudhomme disse Gaston Paris: "Il émeut savamment. Il réunit à la complete sincérité du sentiment une exécution très habile, très méditée, très personnelle..."

Alma recolhida e solitaria, nutrida das suas tristezas intimas, envolta nas sombras da duvida, Machado de Assis é o poeta da vida interior, clausurado no seu sonho, estranho á agitação que o rodeia. O seu verso, como o seu pensamento, resumbra e distilla toda a amargura que o envolve e domina...

Depois de "Esaú e Jacob" bem pouco produziu Machado de Assis. Morrendo-lhe a esposa a vinte de Outubro de 1904, entrou-lhe tambem a morte na alma, com os seus tristes presagios e as suas sombras funestas. A perda da companheira querida desatou os fracos liames que o prendiam ao mundo. Ella tinha sido a luz e o sorriso dos seus dias tristes, o am-

paro e o consolo da sua existencia atormentada de intimos pesares. Amando-o e admirando-o, a sua Carolina foi para elle providencia e abrigo. No seu labor solitario ella foi a guarda desvelada e terna do seu pensamento. Perdida aquella alma irman da sua, amargurado pelo abandono e pela solidão, enfraquecido de annos e trabalhos, perseguido de torturante enfermidade, Machado de Assis errava na vida sem vida, apenas a ella preso pela saudade da que lhe deixara dilacerado o misero coração.

Não lhe faltou, nesses dias penosos da viuvez, o conforto dos amigos. Instavam com elle para que na gloria da sua arte buscasse lenitivo para o sofrimento que o consumia. Era tudo em vão; a lembrança da esposa morta era a sua unica razão de viver... Só em 1906 a custo decidiu-se a reunir em volume algumas paginas de outr'ora, sob o titulo "Reliquias de Casa Velha": "Uma casa tem muita vez as suas reliquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu". Abre o livro, porém, uma pagina nova, uma pagina do tempo dolorido da viuvez, em que Machado de Assis rivalisa com os maiores poetas de todos os tempos e ascende ás alturas em que resoava a lyra sonora de Camões.

... Sabendo José Verissimo que o exemplar de "Esaú e Jacob", que lhe dera Machado de Assis, tinha sido o ultimo livro que lera a esposa do Mestre, devolveu-lh'o, depois da morte de Carolina, com algumas linhas expressivas... Machado de Assis agradeceu-lhe commovido o sentimento que o inspirava: "Foi certamente o ultimo volume que a minha companheira folheou e leu a trechos, esperando fazel-o mais tarde, como aos outros, que ella me viu escrever. Vae o volume para o pequeno movel onde guardo uma parte das lembranças della. E accrescentava: "Pelo que é viver commigo, ella vive e viverá, mas a força que me dá isto é empregada na resistencia á dôr que ella me deixou." E noutro trecho: Quanto á minha visão das coisas, meu amigo, estou ainda muito perto de uma

grande injustiça para descrever do mal. Nabuco, animando-me como você, escreveu-me que a mim coube a melhor parte — o soffrimento. A visão d'elle é outra, mas em verdade o soffrimento é ainda a melhor parte da vida.”

Era de certo a dôr o alimento do espirito d'elle. A dôr e a resignação serena e enternecida. De uma feita encontrou-o o mesmo Verissimo, quando elle vinha das bandas do morro do Livramento. Pararam os dois amigos, trocando palavras de affecto. Machado contou então a Verissimo que tinha ido ver a casinha pobre em que nascera. Tinham-lhe dito que estava em demolição; apressou-se por isso em ir arrecadar-lhe nos escombros algumas pedrinhas dos seus muros, que trazia no bolso do paletot, mostrando-as ao amigo. Não o vexava a origem humilde que tivera; antes, com ella formaria um diadema de gloria e de orgulho, se lh'o permittisse a simplicidade nativa da sua indole moral.

A viuvez, deixando-o solitario, levou-o a procurar a intimidade e o affecto de almas que o pudessem entender e amar. Um dos seus intimos, nessa quadra angustiosa dos seus derradeiros dias, foi Mario de Alencar, filho do cantor de “Iracema”. A amizade do pae tinha sido uma das grandes consolações da mocidade de Machado de Assis. São palavras deste: “Lembram-me ainda algumas manhans, quando ia achal-o nas alamedas solitarias do Passeio Publico, andando e meditando, e punha-me a andar com elle, e a escutar-lhe a palavra doente, sem vibração de esperanças, nem já de saudades. Sentia o peor que pôde sentir o orgulho de um grande engenho: a indifferença publica, depois da aclamação publica. Começara como Voltaire para acabar como Rousseau... A morte veio tomal-o depressa. Jamais me esqueceu a impressão que recebi quando dei com o cadaver de Alencar no alto da eça, prestes a ser transferido para o cemiterio. O homem estava ligado aos annos das minhas estréas. Tinha-lhe affecto, desde o tempo em que elle ria, não me podia acostumar á idéa de que a trivialidade da morte houvesse desfeito

esse artista fadado para distribuir a vida.”

O filho de José de Alencar, natureza retrahida e medrosa, com um talento só igualado pela sua timidez, soube retribuir a Machado de Assis os carinhos que este dispensara ao autor do “Guarany” nas suas horas de solidão e desengano. Viam-se os dois diariamente. Refere Mario de Alencar nas Paginas de Saudade”, que escreveu com a penna molhada em lagrimas, durante a molestia e logo depois da morte do seu grande amigo: “Parece-me estar a vel-o apontar á porta do salão da bibliotheca da Camara. Parava indeciso, como que a pedir licença, a pedir desculpa de importunar os raros leitores, que continuavam a lêr sem dar pelo visitante illustre. Entrava pisando pé ante pé, sem fazer ruido, e de longe acenava-me que não fosse ao seu encontro para não chamar a attenção sobre elle. Antes de sentar-se, indagava se não me ia incommodar, interromper o trabalho. O que o levava alli, era ás vezes uma preocupação de saúde, uma queixa do seu mal, para achar conforto, ás vezes uma impressão de noticias do dia, ás vezes coisa nenhuma, o simples gosto de conversar. A preocupação de saúde era frequente: ou havia os effeitos de um accesso do mal terrivel, ou a imminecia d'elle. Falava-me como a seu proprio medico, confiando-me tudo, consultando-me sobre minucias da molestia e o que havia de dizer ao seu facultativo; e era de uma docilidade, extraordinaria num sceptico, ás minhas opiniões e ás minhas advertencias; deixava-se persuadir e tinha prazer em ficar persuadido. Custava-lhe mais a resignação ao soffrimento moral, ao abandono em que o deixou a sorte, matando-lhe a companheira de tantos annos. Falava-me com os olhos velados de lagrimas; eu dava-lhe o conforto que podia, em palavras de affecto sincero, e com a habilidade inspirada por esse affecto ia desviando o seu cuidado para a arte, a outra companheira querida de toda a sua vida. Ao cabo, via-se sorrir e sentia o seu agradecimento no aperto de mão com que se despedia.”

No seu isolamento lamentava Machado de Assis que não tivesse tido filhos e ficasse naquella "orphandade ás avessas" que elle proprio definiu no seu ultimo livro. A alguém que lhe participava o nascimento do nono filho, disse elle: "Nove é talvez demais, porém nenhum é peor." E os olhos se lhe encheram de lagrimas...

Encerrado na sua dôr, no crepusculo que se fizera em seu espirito, escreveu em segredo o livro derradeiro da sua obra immortal. Durante toda a sua vida de escriptor Machado de Assis conservava o habito de nunca referir a ninguém a produção do seu labor e do seu sonho, na quietude das suas vigílias, naquella doce recanto do Cosme Velho, no meio das suas arvores e das suas flôres, a que chamou Olavo Bilac "o ninho do seu affecto e a officina do seu pensamento". Ninguem lhe conheceu jámais os projectos literarios. O apparecimento de um livro seu era sempre uma surpresa para os seus amigos. Com respeito ao ultimo redobram os seus resguardos e cautelas. Apareceu esse livro em 1908, poucos mezes antes que a morte o levasse. E' o "Memorial de Ayres". O que lhe deu forças para escrever este livro, cheio de encanto e poesia, foi a lembrança da sua companheira. Disse Araripe Junior: "O Memorial de Ayres" é o suavissimo poema wagneriano da saudade." Querendo perpetuar na sua obra o suave perfil de Carolina, procurou velar a querida criatura na ficção de um romance. Como observou Oliveira Lima, o pudor do soffrimento não lhe permittiu retratar Carolina exhibindo a sua dôr, e por isso lhe emprestou o disfarce literario: "A' sombra desse disfarce foi-lhe dado esbogar com liberdade o doce perfil da ausente, a criatura boa e dedicada, de quem se recordava cada dia, sem o proclamar em altas vozes, achando assim um meio de derramar sua saudade e depor sua piedosa offerenda sem tentar a comedia de uma apothese."

.. Numa carta a Mario de Alencar, datada de primeiro de Agosto de 1908, dizia-lhe Machado de As-

sis que era "Memorial de Ayres", definitivamente, o seu ultimo livro. E foi com effeito o derradeiro primor que lhe sahio das mãos já tremulas. Como se não quizesse mais da vida que o recordar a esposa morta, encerrou a sua produção literaria com o livro prodigioso em que deixou retratada a companheira. Trabalhou assim até as ultimas raiais da sua existencia, depondo a penna para morrer. O mal antigo recrudescia em ataques frequentes; succediam-se violentas as convulsões, que ás vezes o salteavam na rua. Veiu ainda outro mal sem misericordia, uma ulcera cancerosa na bocca. Estava irremediavelmente condemnado á morte. Recebeu a sentença resignado e sereno. A Lindolpho Xavier, seu companheiro de longos annos na secretaria em que trabalhou, disse uma vez que não sabia porque a sociedade não adoptara até hoje a eliminação dos velhos enfermos.

Emquanto o não vinha buscar a morte que o espreitava, tinha sempre um livro nas mãos. Uma das ultimas paginas que leu, buscando nella fortalecer a sua estoica resignação, foi aquella soberba "Prière sur l'Acropole", de Renan: "... Un immense fleuve d'oubli nous entraîne dans un gouffre sans nom. O' abime, tu es le Dieu unique. Les larmes de tous les peuples sont de vraies larmes; les rêves de tous les sages renferment une part de vérité. Tout n'est ici-bas que symbole et que songe. Les dieux passent comme les hommes, et il ne serait pas bon qu'ils fussent éternels..."

No seu final instante teve o leito rodeado de escriptores e amigos. Notou Euclides da Cunha que, se por acaso, elle trahia um gemido ou uma contracção mais viva do soffrimento, apressava-se em pedir desculpas aos que o assistiam, na ancia e no apuro gentilissimo de quem corrige um descuido ou involuntario deslize; dissimulava a propria agonia para não maguar os outros com o reflexo da sua dôr.

Na manhan de vinte e nove de Setembro de 1908 acabou aquelle martyrio. Na hora suprema pergun-

tou-lhe Guiomar, aquella mesma Guiomar, cuja "alegre risada crystallina" elle tinha cantado, se queria que viesse um padre... — Não quero, murmurou elle. — Não creio... Seria uma hypocrisia! E na sua face de marmore deslisaram as duas ultimas lagrimas. Dahi a nada estava morto.

Antes de ser dado á sepultura, no mesmo tumulo singelo onde dormia o eterno somno a sua Carolina, repousou por algumas horas no recinto da Academia Brasileira de Letras. Alli, a patria cobriu de bengams o seu nome, através da palavra de Ruy Barbosa, quasi desfeita em soluços... Na sua estupenda oração, o grande brasileiro, symbolo das nossas liberdades, disse de Machado de Assis que elle fôra o mestre da phrase, o arbitro das letras, o philosopho do romance, o magico do conto, o joalheiro do verso, o exemplar sem rival, entre os contemporaneos, da elegancia e da graça, do atticismo e da singeleza no conceber e no dizer, prosando como Luiz de Souza e cantando como Luiz de Camões...

Não ha melhor epitaphio para o tumulo que encerra tamanha gloria! — (De uma conferencia do sr. Alfredo Pujol, na Sociedade de Cultura Artistica — S. Paulo).

## HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

TH. RIBOT

E' impossivel resumir em poucas linhas a obra tão consideravel de Théodule Ribot. Quando elle começou a escrever, os ataques dos positivistas e sobretudo as criticas de Taine tinham mostrado a fraqueza da psychologia espiritualista da escola de Cousin. Sentia-se a necessidade de sahir das entidades metaphysicas e das explicações verbaes. Os inglezes faziam uma psychologia positiva, quasi unicamente fundada sobre a associação das idéas; os allemães, seguindo Webber e Fehner, procuravam introduzir a quantidade e a medida no estudo dos factos psychicos. Ribot co-

meçou por fazer conhecer em França estas duas psychologias, cujas tendencias o interessavam, mas adoptou logo um methodo muito differente e voltou-se para a pathologia mental ou nervosa, pedindo-lhe "experiencias naturaes", que deviam permittir-lhe estudar o mechanismo do pensamento, da affectividade e da vontade normaes. Os livros que foram inspirados por esse methodo são hoje classicos e traduzidos em todas as linguas; foram e são ainda o breviario dos psychologos e dos medicos; deram pontos de vista novos á pedagogia, á medicina, á philosophia e mesmo á litteratura; e marcam uma data, não sómente na historia da psychologia, mas na historia da philosophia geral. Demais, como já se tem notado mais de uma vez, elles prestaram aos psychologos e aos medicos o serviço pratico de unil-os, dar-lhes modelos de trabalho, um methodo e uma lingua communs. E' graças a Ribot, em grande parte, que muitos investigadores de differentes origens podem hoje associar-se, collaborar e chegar a algum resultado. Seria, entretanto, diminuir a importancia da obra de Ribot restringil-a á applicação do methodo que acabamos de definir. Este methodo não era, no seu espirito, senão um dos processos, e seguramente o mais fecundo, pelos quaes é possivel conhecer o mechanismo da actividade mental e ligar esta actividade ás suas condições organicas e cerebraes. Mas elle queria tambem descrevel-a na sua diversidade, estudar-lhe a genese, e é a razão por que elle reuniu ao methodo pathologico a observação interna de que elle tinha traçado os limites, a observação externa, os interrogatorios, os inqueritos, a comparação do homem com o animal, do civilisado com o primitivo, sem prejuizo de uma larga documentação anatomica e physiologica.

Se se quizesse classificar a sua psychologia e a philosophia geral em que ella se comprehende, é á escola ideologica que conviria ligal-a. Ribot fez, com a sua originalidade propria e graças a processos modernos de investigação, essa psychologia objectiva e biologica que Destutt de Tracy e

Cabanis tinham tentado e cujas grandes linhas Augusto Comte traçara. Era com Taine o herdeiro e o representante desta grande escola. A este respeito e apesar das influencias que ella tem soffrido, a psychologia fundada por elle é uma psychologia bem franceza. Este grande homem era a propria bondade. Acolhedor para os moços que trabalham e aos quaes dava exemplo do trabalho e de boa disposição intellectual, franqueava-lhes a sua revista, guiava-os com os seus conselhos, indicava-lhes problemas e sentia-se feliz com os successos delles. Era muito modesto e muito indifferente ás honras de titulos, os quaes recebeu sem os solicitar nem desejar. Não se interessava senão pela sciencia que tinha fundado e á qual consagrou sua vida. Esta vida que agora se extinguiu transeorreu quasi toda ao pé da montanha de Santa Geneveva, e foi calma, recolhida, laboriosa, creadora de valores novos.

Foi a sua mais bella obra, seguramente, porque nella se contiveram as outras, e foi tal como a queria aos trinta annos. Poder-se-lhe-ia applicar, como Augusto Comte fazia á sua, a celebre definição de Alfred de Vigny: "Une belle vie est une pensée de jeunesse réalisée dans l'age mur". — (Georges Dumas — *Revue philosophique*, Paris).

#### SOMNOS PROFUNDOS

Conheciamos já alguns casos de grandes nervosos que dormiram durante mezes e mesmo annos. Alguns foram celebres no seu tempo. E' de lembrar-se ainda a "adormecida" de Thenelles, que teve as honras de uma communicação á Academia de Medicina. Em seguida á uma visita de gendarmes á cabana em que ella habitava com suas irmans, Margarida D..., cujos antecedentes hereditarios eram muito carregados do ponto de vista nevropathico, foi presa, a 30 de Maio de 1883 de violentos ataques de hysteria, que terminaram, depois de vinte horas de convulsões, num somno profundo. Durou esse somno vinte annos. Alimentavam-na por meio de lava-gens. Nos primeiros annos violentos

acessos convulsivos interrompiam de vez em quando o seu torpor. Depois acalmou-se. Sua respiração era apenas apreciavel, seu pulso muito fraco, a anesthesia de sua pelle total. Foi emagrecendo sempre, até que no mez de Maio de 1903, depois de um novo ataque de hysteria ella despertou lentamente, parecendo em todos os pontos normal; mas chegara a um estado tal de decadencia physiologica, que no fim de alguns dias morreu.

Seria extraordinario que um cataclisma como este em que vivemos não trouxesse algumas manifestações analogas. Até o presente tivemos noticia de dois casos desse genero. Os dois individuos em questão foram examinados em Bordeaux, onde estavam hospitalizados, e a observação delles foi referida á Sociedade de Medicina daquella cidade pelo professor Verger, que os tinha entre os seus doentes. O primeiro é o caso de que os jornaes muito falaram.

O professor Pitres, que o estudou, nol-o pinta tal como o encontrou no comboio de feridos, em caminho para a Bretanha, depois de ter sido violentamente abalado, nos primeiros dias da batalha do Marne. Dormia com os membros lassos, sem contracção dos maxillares e um pequeno tremor perpetuo nas palpebras. A temperatura era normal, o pulso regular, o emagrecimento mediocre. Alimentavam-no a leite, caldos, chocolate e gemmas de ovo. Ha algumas semanas, dormindo sempre, elle foi temporariamente reformado. Sua mulher levou-o então comsigo e ha alguns dias chegou a Paris. O somno continúa, embora o abatimento seja, segundo parece, menos profundo. E' possivel que estejamos no preludio do despertar.

E' um typo differente o do segundo destes adormecidos, e o fim da sua historia lembra a da adormecida de Thenelles. Era um colonial, que foi repatriado dos Dardanellos depois de uma febre typhoide severa. Em Dezembro de 1915 admittiram-no ao hospital de Tardes. Nessa occasião elle estava mergulhado num somno que era, a bem dizer, uma verdadeira prostração, com os maxillares bem cerrados e os olhos fechados. Em Bor-

deaux, onde chegou a 9 de Fevereiro de 1916, os symptomas continuavam inalterados. Nenhuma excitação exercia influencia sobre elle. Sua respiração era lenta, com interrupções, sua temperatura não offerencia nada de anormal. Não se podia alimentar-o senão por meio da sonda. Os vomitos eram frequentes. A 1 de Setembro elle fez, pela primeira vez, alguns movimentos e seus olhos se abriram. Mas o olhar continuou vago. A' noite pediu rhum, queixou-se de ter frio. No dia seguinte morreu.

O professor Verger acredita que se trata, neste caso, de uma perturbação total das funções organicas de origem provavelmente toxica. Como no primeiro caso destes lethargicos citados, a circulação se tornara muito fraca, mas podia ainda permittir uma vida fraca, como a do somno. Desde que o homem despertou, tornou-se insufficiente para uma existencia mais activa, e succumbiu.

Como se está vendo, ha uma grande variedade desses somnos profundos, e os signaes delles, como as causas, como o fim, podem variar em proporções notaveis. Ha nelles tambem, confessemol-o, uma grande parte de ignoto. Em presenca desses factos, de certo modo desconcertantes, a sciencia constata, o medico limita-se a garantir a alimentação do individuo, esperando que o seu organismo saia dessa lethargia. Mais tarde, certamente, teremos a explicação disto. Por enquanto, registramos somente. — (Dr. H. B. — *Le Temps*, Paris).

#### A MULHER DE GÖTTE

A mulher de Göthe, Christiana Vulpius, filha de um pequeno funcionario de Weimar tem sido representada por alguns como uma mulher sem educação, de espirito e maneiras vulgares, enquanto outros a consideram ainda peor, como uma alcoolica habitual. E' preciso dizer, entretanto, que em Weimar havia muitas mulheres, cujo interesse era mostrar Christiana Vulpius sob a luz mais desfavoravel possível. Quando Göthe fazia uma viagem, não se deixava de dizer que o poeta achava intoleravel a mu-

lher e que fugia á sua companhia. Hoje, porém, não é mais possível dizer essas coisas. O sr. Graef publicou a "Correspondencia de Göthe com sua mulher", e de todas as cartas que enchem esses dois volumes vê-se claramente que a vida conjugal de Göthe não foi o inferno que se dizia. Sem duvida Christiana Vulpius não era uma mulher muito intellectual. Todavia, era capaz de interessar-se pelos trabalhos do marido, e como era moda então citar Göthe, ella tambem o citava. Mas, devemos reconhecer que foi discreta neste ponto e não quiz nunca parecer mais do que aquillo que era. Göthe, por outro lado, não lhe pedia muito. Bastava-lhe ter nella uma mulher bôa e affeiçãoada, e quanto a isso, podia declarar-se satisfeito. Certamente o poeta se comprazia em estar numa sociedade de senhoras brilhantes e cultas. Mas na vida ordinaria sabia muito bem contentar-se com a companhia de uma creatura simples e ingenua, que o repousava da sociedade e o deixava trabalhar á vontade. A mãe de Göthe, que pensava antes de tudo na felicidade de seu filho, depois de ter desapprovado a sua união teve de se convencer de que Christiana Vulpius era uma bôa mulher. E foi assim que essa orgulhosa burgueza de Francfort, que começara a chamar sua nora de "Senhorita Vulpius" veiu a chamal-a "amiga" e depois "filha dilecta". De resto, nada demonstra melhor a cordialidade de relações entre Göthe e sua mulher do que esta carta e a sua resposta: "No que respeita aos homens em geral, faz o bem que poderes, sem esperar delles muito reconhecimento. Nos detalhes, ha quasi sempre muitas desillusões. Mas no conjuncto as relações continuam bôas. Conserva a tua saúde, meu amor. O meu coração está invencivelmente junto a ti e ao filhinho. Quando se está bem consigo mesmo e com o seu proximo, possue-se o que ha de melhor no mundo."

A essa carta Christiana Vulpius responde: "Tua carta, meu caro, me alegrou muito. Havemos de nos amar sempre ternamente. A minha dedicação não mudou e eu faço sempre todos os meus deveres. O meu unico

erro é talvez o de ser muito benevola com todos. Sou muito bôa, creio eu, e os outros se aproveitam disso. Fiz uma outra experiencia. A dizer verdade, não podia agir de outro modo. Devo agora apagar esta impressão e continuar a proseguir no meu caminho recto, conservando bem a minha casa, amando meu esposo, divertindo-me com meu filhinho e fazendo somente algumas visitas de cortezia de quando em quando." Esta carta não é graciosa e não mostra que Christiana Vulpus era, pelo menos, uma mulher de bom senso e de bom coração?

Uma recente biographa de Christiana, a sra. Etta Federn, sustenta que a esposa de Goethe exerceu sobre o marido uma influencia muito maior do que a que se suppõe geralmente e apresenta como prova disto os numerosos versos que Goethe dedicou a sua mulher. — (*Bibliothèque Universelle*, Genebra).

## VARIÉDADES

### PHANTASMAS CELEBRES

As familias reinantes na Europa têm quasi todas, além da sua côrte viva e tangivel, um sequito espectral de seres mysteriosos que se interessam vivamente pelas peripecias da dynastia e apparecem aos reis para advertil-os de alguma desgraça ou da sua morte imminente. Uma das mais conhecidas dessas aparições é a "Dama Branca", que ha varios seculos assumiu o delicado, embora pouco agradável encargo de presenciar a morte dos principes da casa dos Hohenzolern. Diz-se que ella foi vista ultimamente no palacio de Potsdam. A "Dama Branca" é o espectro da condessa Bertha von Rosenberg, nascida em 1425, e que morreu tragicamente pelo fim do seculo XV, depois de uma vida infelicissima. A "Dama Branca" tem sido vista repetidamente nos castellos de Bayreuth, de Berlim, Carlsruhe e de Mannheim, etc. Os reinantes da França tiveram durante alguns seculos um cortezão espectral na pessoa do "Homem Vermelho", que apparecia pon-

tualmente antes da morte dos reis ou para denunciá-lhes alguma grande calamidade. Está historicamente provado que essa appareção foi vista por Henrique IV na noite que precedeu ao dia do seu assassinio, por Luiz XVI no inicio da Revolução e por varios membros da familia imperial, durante a guerra franco-prussiana. O proprio Presidente Carnot viu o "Homem Vermelho" na manha do dia em que cahiu assassinado e embora fosse tomadas todas as precauções possiveis para evitar um desastre, elle não poude fugir ao seu tragico destino.

Napoléão appareceu a sua mãe, Mme. Leticia, pouco depois da sua morte na Ilha de Santa Helena. Leticia Bonaparte, que em França era chamada *Mme. Mere* foi a ultima a saudar Napoléão quando elle embarcou para o exilio, respondendo ao seu *Adieu ma Mere!* no italiano *Addio figlio mio!* Seis annos depois, e precisamente na manha de 6 de Maio de 1821 *Mme. Mere* achava-se sentada no salão do palacio Bonaparte quando um creado annunciou um cavalheiro que trazia importantes noticias do Imperador exilado. Leticia ordenou que o fizessem entrar logo, e pouco depois apresentou-se-lhe o mysterioso personagem, envolto num amplo manto e com o chapéu desabado sobre os olhos. Retirando-se o creado, elle tirou o chapéu e abriu o manto, estendendo os braços para ella. Então Leticia, lançando um grito de alegria, reconheceu Napoléão. Suppondo que elle tivesse fugido milagrosamente de Santa Helena, como já succedera em Elba, Leticia quiz precipitar-se nos braços do filho, mas o contacto com as forças augustas do Ignoto paralyzou-a.

Emquanto ficava assim immovel, o espectro, olhando-a fixamente e escandindo as palavras disse com voz grave:

— "Cinco Maio mil oitocentos e vinte e um — hoje!"

Depois retirou-se lentamente para a porta, olhando sempre a mãe e desappareceu. Leticia, voltando a si de sua grande emoção, correu pela casa toda mas ninguem tinha visto sair o

mysterioso visitante. Sómente seis semanas depois chegou a confirmação da morte de Napoleão, succedida a 5 de Maio de 1821, ás 6 horas da tarde, ao passo que elle appareceu á mãe ás 11 da manhan seguinte.

O espectro que persegue a familia imperial da Russia tem uma extranha especialidade: a de revestir o semblante do principe a morrer e apresentar-se ante elle como um macabro "irmão siamez". Conta-se que pouco antes da sua morte a imperatriz Catharina estava lendo tranquillamente no seu "boudoir" quando uma dama da côrte, toda transtornada, veio annunciar-lhe uma coisa extranha: nada menos do que ter visto, ao passar pela sala de recepções, a imperatriz assentada no throno, coisa absurda, porque momentos antes a tinha deixado em seus aposentos privados, onde vinha encontral-a. Catharina empallideceu, mas era mulher de vontade ferrea e viril coragem. Sem hesitar, ordenou á sua dama que a seguisse e dirigiu-se para a sala do throno, onde encontrou effectivamente o espectro assentado. Atravessando a multidão dos cortezaões mudos e tremulos, a imperatriz affrontou o seu terrivel *alter ego* e intimou-o a que se fosse. Mas a apparição continuou silenciosa e immovel sobre o throno. Então Catharina, num paroxismo de ira e de terror, ordenou ás suas guardas que fizessem fogo sobre a usurpadora, mas apenas se deu a descarga, todos viram o throno vazio e erivado de chumbo. Dez dias depois Catharina da Russia morria.

Como a imperatriz Catharina da Russia, tambem a rainha Elisabeth da Inglaterra foi advertida do seu fim proximo por um espectro que tinha a sua physionomia exacta. O palacio de Hampton Court e a Torre de Londres são, de resto, um verdadeiro *rendez-vous* de apparições reaes, emquanto o espirito de Jorge III preferre como morada permanente o castello de Windsor. E' sabido que no início da guerra civil o espectro de Lord Straford se apresentou a Carlos I e lhe prenunciou a derrota e a morte tragica no patibulo. A imperatriz Elisabeth da Austria teve tambem um extranho prenuncio do seu

fim na noite que precedeu a tragedia de Genebra, em 1898. Desperta de um somno profundo, viu o quarto illuminado pelos raios da lua cheia e na luz della ponde perceber claramente o vulto de uma mulher que chorava e a fitava com profunda tristeza. De manhan, quando a dama de honor, condessa de Czateray, entrou no aposento da imperatriz, esta se achava pallida e transfigurada, ainda sob a influencia da apparição: "Sinto que um perigo me ameaça, disse, e que a minha morte está proxima". Poucas horas depois a pobre mulher cahia sob o punhal de Luccheni.

O rei Ferdinando da Bulgaria é assiduamente escoltado pelo defunto presidente do conselho, conde Stambuloff, que tem sido visto repetidamente ao seu lado. Uma vez Ferdinando foi fazer visita a uma princeza e não sabia explicar a agitação della e das outras mulheres presentes, que pareciam presas do mais vivo terror. E havia razão para isso, porque ao lado do seu rei, immovel, livido, com o olhar fixo e vasio, estava o espectro do fiel ministro... — (Reginald B. Span—*Chamber's Journal*, Londres).

## SOSIAS

*Sosia* de uma pessoa é uma outra que se pareça muito, com ella, a ponto de permittir a confusão. O vocabulo *sosia* é usado desde que Molière o empregou com essa significação, na sua comedia "L'Amphytrion", cujo entreecho consiste precisamente numa complicação derivada de semelhanças physicas. São innumerables os sosias historicos. Napoleão I, por exemplo, teve diversos sosias. Conta-se que elle estudava com Talma os gestos e as *poses*. O certo é, porém, que os seus gestos e attitudes impressionavam tanto que os soldados os imitavam. Os generaes passeavam com uma das mãos atraz das costas e a outra enfiada entre o terceiro e o quarto botões do uniforme, *pose* especial que aos soldados razos não era permittida, mas que, todavia, se tolerava nos heroes da Velha Guarda.

O principal sosia de Napoleão foi Alexandre Jean Bouché, violinista de algum valor. Na sua infância, Alexandre tinha sido um menino prodígio, applaudido em concertos, protegido pelo Marquez de Mirabeau e apreciadíssimo de Maria Antonieta. Depois, com a Revolução, foi com os seus conduzido para a Hespanha, onde amargou todas as tristezas da miséria e do esquecimento. Tornando, já de idade madura, á França, teve logo occasião de ver Napoleão. Verificou então quanto era verdade o que lhe haviam dito repetidas vezes: que se assemelhava extraordinariamente ao Imperador. Procurou logo augmentar por meio do artificio essa semelhança natural, imitando o Imperador nos gestos e no vestuario. Parece que o proprio Imperador, durante os Cem Dias, se valeu de Bouché. A verdade é que nesses dias Napoleão se multiplicava, sendo visto em toda a parte, prégando peças aos soldados, conversando com os burguezes, acciando petições, promettendo recompensas. Os jornaes falavam com admiração infinita do soberano que se fazia quatro, não conhecendo repouso, e que parecia renovar o milagre de Santo Antonio, pois succedia muitas vezes que enquanto uns affirmavam tel-o visto a tal hora em tal lugar, outros juravam tel-o visto á mesma hora a dez kilometros de distancia! E' certo tambem que Bouché, mais do que admirador, adorador de Napoleão, depois da batalha de Waterloo fez varias tentativas para substituil-o na sua prisão, satisfetissimo, dizia elle, se por acaso o tivessem fuzilado, para que o soberano e a patria se salvassem.

Em 1819, depois de uma *tournee* feita na Europa dando concertos que a sua estranha semelhança com o grande homem lhe tornavam muito proficuos, Alexandre Bouché foi a Bruxellas, hospedando-se num hotel cujo proprietario tinha sido sargento da Guarda Imperial. Quando este viu deante de si a imagem viva de Bonaparte, prorompeu num pranto de alegria, beijou-lhe as mãos com effusão, exclamando: "O Imperador voltou!" E, sem ouvir explicações, cor-

reu a espalhar a grata noticia entre os bonapartistas refugiados naquella cidade. As sras. Montholon e Las Casas foram as primeiras a saber que Napoleão tinha fugido da Ilha de Santa Helena. Mas Bouché não quiz que o engano durasse muito tempo. Por isso, foi á casa da condessa de Montholon, revelar-lhe a verdade. Uma creada que a condessa tinha conduzido comsigo de Santa Helena e que tinha vivido muito vizinha ao Imperador, assim que abriu a porta e se viu deante do violinista, correu á patrôa, gritando: "E' elle! é elle! está salvo!"

Bouché, durante a sua estadia em Bruxellas ficou hospede da condessa, mas não conseguiu nunca convencer a creada de que não era Napoleão. Partiu depois a dar concertos em França, onde correu um grande perigo: por causa dos applausos provocados só com o seu apparecimento em publico, a policia da restauração o accusou de conspiração bonapartista. A este respeito, é muito curioso um relatorio que em 20 de Setembro de 1820, o proeurador do rei mandou de Colmar ao governo e no qual entre outras coisas se lê: "Il a donné ici un concert fort applaudi, em partie pour la ressemblance. La culotte blanche, les bras croisés sur la poitrine, les gestes, la prise de tabac, toute la singerie y était. . . Il n'y a pas de sottises dont, dans certaines circonstances, on ne puisse abreuver certaines gens."

Este extraordinario sosia de Napoleão I morreu em Paris com a bella idade de 81 annos, sob o reinado de Napoleão III. Alexandre Bouché foi, como se vê, um sosia honesto. Outro tanto se não póde dizer daquelle que, pouco depois da morte de Tolstoi, valendo-se da sua semelhança com o grande escriptor, percorreu toda a provincia de Pacoff, procurando fazer crêr que Tolstoi não tinha morrido e que no lugar delle tinha sido enterado um individuo qualquer. Acrescentava que tinha sido condemnado á morte pelo governo e que, por isso, fóra obrigado a fugir. Os camponezes commovidos lhe davam as suas economias e o pseudo Tolstoi promettia

a todos fazel-os herdeiros do seu bello dominio de Jasnaia Poiانا. Era um vulgar explorador, que foi logo desmascarado e... liquidado.

Nos Estados Unidos havia, ha poucos annos, e provavelmente ainda ha, quem exercesse a profissão official de sosia de todos os grandes autores de theatro, dramatico ou lyrico.

A coisa foi revelada por Maximo Gorki, numa entrevista com o "Martin", reproduzida por muitos outros jornaes da Europa, na qual o illustre escriptor contava que, achando-se em Georgetown, a sua attenção foi attrahida por um annuncio theatral da primeira representação naquella cidade de um drama de Gorki accrescentando-se que o autor assistiria á representação. Gorki ficou muito surprehendido por esse annuncio e á noite não deixou de ir ao theatro para conhecer... o autor. O drama teve magnifico exito; o publico applaudiu calorosamente e Maximo Gorki viu... Maximo Gorki apresentar-se no palco e agradecer ao publico, com mesuras e sorrisos. A semelhança tinha sido conseguida com muita habilidade. Mas o verdadeiro Gorki, subindo ao palco, fez logo confundir o seu "Alter Ego", o qual se lhe lançou aos pés, pedindo-lhe que o não denunciasses e explicando-lhe que era aquella a profissão de que vivia, imitando os mais celebres autores, cuja presença á representação era desejada pelos empresarios theatraes. O homem, como verificou Maximo Gorki, já se tinha apresentado no palco figurando Sudermann, Rostant, Strauss, Puccini, Mascagni...

De resto, mesmo aos grandes homens pode ser ás vezes commodo encontrar um individuo que em certas circumstancias se lhes possa substituir. Victor Hugo, nos ultimos annos da sua vida fazia todos os dias, infalivelmente, um longo passeio de ida e volta na imperial do omnibus que da Magdalena vae á praça da Bastilha, recebendo cumprimentos de chapéo de todos os parisienses. Aquelle passeio quotidiano do grande poeta tornara-se uma instituição parisiense, e para os provincianos que iam propoitalmente aos *boulevards* afim de po-

derem dizer, voltando á sua terra, que tinham visto Victor Hugo, seria uma decepção dolorosa não o verem. Houve quem dissesse que aquelle Victor Hugo era um velho que se assemelhava muitissimo ao poeta. O certo é que da existencia de um sosia de Hugo, Flaubert convenceu um amigo que lhe tinha pedido o grande favor de ser apresentado ao Mestre. Quando com esse fim Flaubert conduziu o seu amigo á casa de Victor Hugo este, em vez de mostrar-se como faria o autor dos *Miseraveis* e das *Orientaes*, não soube senão pronunciar phrases banaes e até insulsas, tanto que Flaubert, apesar de toda a sua admiração pelo mestre, sahio logo, aborrecido, conduzindo consigo o amigo estupefacto, em cujo animo a impressão recebida se podia attenuar com a lembrança de que o proprio Homero cochilava. Mas Flaubert, depois de um longo silencio, disse afinal ao amigo:

— Não faz mal. Victor Hugo é sempre um grande homem, um homem grandissimo. Precisas saber que á noite, quando está muito cansado, vae dormir, fazendo-se substituir pelo seu porteiro, que se parece com elle extraordinariamente... — (Americo Scarlatti — *Minerva*, Roma).

#### AS BOAS MANEIRAS

Emerson definiu as boas maneiras como as "propriedades pessoas não communicaveis"; e deu como origem dellas a classe aristocratica, porque possuia certas qualidades de resolução e de dominio que a tornavam mais capaz de acção. Em outras palavras, as bellas maneiras provêm da capacidade de agir. Hoje as coisas estão mudadas; a capacidade de agir produz arrogancia, impaciencia, dureza e reserva cinica. A nossa geração não é jovial e cortez: na corrida desesperada á fortuna nós não temos tempo de parar para pensar na cortezia. E' o que succede sobretudo na America do Norte, onde o dollar impera incontrastado. Entre as pessoas educadas, as bellas maneiras são o resultado do respeito de si mesmo, de que

nasce o desejo de produzir agradável impressão.

Algumas pessoas confundem as bellas maneiras com os bons costumes. E' um erro. A cortezia é a expressão de um estado mental. O que chamamos moralidade é tambem um estado mental, mas de natureza diversa. Wilde observou que "a immoralidade começa em casa", isto é, justamente no logar em que geralmente a cortezia acaba. A idéa de casa lembra a imagem da creança. A creança norte-americana é uma especie de sub-producto do matrimonio pois não serve senão para manifestar a dose de orgulho e de vaidade, que os progenitores não podem desenvolver em torno da sua propria pessoa. E' acariciada, amimada, viciada. Vestem-na com requinte. Ninguém exerce sobre ella autoridade ou disciplina. E logo assume o aspecto de um estranho pygmeu, que de nada mais se espanta e que examina e analisa o futuro com olhar frio de quem já o conhece. O mundo é um brinquedo para ella. E' esbelta, intelligente e audaz. Mas no artificioso jardim da sua vida não ha um pequenino recanto em que possa florir e medrar a delicada flor das boas maneiras.

O homem que não sabe ser cortez não contribue para tornar mais agradável o quadro da vida. Os seus gestos, os seus actos, as suas palavras, não têm harmonia. Olha o fidalgo com o olhar suspeito e desdenhoso e grita aos quatro ventos que vale mais a sua rude franqueza do que a polida hypoerisia do outro. Mas não se lembra que esse outro, cortez e amavel, tem um codigo moral, por meio do qual dispõe e trata a sua vida no mundo. Tocqueville, observador agudo, escrevia em 1835: "A verdadeira dignidade das maneiras consiste em ficar sempre no logar proprio, sem subir acima nem descer para baixo; e isso pode fazer tanto um camponez como um principe.

Nas democraCIAS, todas as classes mais ou menos se confundem. Dahi a arrogancia, e consequente decadencia da dignidade."

E' claro que emquanto a vida commercial conservar o actual caracter tumultuoso, as possibilidades de trans-

formação e volta a maneiras mais cortezes serão poucas, senão de todo nullas. Mas a sciencia tende a tornar a vida cada vez mais automatica e menos pessoal. E deante de nós vemos no futuro um tempo em que a electricidade, obediente aos nossos minimos desejos, substituirá quasi completamente a obra do homem, servo ou patrão. Teremos então mais tempo disponivel. Que fazer delle? Talvez dedicando-o aos sports, á musica, á arte. E nesse caso haverá maior refinamento de maneiras. Ou então elle servirá para a caça mais ardente á riqueza, e esta, levada até o ultimo limite, só poderá conduzir á revolução social e economica. Mas, mesmo do chaos de uma revolução poderia surgir uma era de cortezia e distincção, como a que transformou a França em nova Republica cavaleiresca. — (Alan Sullivan — *Harper's Monthly Magazine* — Nova York).

#### DON JUAN

Segundo a tradição, D. Juan foi D. Miguel Manara, nascido em Sevilha em 1626 e cuja familia era originaria da Corsega. Seu pae, ambiçionando para elle o habito da Ordem de Calatrava, teve de produzir provas de nobreza e foi por actos de notoriedade na Corsega que essas provas se effectivaram. Sua mãe, extremamente devota, educou-o na maior religiosidade, o que não o impediu de ainda joven se lançar na devassidão mais desenfreada. Era, além disso, mystico, suppondo-se o alvo de advertencias divinas. Fatigado de seduzir, corromper, trahir e matar, amedrontado tambem pelas visões da morte que o perseguíam, D. Juan acabou entrando num convento. Essa é a lenda.

Na verdade, porém, Miguel Manara, com 30 annos desposou Jírolina Carillo de Mendoza, e amou-a tão apaixonadamente que quando ella morreu alguns annos depois, Miguel perdeu completamente a razão. Refugiou-se então nas montanhas de Ronsa, para onde levou o feretro da amada, e ahí viveu num claustro. Quando voltou a Sevilha, foi presa das mais

tragicas allucinações: via-se assistindo ao seu proprio enterro; via de repente, na rua, uma mulher com o andar e o talhe esbelto de Jerolina, e á medida que elle se apressava para alcançal-a, ella corria mais depressa e quando enfim se voltou, viu o corpo dessa mulher tal qual um esqueleto. Lançou-se perdidamente na religião, para resgatas o seu passado, fez doações consideraveis ás egrejas, condemnou-se ao papel de servo de miseraveis, de creado de cadaveres. Os seus dias transcorriam entre os enforcados e decapitados que elle amortalhava com as suas proprias mãos. Depois, sentindo proxima a agonia, quiz que sua expiação lhe sobrevivesse e redigiu o seu testamento: "Ordeno que meu corpo seja estendido sobre uma cruz de cinza, com os pés nús e envolto com o meu manto por sudario, um crucifixo á minha cabeceira, dois cirios e a cabeça descoberta. E' assim que meu corpo deverá ser conduzido, como pobre, com doze padres, e nem um a mais, sem pompa nem musica, á Igreja da Santa Caridade, e collocado no chão do cemiterio da dita Igreja, a saber: sob o portal, afim de que cada um marche sobre mim e me pise, e que assim seja enterrado o meu corpo immundo, indigno de repousar no templo de Deus. E' minha vontade que se ponha sobre minha sepultura uma pedra quadrada, de um pé e meio, com esta inscripção: "*Aqui jazem os ossos e as cinzas do peor homem que existiu no mundo. Orae por elle.*"

Foi segundo essa ordem que se fez em Sevilha a cerimonia dos funeraes de D. Miguel Manara, em maio de 1679. Ha dois seculos prosegue no Vaticano o processo para ver se esse peccador que soube se arrepender e expiar os peccados deve ser canonizado e declarado digno das orações dos fieis. — (Colonna de Cesari Rocca — *Mercure de France*, Paris).

#### ○ CAÇADOR DE CONDORES

O Dr. Frank M. Chapman, chefe da secção ornithologica do Museu de Nova York, em sua recente excursão pela America do Sul impressionou-se tanto

com um encontro que teve nos Andes com um authentico "caçador de condores", que, logo ao voltar para o seu paiz, consagrou no *Bird-Lore* um longo artigo a esse profissional. E de facto, poucos serão os que tinham imaginado que a caça ao magestoso rei dos ares possa constituir meio de vida. Para que matar essas aves gigantescas, mas de todo inoffensivas, que nunca atacam seres vivos e que, guardadas as proporções, são apenas os urubús dos Andes?

Contou o profissional caçador o cientista que nunca vira um condor caçar ou combater. Só elle, caçador, um dia fôra victima de uma dessas aves que suppunha morta, levando assim fortes pancadas e bem doidas, pudéra! — pois cada aza do condor méde quasi metro e meio de comprimento. O caçador nem sempre abate suas victimas com a carabina, ainda que em um só dia tenha chegado a matar 114 condores a bala.

Uma photographia reproduzida no *Bird-Lore* mostra a grande rêde em fôrma de choupana com que o caçador cobre um animal morto, esperando depois em um abrigo proximo a occasião de puxar a corda que fecha a portinhola. O record numa só redada foi de 64 condores! Ao todo, desde que elle exerce a sua profissão, o andino diz ter morto cerca de 16.000 dessas aves.

E qual o proveito dessa actividade, que, longe de ser louvavel, significa o exterminio rapido de um ser util e glorioso?

Ganhar dinheiro: serão poucos 20 dollars por ave? Por ave, dizemos mal: pelas 80 pennas vendaveis que ella fornece. São as modistas que commendam esse morticinio, para contentar as damas, a vaidade feminina, o luxo excentrico.

Mas Mr. Chapman (e nós com elle) prevemos que tal commercio tende a desaparecer. O preço das 80 pennas já desceu de 20 a 10 dollars.

Os Estados Unidos já ha alguns annos trancaram suas alfandegas á importação de taes pennas e na Europa tambem não ha grandes sobras para taes artigos de luxo.

Talvez a conflagração européa tenha por efeito salvar o condor do exterminio.

E' pouco, mas em todo caso já é alguma coisa.

#### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS,

##### Brasil:

FORMULARIO ORTOGRAFICO, de A. R. Gonçalves Vianna — Edição da Livraria Francisco Alves — Rio e S. Paulo.

A UNIDADE DA PATRIA, de Affonso Arinos — Edição da Livraria Francisco Alves — Rio e São Paulo.

PALAVRAS ACADEMICAS — Dr. A. Austregesilo, edição da mesma Livraria.

POESIAS, por Dias da Rocha Filho — Curityba, 1916.

OASIS — Poesias de Lindolpho Xavier — Rio de Janeiro.

IMPRESSÕES DOS ESTADOS UNIDOS — Dr. Rodrigues Doria — Bahia.

HYGIENE BUCCAL — Dr. Frederico Eyer — Rio.

PAGINAS LITERARIAS, por Souza Bandeira — Edição da Livraria F. Alves — Rio e S. Paulo.

METHODOLOGIA DA HISTORIA — Jonathas Serrano, Liv. F. Alves — Rio e S. Paulo.

POESIAS ESCOLARES — Oscar Leme Brisolla — Liv. F. Alves — Rio e S. Paulo.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO MEDICO-CIRURGICA — N. 2 — Rio.

BOLETIM ODONTOLOGICO — Dezembro de 1916 — Rio.

RENASCENÇA NATURISTA — Fevereiro de 1917 — S. Paulo.

A VIDA MODERNA — 15 de Março de 1917 — S. Paulo. Colaboração de Armando Prado, Wenceslau de Queiroz, Saul Maia, Léo Vaz, etc.

A CIGARRA — S. Paulo, 14 de Março — Trabalhos de Emilio Menezes, Amadeu Amaral, A. Carneiro Leão, Belmiro Braga, etc.

REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA — Fevereiro de 1917

— S. Paulo — A destacar: O meio circulante e a Caixa de Conversão, por Souza Reis; Do requerimento da fallencia, por Waldemar Ferreira; A circulação do ouro no mundo, por A. Du Puy; Sociedades cooperativas, por M. I. Carvalho de Mendonça.

REVISTA FEMININA — Março de 1917 — S. Paulo — Colaboração de D. Anna Rita Malheiros, Dr. Valeriano de Souza, Orlando Marçal, Presciliiana Duarte de Almeida, Mario Setti, Corrêa de Araujo, etc.

REVISTA DO INSTITUTO DOS DOCENTES MILITARES — N. 3 — Rio — A destacar: Assegurar a paz, pelo Cap. E. Trindade; Contribuição para o estudo da radio-telegraphia, pelo Ten. F. Mello Moreira; Alterações lexicas, por Maximino Maciel.

O CRIADOR PAULISTA — Fevereiro de 1917 — S. Paulo.

BRASILEA — Março de 1917 — Rio.

COMEDIA — 3, 10 e 17 de Março — Rio.

##### Estrangeiro:

ATLANTIDA — 16 de Fevereiro — Lisboa — A destacar: No atelier de Teixeira Lopes, por Julio Brandão; A educação cívica, a liberdade e o patriotismo antigos e modernos, por Antonio Sergio; Amphoras portuguezas, por Luiz Chaves; Produzir, eis o problema, por Fran Paxeco, etc.

REVISTA ARGENTINA DE CIENCIAS POLITICAS — 12 de Fevereiro — Buenos Aires. Principaes trabalhos: Libertad constitucional y licencia practica de la prensa, por Francisco Durá; Concurrencia de impuestos nacionales y provinciales, por J. M. Ahumada; La reorganización de la hacienda publica española, por J. Casais y Santaló; Roma puerto de mar, por A. Lanzelotti.

REVISTA DE FILOSOFIA — Março de 1917 — Buenos Aires — Trabalhos principaes: Los que pasan: Pedro Goyena, por Paul Grousac; El "espíritu" según Bergson, por Enrique Molina; La cultura cien-

tifica en los países hispano-americanos, por Alfredo Colmo; Las doctrinas de Cabanis y sus proyecciones pedagógicas, por J. Alfredo Ferreyra; Notas sobre la mentalidad colonial, por José Ingenieros.

LA REUNIÓN AMERICANA — Ns. 1 e 2 — Buenos Aires, Janeiro e Fevereiro de 1917 — A destacar: "La Reunión Americana", por Manuel Ugarte; Proyectos de reformas a la Constitución Mexicana de 1857, por Venustiano Carranza; Política Colombiana, por J. Cabrera Arroyo; La conquista de América, por Felix Esteban Cichero; La cosecha, por Cesar Welasquez; Figuras americanas (Gabriel René Moreno), por Alcides Arguedas.

REVISTA COMERCIAL — Montevideo — N. 11 — Fevereiro de 1917 — Trabalhos sobre commercio, industria, legislação, economia, finanças, estatística e administração.

RIVISTA DELLE NAZIONI LATINE — Janeiro e Fevereiro de 1917 — Florença — Artigos principaes: L'Opinione europea alla vigilia della guerra attuale, por A. Aulard; Un piano filosofico de A. Thiers, por H. Welschinger; La guerra e il socialismo, por Hubert Bour-

MERCURE DE FRANCE — 1 e 16 de Fevereiro — Paris — Principaes trabalhos: La Paysage et la Nature dans l'Oeuvre de Gustave Moreau, por Louis Boisse; Raspoutine, por J. W. Bienstock; Les Courants de la Social Démocratie, por Paul Louis; A prôpos de la vie chère, por Luis Narquet; La Mouvaïse Nouvelle, por Horace van Offel.

REVUE SCIENTIFIQUE — Janeiro e Fevereiro de 1917 — Paris — A destacar: La Récolte des Gêmons dans le Finistere, por P. Guérin; L'Enseignement technique em

Suisse, por Perregaux; La Biologie humaine ou Science de l'Homme, pelo dr. Grasset; L'Influence de la Recherche scientifique sur l'Industrie, pelo sr. W. Beardmore; Le Typha, por Eug. Collin.

FRANCE-BRESIL — Janeiro e Fevereiro de 1917 — Paris.

LA GRANDE REVUE — Janeiro de 1917 — Paris — Principaes trabalhos: Le Joug de la Guerre, por Léonid Andréief; Le Livre français d'après Guerre, por Charles Sautier; L'Organisation du Service de Guerre obligatoire, por Paul Deprade; L'Effort militaire de l'Espagne, por Alberto Mousset.

LA REVUE HEBDOMADAIRE — Fevereiro de 1917 — Paris — Publica: Les étapes de la victoire — Le soldat français, por Louis Barthou; La Victoire de la Marne por Henry Bidou; Un Grand Educateur, por Gaston Bonnier; L'Effort de la bourgeoisie, por Charles Chenu.

REVUE BLEUE — Janeiro e Fevereiro de 1917 — Paris — Le Patriotisme et le Sentiment national dans l'ancienne France, por Jacques Flach; L'Idéologie europeene en Russie, por G. Alexinski; La "Nouvelle Ere" autrichienne, por Paul Louis; Les Amants de Venise, por Charles Maurras; La Place de la Guerre actuelle dans l'Histoire générale, por Camille Jullian; Miranda, Général de la Convention, por Paul Adam; La Douma, por Paul Louis; L'Eternel "Imperialisme et les Illusions modernes", por René Lote.

REVIEW OF REVIEWS — Londres, Janeiro de 1917 — Lloyd George, por W. T. Stead; Joffre and his Career, por Charles Dawbarn; W. T. Stead and the War, por Arnold White.



# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

## ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

**DESPACHANTES:**

**BELLI & COMP.** — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli".

**ALFAIATES:**

**ALFAIATARIA ROCCO**—Emilio Rocco — Novidades em case-

mira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

**JOIAS** — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Soccorro de S. Paulo

— A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

△ SECÇÃO DE OBRAS DO △  
**O ESTADO DE S. PAULO**

EXECUTA-SE QUALQUER  
TRABALHO TYPOGRAPHICO

RUA 25 DE MARÇO, 145  
TELEPHONE 725 S. PAULO

**Loteria de S. Paulo**

**Em 10 de Abril**

**50:000\$000**

**por 4\$500**

*Os bilhetes estão á venda em toda parte*

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

# As Machinas **LIDGERWOOD**

---

Para **CAFÉ**      **MANDIOCA**  
**ARROZ**        **MILHO**  
**ASSUCAR**      **FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

**CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA**

**GRANDE STOCK** de canos de ferro galvanizado e pertences

---

**CLING SURFACE**, [massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

---

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

**Rua de São Bento N. 29-G**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"

